

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMANUELLY JACKELINY PISSINATI MARTINS

As Mídias de Ontem e de Hoje: uma discussão sobre o filicídio

Maringá

2015

EMANUELLY JACKELINY PISSINATI MARTINS

As Mídias de Ontem e de Hoje: uma discussão sobre o filicídio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia
Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa

Maringá

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

M383m Martins, Emanuelly Jackeliny Pissinati Martins.
As Medéias de ontem e de hoje: uma discussão sobre o
filicídio / Emanuelly Jackeliny Pissinati Martins. --
Maringá, 2015.
113 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo José da Costa.

Dissertação (Mestre em Psicologia) - Universidade
Estadual de Maringá. Centro de Centro de Ciências Humanas
Letras e Artes. Departamento de Psicologia, Programa de Pós-
graduação em Psicologia.

1. Psicanálise freudiana. 2. Relação mãe e filho. 3.
Maternidade. 4. Filicídio. I. Costa, Paulo José da da,
orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de
Ciências Humanas Letras e Artes. Departamento de
Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia. III.
Título.

CDD 21.ed.150.1952

EMANUELLY JACKELINY PISSINATI MARTINS

As Médi­as de Ontem e de Hoje: uma discussão sobre o filicídio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo José da Costa
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martínez
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Maria Elizabeth Tavares dos Reis
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Aprovada em: 11 de dezembro de 2015.

Local da defesa: Auditório do Bloco Q-04, Campus da UEM.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por guiar meus caminhos e pensamentos, sempre viabilizando minhas conquistas no momento mais adequado e me dando forças nos momentos difíceis;

Aos meus pais, Marcos e Meire e minha irmã, Letícia. Obrigada mãe, por ter me apresentado o mundo com tanto carinho e paciência, respondendo às minhas dúvidas da infância e lendo incansavelmente histórias que me despertaram o amor pelos livros e pelo conhecimento. Obrigada pai, pelo amor incondicional, por tantas vezes ter abdicado de seus desejos para garantir uma boa educação para mim. Você é meu exemplo de que a força de vontade e dedicação resultam em conquistas. À minha irmã, agradeço pelos momentos de bom-humor que tornaram alguns dias de tensão mais leves;

Ao meu caríssimo orientador Prof. Dr. Paulo José da Costa, pela liberdade e confiança referente ao presente trabalho, além da indiscutível qualidade de orientação, sempre disposto a considerar minhas reflexões e opiniões em todas as etapas de construção deste material, com uma postura de humildade científica, onde os saberes foram desenvolvidos ao longo de discussões;

A Prof.^a Maria Elizabeth Tavares dos Reis pelas valiosas contribuições com indicações de leitura, apontamentos e considerações a serem atentadas nesta pesquisa, as quais me fizeram refletir acerca desta temática e, também, pela delicadeza de suas palavras ao se referir a esta pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Viviana Carola Velasco Martínez, pela significativa contribuição em meu percurso acadêmico desde a graduação. Foi quem intermediou meus primeiros passos na teoria psicanalítica, me ajudou a compreender e a me encantar por esta ciência e agora participa de mais uma etapa de minha formação como integrante desta banca;

À Cristina Vilela, por ser desde o nosso primeiro contato um espelho para minha postura pessoal e profissional.

À minha analista, pela escuta, pela postura ética e comprometimento profissional, além de fazer algumas contribuições teóricas nessa caminhada;

Aos sempre presentes, Caroline Martins, Thiago Ruiz, Érick Mendes e outras pessoas especiais que participaram desta etapa com toda a forma de ajuda possível.

Aos membros da secretaria do programa de Mestrado, por terem sido sempre atenciosos, pacientes e polidos na resolução de minhas dúvidas e necessidades;

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de realização deste mestrado.

Descobri como é bom chegar quando se tem paciência. E para se chegar, onde quer que seja, aprendi que não é preciso dominar a força, mas a razão. É preciso, antes de mais nada, querer.

Amyr Klink.

As Medéias de Ontem e de Hoje: uma discussão sobre o filicídio

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os aspectos psicodinâmicos concernentes à mãe que comete filicídio, utilizamo-nos para isso da literatura psicanalítica, do mito de Medéia, bem como de relatos de casos ocorridos em diferentes países e que estão disponíveis nos meios de comunicação. O mito de Medéia, na versão de Eurípides, é uma produção referente à mitologia grega que traz consigo a dimensão trágica do psiquismo, onde ela assassina os próprios filhos. Embora seja um texto do séc. V a. C., a temática do filicídio não é obsoleta. Pelo contrário, sua ocorrência foi detectada em diferentes períodos históricos, sendo atual, encontramos relatos de ocorrências nas últimas décadas. Este tema carece ser mais profundamente estudado, haja vista que este assunto ainda é escasso no meio científico; por isso é importante o desenvolvimento de estudos visando aprofundar as discussões acerca do filicídio. Foram coletados materiais produzidos acerca deste tema nos bancos de dados online, tais como Scielo, Pepsic, Index Psi, Lilacs, Psique, disponíveis nas línguas portuguesa, inglesa, francesa, italiana e espanhola. Foram encontrados artigos, dissertações, teses, capítulos de livros e trabalhos de conclusão de curso. Em sites de notícias foram localizados casos atuais de filicídio em diversas partes do mundo. Isso justificou que a importância da compreensão destes eventos não se restringe ao campo mítico, ou a um passado longínquo, mas que existe na sociedade contemporânea. O material levantado foi organizado de acordo com o assunto: a mitologia grega e a psicanálise; o assassinato cometido por Medéia; relatos de casos atuais sobre o filicídio; compreensões acerca do tema com base em referenciais teóricos distintos da psicanálise; o viés psicanalítico acerca do filicídio. No percurso desenvolvido até então, inicialmente foi realizada referência à mitologia grega e suas características, bem como sua relação com a psicanálise, considerando a tentativa de se estabelecer uma interface entre ambas, especialmente naquilo que se tem de mais significativo no trato de elementos humanos referentes às emoções e aos sentimentos mais primitivos. Nessa sequência, destacamos o mito de Medéia, na versão euripiana, apresentando uma síntese da história, bem como algumas considerações que permitissem discutir o filicídio na interface entre a psicanálise e a mitologia grega. Além disso, destacamos os resultados de alguns estudos sobre a temática oriundos de outras áreas do conhecimento e foram expostos diversos casos de filicídio ocorridos na atualidade, disponíveis na internet. Na continuidade da presente pesquisa, buscamos uma compreensão psicanalítica de alguns elementos psicodinâmicos relacionados à genitora que realiza o filicídio. Para tanto, retomamos o mito de Medéia, os dados das pesquisas sobre filicídio expostos anteriormente, bem como os casos noticiosos relatados e, com estes materiais, conjecturamos acerca do filicídio em relação à vida conjugal, às experiências iniciais de vida, à relação entre mãe e criança, o suicídio planejado ou cometido em alguns casos e, inclusive, aos quadros psicóticos.

Palavras-chave: Filicídio. Mitologia. Mito de Medéia. Psicanálise. Psicodinâmica materna.

The Medéias from Yesterday and Today: A discussion about filicide

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the psychodynamic aspects relating to the mother who commit filicide, using for this the psychoanalytic literature, the Medea myth, as well as case reports occurring in different countries which are available in the media. The myth of Medea, in Eurípidés' version, is a production related to Greek mythology that brings a tragic dimension of the psyche, where she murders her own children. Although it is a text in the 5th century BC, the theme of filicide is not obsolete. On the contrary, its occurrence was detected in different historical periods, finding occurrences of reported cases over recent decades. This issue needs to be further studied, given that this matter is still scarce within the scientific community; so it is important to develop studies to deepen discussions about filicide. There are collected sources produced on this subject in the online databases such as Scielo, Pepsic, Index Psi, Lilacs and Psique. These are available in Portuguese, English, French, Italian and Spanish, where articles, dissertations, theses, book chapters and completion of coursework have been found. Current cases of filicide in several parts of the world can be found on many online platforms nowadays, such as the news and other social networks alike. It could be suggested that the importance of understanding these events is not confined to the mythical field, or a distant past, but it exists in contemporary society. The collected materials have been organized according to the subject: Greek mythology and psychoanalysis; the murder committed by Medea; actual case reports of filicide; understandings about the theme based on different theoretical references of psychoanalysis; and psychoanalytic understanding about filicide. In the way it had been developed, initially it was introduced on Greek mythology and its characteristics as well as their relationship with psychoanalysis, considering the attempt of establishing an interface between them, especially in what has been most significant in dealing with human elements related to the emotions and most primitive feelings. In this sequence, there is the myth of Medea in Eurípidés version, presenting a synthesis of the history as well as some considerations that allow the discussion on filicide at the interface between psychoanalysis and Greek mythology. It also stood out from other outcomes of some studies on the subject from other areas of knowledge where several cases of filicide occurring nowadays on the internet were exposed. In the continuity of this research, it is essential to find a psychoanalytic understanding that explains some about the psychodynamic elements related to the genatrix who accomplish the filicide. Therefore, we used the Medea myth, the data from research on filicide presented before, as well as the cases reported on the news and with these materials we conjectured about filicide based in the marital relationship, the first experiences in the mother's life the relationship between the mother and the children, the planned or committed suicide in some cases and even the psychotic cases.

Keywords: Mythology. Myth of Medea. Psychoanalysis. Maternal psychodynamic. Filicide.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: OS MITOS, A TRAGÉDIA GREGA E OS ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE FREUD	13
1.1. Os mitos.....	13
1.2. Mitologia e tragédia grega.....	15
1.3. A tragédia, os deuses e os homens	17
1.4. A catarse: uma descarga das emoções	23
1.5. Mito e psicanálise	31
1.6. Conflitos e ambiguidades: marcas do psiquismo em todos os tempos da humanidade	35
CAPÍTULO 2: EURÍPIDES E O MITO DE MEDÉIA	43
2.1. O tragediógrafo Eurípides	43
2.2. O mito de Medéia e outros mitos correlatos.....	45
2.3. Algumas considerações sobre o mito de Medéia	53
CAPÍTULO 3: AS MEDÉIAS DA ATUALIDADE	56
CAPÍTULO 4: ALGUMAS HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA O FILICÍDIO SOB O VIÉS PSICANALÍTICO	73
4.1. A vingança contra o cônjuge.....	75
4.2. Problemáticas referentes ao vínculo mãe-filho.....	81
4.3. Pensamentos de suicídio da genitora após cometer o filicídio.....	87
4.4. Mulheres com quadros psicóticos.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS:	102

INTRODUÇÃO

O ato de cometer o assassinato dos filhos é conhecido como um fenômeno denominado filicídio, interessando aqui particularmente os casos cometidos por genitoras. Sobre esta temática, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os aspectos psicodinâmicos concernentes à figura materna que comete o filicídio, para isto, foi feito o uso da literatura psicanalítica, do mito de Medéia, bem como de relatos de casos ocorridos em diferentes países e que estão disponíveis em meios eletrônicos.

Na literatura psicanalítica, raramente se encontra material a respeito da agressividade dos pais em relação aos seus descendentes. Mais raro ainda é encontrar material acerca do fato de que as mães também podem desejar e até mesmo cometer o assassinato de seus filhos. Apesar de ser este um assunto pouco abordado na literatura psicanalítica, o desejo de cometer uma ação que culmine no filicídio faz parte do universo inconsciente dos seres humanos, talvez não o desejo em si, mas os componentes de uma pulsão agressiva materna dirigida à criança que possa se manifestar em sua forma extrema através do ato de cometer o assassinato de um filho. Todos nós somos dotados de pulsões agressivas, que fazem parte do nosso psiquismo e permeiam as relações interpessoais, inclusive entre as mães e seus infantes. Tal afirmação se faz tão verdadeira que basta olhar para os diferentes momentos da história da civilização e será possível encontrar registros de atos de filicídio, tanto em narrativas de tempos remotos, como na mitologia, quanto em notícias do mundo contemporâneo.

Ocorre que este tema parece ser geralmente deixado de lado, onde possivelmente se prefira não pensar no assunto, talvez pelo horror que isso possa causar e, assim, muitos preferam ignorar o fato de que o filicídio acontece e precisa ser estudado. Um dado que corrobora para pensarmos sobre a dificuldade de encarar o filicídio como algo existente, foi pela escassez de publicações científicas, o que, por vezes, dificultou os avanços nesta pesquisa e, ao mesmo tempo, nos mostrava cada vez mais a necessidade de se abordar sobre este tema. Além disso, o repúdio social, ao longo desta pesquisa, foi constatado quando pessoas do campo acadêmico, ou leigas, tomarem conhecimento sobre a temática desta investigação e expressaram certa aversão sobre o assunto. Todavia, o contato com o conteúdo deste trabalho pode nos fazer encontrar a seguinte reflexão:

enquanto lemos e pensamos, vamos sentindo o filicídio como algo tão óbvio e palpável que nos perguntamos o porquê de ter sido sempre tão abafado e excluído das discussões psicanalíticas.... A verdade costuma ser óbvia. E simples.... A grande verdade revela-se aos nossos olhos como algo elementar e assimilável, exatamente como os melhores insights de nossos melhores momentos vividos durante o esforço psicanalítico que fizemos em nossa busca de cura. (Dametto, 1994, p. 17).

Talvez essa dificuldade social e científica em lidar com essa verdade esteja relacionada ao fato de que o amor materno é algo tomado, pela maioria, como absoluto e inerente à maternidade. E pensar diferente disso, ou aceitar que a realidade pode se mostrar de maneira oposta, soaria de maneira absurda para muitos, sendo mais confortável, portanto, acreditar que isso não acontece. Mas as notícias apontam para o outro lado.

O interesse por esta temática iniciou-se, primeiramente, pelo contato com o mito de Medéia, durante uma disciplina no Programa de Pós-graduação em Psicologia (UEM), sobre “Mitologia Grega e a Dimensão Trágica do Psiquismo”, com embasamento psicanalítico. Nesta época, o enredo do mito foi mobilizador de diferentes sentimentos, especialmente no que se referia ao fato de Medéia, por suas razões particulares, assassinar os próprios filhos. Este primeiro contato com o enredo despertou-nos para o horror desse ato, visto naquele momento como algo absurdo. Como é possível uma mãe matar os próprios filhos? Diante da leitura realizada, refletimos a respeito do que o mito trazia, sobre a realidade mais íntima do ser humano. Notamos que o filicídio não era exclusivo de uma história mítica do séc. V a. C. Pelo contrário, sua ocorrência foi detectada em diferentes períodos históricos, e é um fato que ocorre ainda nos nossos tempos, em diversas partes do mundo. Mas o que levaria aquela que deu à luz uma criança, após nove meses de gestação, acabar com a vida da mesma? Assim foi despertado o desejo de busca pela compreensão dos possíveis mecanismos psíquicos envolvidos em um ato tão impactante, tomando-se por base o mito de Medéia e notícias de casos mais recentes. A busca por respostas a esta indagação resultou, por fim, neste material que será apresentado a seguir.

Inicialmente, em *Os mitos, a tragédia grega e os estudos psicanalíticos de Freud*, buscamos realizar apontamentos sobre a mitologia e a tragédia em uma correlação com a psicanálise. A mitologia e a tragédia foram abordadas quanto às suas características que interessam ao tema desta pesquisa, ou seja, sobre aspectos emocionais humanos, haja vista que falar sobre o filicídio e buscar sua compreensão nos remeteu, em toda a pesquisa, à natureza do homem e seus sentimentos mais arcaicos, sejam eles vistos como bons ou ruins.

Este é um dos motivos pelo qual os aspectos gerais sobre os mitos necessitaram ser contemplados neste primeiro momento, pois a mitologia traz o ser humano em sua natureza mais íntima, com suas características positivas e negativas apresentando-o como ele é; o homem é tudo, ao mesmo tempo.

A tragédia e suas características foram retratadas nesta sessão do trabalho, pois a seguir foi exposto um mito trágico (o mito de Medéia, na versão euripidiana), assim já saberíamos que esta narrativa tem como característica fundamental uma heroína que vive dilemas e realiza as fantasias mais secretas da humanidade. Além disso, a mitologia e os enredos trágicos têm grandes semelhanças com a psicanálise; nelas existe a intenção de encontrar explicações aos elementos internos constituintes do ser humano (as emoções e a dualidade), tanto é que, não por acaso, o próprio Freud usou alguns mitos para estruturar seus estudos, encontrando neles a expressão dos desejos humanos mais ocultos. Assim, a mitologia grega e suas características foram clarificadas, e realizamos uma relação com a psicanálise, considerando a tentativa de se estabelecer uma interface entre ambas, especialmente naquilo que se tem de mais significativo no trato de elementos humanos referentes às emoções e aos sentimentos mais primitivos.

No segundo capítulo, *Eurípides e o mito de Medéia*, a narrativa de Medéia foi elucidada ao leitor de forma sumária com o objetivo de se exhibir a trama que constitui a tragédia, ao mesmo tempo em que já nesta sessão foi possível detectar na personagem principal características humanas que não são exclusivas da mesma, o que pode ser reafirmado nas considerações sobre esta narrativa elaboradas na sequência. Deste modo, além de sabermos do que se tratava a narrativa, viremos que o sujeito mítico e o homem atual ganham proximidade e semelhança. Uma mãe furiosa que mata seus filhos, um fato contado no mito, nos remeteu aos casos da atualidade e, mais que isso, gerou comoção e inquietações a respeito do que poderia levar uma mãe a cometer esta ação. Por isso, além de ser exposto o mito, nesta parte também se encontrou uma caracterização geral sobre as produções de Eurípides e o momento histórico em que foram produzidas suas obras, com o intuito de contextualizar o mito.

Assim, com a narrativa sucinta de Medéia, preparamos o cenário para o próximo capítulo, denominado *As Medéias da atualidade*, tendo como propósito sustentar a ideia de que a temática do filicídio não se restringe apenas ao campo da mitologia. Neste capítulo

pudemos encontrar relatos publicados em meios eletrônicos - especialmente em páginas policiais acessadas por meio de sites de busca - sobre os casos atuais ocorridos em diversas partes no mundo. Os casos foram selecionados com base em quem atuou para provocar a morte dos filhos, especificamente a genitora, sem ajuda ou participação de qualquer outra pessoa; portanto, não foram mencionados aqui acontecimentos de maior notoriedade pública, como, por exemplo, o caso de Isabella Nardoni. Tais registros foram procurados na internet em diferentes idiomas, com o propósito de identificar os casos em diferentes partes do mundo, bem como buscar diferentes quadros em que tais situações pudessem ocorrer. Aqui mostramos a importância de se pesquisar sobre o tema, pois casos assim não acontecem em proporções tão raras como se poderia imaginar. Mais uma vez, ressaltamos a relevância pela busca de entendimento dos elementos psicodinâmicos envolvidos nestes casos. É preciso encarar esta realidade e compreendê-la. Esta sessão também consistiu em algumas possíveis compreensões do assassinato dos filhos sob o viés de campos distintos da psicanálise, que puderam nos ajudar a iniciar a construção de reflexões sobre este o tema, as quais foram apresentadas de forma mais completa na última parte deste trabalho.

No capítulo quarto, finalmente, buscamos uma compreensão psicanalítica que explicitasse elementos psicodinâmicos relacionados à figura materna que comete filicídio. Isso foi realizado pela correlação de algumas temáticas que auxiliaram na reflexão e discussão do fenômeno aqui estudado, tais como: relação entre mãe e filho; pulsões que remetem ao modo como a mulher vivencia a maternidade; e possíveis conflitos internos infantis não elaborados. Para tanto, com inspiração no método psicanalítico e embasamento na literatura psicanalítica, retomamos o mito de Medéia na versão de Eurípides e os casos encontrados na atualidade. Tal retomada foi promovida por uma leitura do tipo flutuante que objetivou levantar hipóteses explicativas que permitiram conjecturar acerca do filicídio, juntamente com os referenciais teóricos utilizados neste último capítulo.

CAPÍTULO 1

OS MITOS, A TRAGÉDIA GREGA E OS ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE FREUD

Para transcender-se, não basta ao homem a sensação ou o gozo de imagens mitológicas, nem o sonho, nem o uso de palavras sublimes, como se nelas a realidade estivesse inclusa. Só na ação sobre si mesmo e sobre o mundo, em suas realizações é que êle adquire consciência de ser êle próprio, é que êle domina a vida e se ultrapassa. Isso se faz presente de duas maneiras: por ilimitado progresso no mundo e pelo infinito que se faz presente a êle em sua relação com o transcendente. (Jaspers, 1965, p. 50).

Desgraçados mortais, que, como as folhas, ora florescem, com a chama da vida, comendo os frutos do campo, ora são levados pela morte. Retiremo-nos sem demora da batalha e deixemo-los lutar sozinhos. (Homero, *Iliada*, p. 234)

1.1. Os mitos

“A palavra mito provém do grego *mythos* e significa fábula, tratado, narrativa dos tempos fabulosos e heróicos” (Martínez, 2003, p. 96). De fato, o mito trata-se de uma verdade, uma vez que apresenta aspectos da realidade em seus enredos. Os mitos são considerados um material rico em seus conteúdos, por tratarem de aspectos emocionais humanos - paixões, alegrias, fúrias, dores, comoções, dúvidas e tantos outros sentimentos - nas narrativas míticas e expressarem os dilemas do homem ao conviver com sentimentos de ambivalência e angústia. Uma vez que os mitos podem ser utilizados para entender estas facetas dos indivíduos, precisamos entender um pouco mais sobre aqueles, com base em alguns autores que dissertaram sobre este tema.

Bachofen (1943, citado por Azoubel, 1993) cita uma definição correspondente sobre este assunto, tratando a produção mítica enquanto um material que nunca será obsoleto. Para

ele, seria um registro da evolução humana armazenado em linguagem primitiva, com o diferencial de ser um conteúdo sempre recente, pois aquilo que se viveu em tempos arcaicos também é vivido no presente. Com isso, estudar os materiais míticos poderia revelar informações sobre um passado longínquo. Sendo assim, este autor considera a mitologia como a ciência da história da humanidade.

Vico (1725/1987), em seu livro *Princípios de una ciencia nueva: en torno de la naturaleza común de las naciones*, logo no início deste material, revela um pensamento semelhante ao defender que os mitos são cruciais para se entender a história e o pensamento social em determinada época. Ou seja, ao estudarmos as narrativas míticas com profundidade podemos compreender como eram as relações, as regras, os valores sociais, os sentimentos e pensamentos do povo que as criou.

Para Migliavacca (1992), sua sobrevivência até os dias de hoje é devida à memória dos povos e às suas reproduções contadas de geração em geração - muitas vezes com algumas alterações no enredo, mas sem perder sua ideia essencial. A mitologia é dependente da comunicação pela palavra, tanto que é esta mesma uma das significações para o termo *mythos*. Pastore (2012) explica que o vocábulo mito é originário do grego *mythos*, derivado de *mytheio* e *mytheo*. Sobre estas últimas, ambas têm significados relativos a narrar e contar. Na literatura grega, correspondia à transmissão de um conto, uma história ou uma lenda pelo uso das palavras. Migliavacca (2002) acentua que os mitos são narrativas verbais, mantidos pela tradição oral e pelo cantar em versos alguns acontecimentos sem uma data definida, também, por isso, são atemporais, pertencem simultaneamente a tempo nenhum e a todos os tempos.

Os enredos míticos foram construídos com tão grande vivacidade que eram capazes de provocar a imaginação dos ouvintes. Eram formados a partir das tentativas de se compreender e explicar as indagações acerca dos aspectos e fenômenos humanos. Deste modo, para Migliavacca (2002), as histórias míticas teriam como uma de suas funções mais relevantes a compreensão do ser humano e conseqüentemente a amenização das angústias suscitadas pelo desconhecido.

A autora elucida que a fonte de produção dos mitos situa-se no pensamento irracional, por isso, a realidade mítica não trata dos fatos narrados em si, mas sim do que os mesmos expressam nas entrelinhas. Este argumento é sustentado por Migliavacca (2002) pela

caracterização das produções míticas enquanto sua forma, dotada de plasticidade e fantasias. Sobre o conteúdo fantástico, é interessante a consideração feita pela autora sobre a possibilidade de satisfação dos nossos desejos mais íntimos por meio deles, a medida que somos levados a viver com os personagens das narrativas míticas certas fantasias e, inclusive, emoções do cotidiano pessoal e íntimo.

Migliavacca (1992) fala sobre as contradições humanas, que estas não se alteram ao longo do desenvolvimento da espécie humana, sempre são reeditadas, pois são inerentes à condição humana e às emoções. Além de inerentes são necessárias, haja vista que as mesmas mobilizam o homem, ora para o crescimento, ora para a destruição. Muitas vezes as emoções geram angústia e tensão que podem gerar a produção de materiais artísticos, como forma de descarregar as mesmas. O mito pode ser visto como uma destas artes resultantes. Em tais obras, todas as características humanas podem ser encontradas, desde o mais belo ao mais tosco da alma, muitas vezes estes traços aparecem juntos no mesmo indivíduo. Deste modo, podemos perceber que as incongruências humanas são escancaradas pelas histórias míticas.

Vernant (1981/2005b), ao tratar desta temática no campo da tragédia grega, remete também às contradições relatadas acima. Defende que o drama trágico acontece pela dualidade, por uma transição intencional de um lado ao outro do personagem, a fim de esboçar as ambiguidades inerentes à condição humana. O duplo sentido é a característica fundamental da tragédia e o mesmo não é passível de descrição, pelo contrário, os enigmas intrínsecos às mensagens não devem ser esgotados. Afirma ainda que o herói trágico, no desfecho da trama, sofre as consequências geradas por suas próprias palavras, as quais se voltam contra ele e o fazem passar por situações e sentimentos que jamais foram desejados.

1.2. Mitologia e tragédia grega

Migliavacca (2002) assinala que no momento em que se iniciaram as produções míticas de estilo trágico ocorreram algumas mudanças no modo de apresentação dos mitos. Nesta nova fase de construção das narrativas, não se realizavam apenas de práticas orais; além delas, foi construído um cenário composto por atores que exibiam, por meio de encenações, os dramas humanos. Se antes os espectadores já eram estimulados apenas com as narrativas, agora eles podiam se aproximar ainda mais das situações dramatizadas, haja vista que o personagem se humanizou pela tragédia. Tal humanização não se restringe à personificação

dos protagonistas na figura dos atores, mas se amplia pelas temáticas mais aproximadas das questões humanas, da vida cotidiana dos espectadores, os quais, por meio das peças, passam a ter consciência sobre sua individualidade, ao mesmo tempo em que se reconhecem como responsáveis por suas ações.

Brandão (1924/1992), em seu livro intitulado *Teatro grego: Origem e Evolução*, dedica um capítulo à temática das origens das dramatizações gregas. Um dos aspectos levantados pelo autor é referente à geografia, sendo atribuída a Corinto, região próxima a Atenas, o local dos primeiros constructos trágicos. Para Romilly (1980/1984a), em *Fundamentos de literatura grega*, o início do século V a.C. demarca a gênese da tragédia. Neste período, o cenário na Grécia era retratado pela sua vitória contra os persas graças ao exército de Atenas, cidade esta que desfrutava de honras e poder por este mérito. As atenções estavam voltadas para este local, onde foram produzidas as obras literárias mais significativas, especialmente no campo dos dramas trágicos, havendo destaque inicial para obras voltadas às temáticas de guerra.

Assim, complementamos esta descrição com a contribuição de Migliavacca (2004), quando a autora caracteriza a tragédia como uma produção resultante da cultura helênica e do momento histórico em que Atenas vivia no século V a. C. Com uma posição gloriosa na Grécia a *polis* avançava em sua esfera social até chegar, durante o governo de Péricles, a se constituir como um governo democrático. Em tal momento histórico, os cidadãos gozavam de direitos, a cidade estava preparada para acolher os estrangeiros, os escravos recebiam um bom tratamento e eram mais respeitados. As pessoas se sentiam mais livres e com essa abertura foi possível realizar o desenvolvimento das artes, dentre as quais se encontram os mitos trágicos.

Referente aos conteúdos narrados nas tragédias, Aristóteles (*Arte Poética*, s. d.) afirma que estas se originam do ditirambo, o qual seria a expressão dos sentimentos de forma coletiva por meio das artes, como uma forma de homenagear os deuses e heróis. Nestas produções haveria uma mistura de elementos líricos e religiosos expressivos de estados por vezes alegres, por vezes temerosos ou melancólicos, geralmente exaltando o deus Dionísio, de onde se originaria o teatro. De acordo com Brandão (1985a), embora o surgimento das obras trágicas seja algo de difícil explicação, uma das certezas é que o enredo destes mitos está vinculado ao culto a Dionísio.

As narrativas trágicas receberam incentivo político e passaram a ser apresentadas pela tradição oral em eventos públicos realizados anualmente em homenagem ao deus Dionísio. O deus do vinho e da exaltação era celebrado todos os anos em Atenas, durante eventos regados a muita festa, música e bebida, sendo tudo realizado de maneira tão frenética que resultava no desfalecimento dos participantes devido ao êxtase vivido. Em relação a este dado, Brandão (1985a) afirma que a tragédia apenas ocorre quando o *métron* (a medida de cada um) é ultrapassado. Ou seja, é um estado em que o sujeito sai de si e passa para um estado quase fusional com Dionísio. Além disso, as narrativas trágicas estão relacionadas aos sátiros. Acredita-se que os adoradores de Dionísio se fantasiavam como tais durante as celebrações e sacrificavam um bode em homenagem ao deus durante as festas. “Teria nascido assim o vocabulário tragédia.... “tragoidia” =.... “trágos”, bode +.... “oidé”, canto...., “ia”, donde o latim tragoedia e o nosso tragédia.” (Brandão, 1985a, p. 10).

Sobre a caracterização dos contos trágicos, para Brandão (1924/1992), os coros trágicos revelam ter como base o culto ao deus Dionísio. Contudo, embora os aspectos estruturais da tragédia - tais como, a festividade, os objetos utilizados e o local de exibição destes mitos – remetam a tal deus, há uma diferença substancial concernente ao conteúdo e ao rumo pelo qual o drama trágico se desenvolve. De fato, Dionísio foi um elemento propulsor destas obras, porém a configuração e o embasamento das mesmas devem-se ainda ao mito heroico, sendo possível observar características de ambos os aspectos na estrutura trágica. Observamos, ao mesmo tempo, a presença dos sátiros que cultuavam a Dionísio e aos heróis. Nas palavras de Brandão (1924/1992), “celebravam não apenas Dionísio, mas ainda as gestas dos heróis, que, na evolução da tragédia, acabaram fixando-se como assunto da mesma, sem que, no entanto, jamais o deus do êxtase e do entusiasmo tivesse cedido seu trono religioso” (p. 32). Ou seja, a divindade não era ausente nas temáticas, porém, os atos heroicos ganharam um destaque impar neste período de construção dos dramas trágicos.

1.3. A tragédia, os deuses e os homens

De fato, conforme aponta Lesky (1957/1976) em *A tragédia grega*, os gregos não teorizaram sobre o trágico, embora tenham-no criado. Para o autor, independentemente das definições mais aprofundadas deste termo, expressa um fato ou qualquer evento que saia do normal ou que desvie a trajetória de uma vida. Isso quer dizer que as narrativas expressam atos humanos provocadores da fúria divina por um personagem que não aceitou seu destino.

Acerca deste assunto, Lesky (1957/1976) aponta uma distinção conceitual que diferencia o conflito trágico fechado e a circunstância trágica. Baseando-se em Goethe, o autor caracteriza o primeiro, como sendo uma situação sem solução, portanto o resultado final do conflito é certamente a destruição. Mas este conflito não se apresenta como uma totalidade, mas sim como algo parcial no mundo, que possui seus motivos para tal desfecho. A situação trágica, por sua vez, também representa o conflito, mas neste caso o homem se vê sem alternativa para sair da situação em que encontramos; todavia, existe uma possibilidade de intervenção dos deuses, os únicos capazes de reverter a situação e possibilitar um desfecho feliz aos personagens.

O poderio dos deuses gregos se revela já nos mitos sobre a origem do mundo nos quais os mesmos deuses que criam são também capazes de provocar grandes destruições. Assim, notamos, com base em Migliavacca (1992), que os deuses dos mitos gregos são humanizados, sendo o antropomorfismo físico e mental uma característica encontrada apenas nestes. De uma forma muito singular a mitologia grega, se comparada a outras crenças ou religiões, retrata as divindades com características mais aproximadas dos seres humanos. Mesmo assim, os homens, mesmo sendo semelhantes aos deuses, não devem provocar a fúria divina ao tentar contrariar as decisões dos mesmos. E é no poder da decisão que encontramos a grande diferença entre homens e deuses, o poder que estes possuem sobre aqueles.

São, então, os deuses, determinantes da vida humana, que podem oferecer proteção, mas, quando contrariados, são cruéis, passionais e violentos. Os deuses amam alguns humanos, mas não sofrem de amor. Sofrem quando se sentem ofendidos e logo transformam este sentimento em atos que provocarão sofrimento aos homens. Assim, entendemos que

Os gregos, tal como outros povos, tinham a necessidade dos deuses para explicar aquilo que doutra forma não conseguiam.... resolveram o problema com grande satisfação sua, acreditando em deuses que não governavam apenas o mundo visível, mas que tinham a sua influência no destino e no coração dos homens. (Bowra, 1967, p. 73).

Durante o período em que os gregos produziram as tragédias, mesmo que nelas os homens fossem colocados como donos de suas próprias decisões, os deuses ainda interferiam em suas vidas, agindo na alma dos personagens. Essa observação de Migliavacca (1992) correlaciona-se com o que é discutido por Vernant (1981/2005b), em *Mito e tragédia da Grécia antiga*, ao pontuar sobre a ação trágica ocasionada pela fúria divina. Para ele, os personagens lutam contra os desejos dos deuses, tentam se igualar aos mesmos adquirindo a

única característica que lhe falta para ser um deus: a imortalidade. Todavia, esta atitude desafiadora não é admitida pelos deuses e causa-lhes indignação. O homem que não reconhece seus limites tem um fim trágico provocado pelas divindades, como consequência das ações humanas.

Ao nos referirmos ao contato do homem atual com os mitos, podemos dizer que nossa relação com os gregos fica consolidada quando somos atingidos em nossas emoções, ao entrarmos em contato com os temas da mitologia. Estes temas são vastos, tratam sobre a origem do universo, sobre o infantil, o feminino, a velhice, as emoções humanas e a morte. Uma temática que não varia e está presente em todas as narrativas é a limitação humana diante das figuras divinas. Os mortais tem seu destino traçado pelos deuses e jamais devem almejar se igualar a eles e alterar o que já está traçado. Todos, inclusive os deuses, tem uma determinação em sua trajetória. Porém, os seres humanos, em sua condição de insatisfeitos, sempre almejam mais do que aquilo que lhes é dado, então, tentam ultrapassar limites, enfrentar os deuses e suas determinações.

Esta ação é percebida como uma desmedida do ser humano e é tratada pelos deuses com um castigo, pois ela é a causa de um desequilíbrio na ordem universal. Na verdade, compreendemos, conforme a explicação de Migliavacca (1992), que a postura desafiante do homem revela sua necessidade de ser reconhecido no valor de sua existência. É uma maneira de demarcar a própria individualidade pelo mergulho no mais profundo íntimo do seu ser e emergir com sabedoria. O intuito não é eliminar a figura dos deuses, mas sim, se desenvolver, amadurecer. Este processo implica em ter de suportar a dor e assumir as consequências. Na mitologia, a relação dos homens para com os deuses não é de igualdade, mas de enfrentamento, para que o homem possa se estruturar em si mesmo a partir dos desafios que lhe são impostos. Em uma análise, inferimos que os mitos apontam para a angústia de se necessitar integrar dentro de si os opostos, os deuses e os monstros numa coisa só, ou seja, os desejos humanos e a impossibilidade de realização dos mesmos necessitam de ser agregados.

Uma das divindades mais significativas em relação à defesa da ideia de que as narrativas estão relacionadas aos desejos humanos, conforme a Migliavacca (2002), é Afrodite, representante das paixões incontroláveis que geralmente culminam em destruição, pois aqueles que são influenciados pela deusa passam a agir sem o uso da razão. Ora, seria então Afrodite a provocadora de ações voltadas para a realização das satisfações pulsionais

humanas, as quais, sem a existência de alguma barragem, podem facilmente acarretar na destruição de quem as executa.

Migliavacca (1992) afirma que os gregos, em relação ao homem civilizado, estavam mais próximos da aurora da humanidade. O povo grego necessitou de um enorme esforço para se humanizar, ou seja, para sair de um estado primitivo e tornar-se conhecedor dos seres humanos. A autora atesta que este povo se desenvolveu tanto que chegou a um nível de civilização jamais alcançado por outros povos. Em sua vida, marcada por um contato íntimo com a natureza, viviam em um tempo ancestral em que muitos fenômenos de explicação desconhecida eram tomados como fonte de temor, necessidade de reverência e busca de compreensão dos mesmos. O mundo foi explicado pelos deuses. O mundo dos gregos, os fenômenos da natureza e dos humanos eram explanados e demarcados pelo religioso.

O período das produções trágicas se inicia com destaque para as obras de Ésquilo, o qual engendrou materiais acessíveis até os dias atuais, entretanto, conforme o gênero trágico foi se desenvolvendo, outros poetas ganharam notoriedade. Os tragediógrafos, de acordo com Migliavacca (2004), embora escrevessem sobre aspectos um tanto quanto diferentes, eram dotados de uma característica comum: retratam a vida dos homens, suas ações, seus erros e as consequências de seus atos.

Vernant (1981/2005a), afirma em sua obra *Mito e tragédia na Grécia antiga* que o gênero literário trágico, possui algumas regras estruturais novas para os mitos da época e dentre as inovações está a expressão dos sentimentos humanos, uma vez que essa questão foi abordada de modo peculiar pelos gregos ao produzirem a tragédia de uma forma incomparável, se pensarmos em outros momentos da produção mítica. O ser humano é revelado em suas contradições internas – daí a máscara, como um possível representante externo desta contradição. O autor segue sua ideia afirmando que os personagens trágicos são marcados pela dubiedade, “culpado e inocente, lúcido e cego, senhor de toda a natureza através de seu espírito industrioso, mas incapaz de governar a si mesmo.” (Vernant, 1981/2005b, p. 10).

A máscara, segundo Migliavacca (2004), era usada pelos atores e permitia a evocação das mais intensas emoções humanas despertadas nos espectadores. Este artefato acentua o despertar dos acontecimentos terroríficos e significados ocultos contidos nas narrativas

trágicas mitológicas. Para Leski (1971) a tragédia talvez possa ser considerada uma das mais ricas heranças da civilização atual advinda dos gregos, não apenas por ser uma fonte de informações que nos permite acessar a cultura grega, mas, especialmente, por retratar experiências humanas que despertam o leitor para viver conjuntamente com os heróis as mais variadas emoções ao longo do desenrolar das histórias. Mas não é só isso que a torna tão especial. Suas construções mostram o homem como seu foco de atenção, como um indivíduo consciente de si e de seus atos, e ao mesmo tempo responsável pelas repercussões de suas escolhas, mesmo sendo elas desastrosas devido aos momentos em que forças internas o tornam cego para reagir da maneira mais coerente e menos prejudicial.

Falamos, neste momento, de uma consciência trágica, um momento no qual o herói percebe que não pode escapar de seu destino, o que lhe cabe fazer como única alternativa é aceitá-lo, mesmo que conteste e se rebele contra os deuses. O homem sabe que o destino é inescapável, mas por ter consciência e capacidade reflexiva ele mantém sua postura de herói, não se deixa rebaixar pelo destino que os deuses traçaram para ele, vai até o fim lutar pela sua honra utilizando os recursos que possui. De acordo com Migliavacca (2004),

sua grandeza se revela, por exemplo, quando ele assume ser quem ele é, de modo limpo, visível, destacando-se do vulgo e delineando com traços bem marcados, seu caráter e sua individualidade, à qual ele se apegava de modo feroz, mormente por ser a única coisa que lhe resta de inquestionavelmente sua. (p. 61).

Neste sentido, notamos que ao se falar sobre a consciência trágica, falamos a respeito de um homem que sabe o quanto o destino é inescapável. Não há, certamente, uma consciência plena e absoluta nos seres humanos, porém, existe a consciência de si, do que o sujeito é em determinado momento (mesmo em situações de desgraça) e mesmo tendo este conhecimento, os deuses e as forças do destino, em momento algum são negados. Deste modo, vale pontuar aqui que não estamos retratando uma consciência total acerca de si e do mundo, ou como se algo inconsciente fosse se desvelando a todo o momento, nem nos referimos à consciência no sentido estrito psicanalítico como o conhecimento oriundo de uma análise, embora possam ser feitas correlações entre ambas e serem possíveis graus de aproximação, mas não necessariamente como sendo conceitos equivalentes de modo unilinear e inequívoco.

Sobre os aspectos humanos, Migliavacca (2002) expõe que a tragédia concebe o indivíduo como um ser consciente de seu mundo interior, ele sabe que é constituído por uma

subjetividade e que é responsável por suas escolhas e ações. Ademais, o sujeito nela envolvido, conforme aponta Lesky (1957/1976), é consciente do próprio drama existencial, ou seja, o herói se mostra consciente de suas ações e seus sentimentos e isso o permite pensar sobre suas forças emocionais internas antes de agir. Caso contrário, não haveria o trágico marcado pelo conflito entre a fatalidade e os personagens trágicos, pela indecisão, pelos poderes incontroláveis dos deuses e pela responsabilidade humana por seus atos.

Referente a esta responsabilidade do ser humano, Vernant (1981/2005b) acrescenta que no sentido trágico, a mesma acontece quando os personagens são apresentados com uma postura reflexiva acerca de seus atos. Contudo, ainda não existe a absoluta autonomia para a decisão dos rumos de seu destino, haja vista que os deuses ainda atuam em suas vidas. Assim, na consciência trágica, o herói é julgado em decorrência de seus atos e o personagem sabe a respeito da força que o destino desempenha em sua vida.

Aí está a articulação entre o humano e o divino realizada pela tragédia. Mas há também uma postura que consideramos mais ampla diante da articulação entre deuses e humanos encontrada em Oliveira (2006), quando o mesmo faz uma consideração acerca da reverência aos deuses nos enredos trágicos. Apontamos que esse tipo de adoração e respeito pode estar também relacionado ao valor atribuído ao ser humano dotado de múltiplas características em sua personalidade, sendo elas caracterizadas como “forças eternas que nos fascinam.” (Oliveira, 2006, p. 10).

Na verdade, o herói trágico representa o ser humano. Migliavacca (2002) explica que ele transita da posição na qual é determinado pelos deuses e outra na qual é autor de seus atos e responsável por tais. Desta maneira, os tragediógrafos construíram obras novas, com novos conceitos sobre o ser humano e os fatos corriqueiros da vida, sem abandonar a estrutura de construção dos mitos.

A obra de Aristóteles, *Arte Poética* (s. d.), é uma referência para aqueles que estudam sobre as obras trágicas e os mitos produzidos pelos gregos. Segundo o autor, a tragédia imita as ações humanas na vida cotidiana permeada por momentos de alegrias e dissabores. Estes eventos são notavelmente identificados nas narrativas, quando o enredo caminha no sentido de uma transformação drástica na vida dos personagens.

1.4. A catarse: uma descarga das emoções

Lesky (1957/1976) explica que a tragédia é caracterizada como a história de um infortúnio, de alguém que teve sua sorte afetada e transformada em miséria. O evento trágico estaria então nesta frustração do personagem ao se deparar com a falência de um mundo imaginário, perfeito, transfigurado em desgraça e sofrimento que acometem não apenas o ator, mas também o espectador.

Deste contato com os aspectos humanos e a possibilidade de senti-los pelos enredos trágicos, ocorreria o que se chama de catarse, sendo esta, para Aristóteles (*Arte Poética*, s. d.), possível devido à maneira de apresentação dos eventos trágicos capazes de atingir os humores da plateia e despertar nesta um diverso leque de fortes emoções que promovem a identificação da mesma com o herói trágico, bem como o alívio das pulsões.

A tragédia grega, na definição de Aristóteles (*Arte Poética*, s. d.), é como uma imitação da realidade executada pelos atores, capaz de gerar a catarse das emoções por provocar nos espectadores a comoção, de caráter piedoso ou de medo, sendo tais contradições fundamentais para a estrutura da obra trágica. Seria uma espécie de purificação das emoções pelo terror ou piedade provocados naqueles que entram em contato com a trama das tragédias.

Para tanto, estas podem ser consideradas uma maneira de representar a realidade, por meio de uma estrutura de narrativa mitológica capaz de estimular a exaltação dos humores por intermédio de histórias essencialmente dramáticas. Tal comoção provocaria uma espécie de descarga emocional combinada a uma sensação de prazer próprio sentido pelo espectador. Para Marco (2000/2012), a catarse é um processo no qual o sujeito que assiste às cenas está imune de qualquer consequência negativa. Isso corresponde à explicação de Migliavacca (2004), ao anunciar que a tragédia aborda e expressa conteúdos pulsionais desconhecidas pelo homem. Uma vez que tais conteúdos humanos sofrem transformações durante a produção das obras míticas, quando o espectador aprecia o teatro trágico sente-se como se vivesse as emoções dos atores e não consegue reconhecer que as mesmas também fazem parte de seu mundo interno. Desta forma, o teatro grego apresentou os dramas, o sofrimento e as paixões humanas (pathos) com base nos mitos. “Isso significa que a Tragédia refere-se a um relato mítico-poético do sofrimento humano, onde se apresenta uma natureza humana passível de sofrimento” (Martínez, 2003, p. 96).

Por isso, Aristóteles ((*Arte Poética*, s. d.)) elucida que a construção poética realiza a imitação (*mimese*) das reais paixões e ações existentes na vida humana, em um cenário imaginário, mimético. Isso, segundo o autor, seria uma aproximação e confirmação da realidade por meio da obra artística. Desta maneira, uma vez que a arte reproduz a realidade pelo imaginário possível, o prazer provocado por meio desta estaria vinculado ao contato com uma natureza humana plena de entusiasmos, sofrimentos e angústias.

Ainda sobre a relação do homem com os conteúdos dos dramas trágicos, na concepção de Brandão (1924/1992), a tragédia tem sua gênese nos mitos, os quais são naturalmente horríveis sendo, por isso, necessário que o poeta trágico comova o espectador com o terror ou a piedade, para gerar um encantamento e não o temor relacionado à mitologia. Apenas assim seria possível realizar a catarse por meio do contato com a obra de arte em que o espectador se vincula emocionalmente com o personagem, ao invés de temê-lo. Por intermédio deste vínculo afetivo com o personagem, o espectador relaciona suas próprias vivências à trama mítica, de modo que seus sentimentos são mobilizados e ele entra em contato com seu próprio universo particular. Neste sentido, podemos fazer menção a Lesky (1957/1976), quando o mesmo afirma que podemos nos relacionar com o próprio mundo ao sermos afetados e nos sentirmos comovidos com o enredo trágico. Para o autor, “Somente quando temos a sensação do *Nostra res agitur*, quando nos sentimos atingidos nas profundas camadas de nosso ser, é que experimentamos o trágico.” (Lesky 1957/1976, pp. 26-27).

Os mitos que nos são disponíveis até os dias de hoje não se tornaram obsoletos com a passagem do tempo e as mudanças histórico-sociais. Isso pode nos trazer um indicativo de que nas narrativas existem temáticas tão intimamente humanas que tornam as histórias mitológicas atemporais, interessantes e úteis em qualquer época, pois seja qual for o momento de vida do ser humano, o mesmo irá se identificar com algo nos enredos, mesmo que não perceba tal identificação.

Hoje, nossa cultura ocidental faz o uso dos mitos produzidos na cultura helênica, não apenas pelos conteúdos em si, mas especialmente por retratarem a natureza humana de modo transparente, em suas mais profundas particularidades, estas que muitas vezes tentamos esconder, ou até mesmos negamos a existência. Mas essas forças estão em nós, queiramos ou não. Quando entramos em contato com as narrativas, lidamos com nossa realidade psíquica e todos os afetos nela inseridos, sejam os mais belos, sejam os mais horríveis. E é na vastidão

de sentimentos humanos que podemos encontrar um motivo para o grande número de deuses apresentados nos mitos com diferentes características, sendo esta uma forma encontrada pelos gregos de contemplar os diferentes aspectos de nosso mundo interior.

É por este viés que Vernant (1981/2005a) conceitua a obra trágica demarcada por um contexto interno do ser humano, permeado por pensamentos, valores, crenças, sensações e ações. “A própria consciência trágica nasce e desenvolve-se com a tragédia. É exprimindo-se na forma de um gênero literário original que se constituem o pensamento, o mundo, o homem trágicos.” (p. 09). Assim, ela se localizaria, dentre as produções de sua época, em uma área de articulação entre o humano e o divino.

No período das produções míticas, os conteúdos humanos eram expostos por meio de metáforas, ou seja, de maneira simbólica. Migliavacca (2004) afirma que se trata de uma maneira de expressar um conteúdo afetivo de forma diferenciada, de outro modo, o qual, no momento em que fora desenvolvido o mito, talvez fosse a única maneira de se expressar as emoções. É assim que as narrativas se mostram e essa característica de serem constituídas por uma linguagem simbólica contribui para lhe conferir a condição de uma produção que nunca se torna antiquada. Quando as pessoas se deparam com as narrativas metafóricas da mitologia, encontram um campo aberto para projetarem seus conteúdos psíquicos e se identifica. Mesmo sendo metafórico, o mito não oculta nada em suas narrativas, na verdade ele escancara aquilo que temos de demasiadamente humano em nós mesmos.

Cassirer (1942/1993) aborda, em sua obra *Las ciencias de la cultura*, que pelo universo simbólico a vida humana sofreu grandes e significativas mudanças de repercussão dimensional de um mundo que deixa de ser apenas físico e palpável, como o é para os animais, e passa a ser também simbolizado e propulsor de um contato com o mundo externo e consigo mesmo. Talvez, a humanidade tenha seu marco inicial no pensamento mítico, sendo este resultante da busca pela resolução de questionamentos e curiosidades sobre o homem e suas origens. Mas “a lógica que prevalece para o pensamento mítico é a do inconsciente, nada tem que ver com a do pensamento científico.” (Azoubel, 1993, p. 47). Contudo, mesmo o pensamento científico não exclui o pensamento mítico. Este, muitas vezes, é utilizado como recurso quando o homem se vê diante do novo desconhecido e se apresenta semelhante ao dos homens da pré-história. O mito, por permitir o retorno às origens permite a intersecção com a psicanálise no que tange os primeiros acontecimentos da vida do sujeito. Assim, a psicanálise,

de acordo com Martínez (2003), fala sobre os momentos iniciais da vida do ser humano visando a compreensão de situações atuais que trazem em si marcas impressas de um momento originário, conforme apresentado por Freud quando este apresentou explicações acerca dos sintomas, os quais socorreriam mediante a uma situação atual que remete de alguma forma ao evento traumático vivido na infância.

Migliavacca (2002) aponta que a tragédia não tem como objetivo exibir o destino com um caráter moral, como se o herói cometesse algo ruim e, por isso fosse merecedor de um castigo. O herói, mesmo no sofrimento, é concebido com grandiosidade, como um ser elevado e digno, isso possibilita a construção de uma relação de identificação do espectador com este herói. Neste sentido, fazemos uma conexão desta ideia com o conceito de culpa trágica.

Sobre este termo, a catarse gerada pelo contato com o enredo trágico - promotora da satisfação e do alívio dos próprios afetos - é uma representação da vida em sua concretude. No caso deste tipo de estrutura mítica, de acordo com Lesky, o traço de maior característica é a culpa trágica; neste conceito está implícito a passagem por uma revolução na vida do herói trágico o qual se encontrava em um estado de tranquilidade e passa a viver um sofrimento intenso. A culpa trágica, também denominada de culpa originária, remete à características inerentes ao ser humano, como retoma Aristóteles, dotado de defeitos e falhas – não no sentido moral, mas sim no aspecto humano em si. Assim, Lesky (1957/1976) nos mostra que o mito trágico coloca seus personagens em situações que o fazem passar por uma experiência vivida conscientemente de angústia existencial e dor, inerentes à condição humana, a dor, o trágico, o destino e a culpa trágica são igualmente inescapáveis. E mesmo que as ações não sejam premeditadas e intencionais, o destino é inevitável e a culpa não é diminuída.

Desta maneira, a ação trágica é marcada pela culpa trágica, esta última tem relação ao termo grego *métron* e à ação desmesurada de quando o *métron* é ultrapassado (*hýbris*) pelo herói, momento no qual o personagem se coloca frente a frente com a ira divina, o que gera consequências para o mesmo e tudo aquilo que está a sua volta, por motivo de castigo divino. Mas esta culpa não é de cunho moral - não se remete às normas da vida civil -, e sim, trata-se de algo respectivo à condição humana. Sobre este conceito, como expressa Martínez (2003), “não se trata de uma falha de ordem moral, mas de uma culpa original, de uma culpa infundida na própria existência humana, será esta culpa o próprio nascimento, como Sileno afirma?, ou melhor, estará a culpa no desejo de retornar ao corpo materno numa incestuosa

fusão? Oscila, o herói, entre a falta e o excesso.” (p. 192).

Em Freud, na obra *Totem e Tabu* (1913/1996j), também encontramos menção à culpa trágica, quando o autor faz menção ao herói trágico e reflete sobre qual seria “o significado de sua 'culpa trágica'?” (p. 162). A esta indagação encontramos como resposta a explanação de que o herói da mitologia ocupa um lugar no enredo daquele que, por ser uma figura primitiva, precisa sofrer para aliviar toda a culpa da humanidade, ou do Coro - representante do povo. Assim, ao herói é atribuída a responsabilidade por suas “falhas” e seus sofrimentos. O sofrimento humano aparece como uma necessidade para o desenvolvimento da tragédia.

Entender a mente humana, assim como era para os gregos, afirma Migliavacca (2004), continua sendo uma curiosidade. Com isso, aprendemos sobre o homem pela observação dos outros e de si mesmo e o que é apreendido se transforma em produção, sendo esta variável conforme a época vivida, podendo assim se tornar uma pesquisa científica, um poema, um conto, uma música, um mito, dentre outros, sendo este último a mais antiga das formas de expressão do conhecimento sobre o humano, sobre os indivíduos e que necessita de explanação e compreensão. Para a autora, o mito, assim como as outras produções, provocaria pelas explicações e representações, um apaziguamento e uma organização do universo diante das emoções assustadoras e de desamparo geradas por aquelas emoções que eram concebidas como forças assustadas e incontroláveis.

Azoubel (1993) considera que a formação dos mitos revela a necessidade e o desejo humanos de autoconhecimento, de entender o mundo ao seu redor e sua relação com ele. Deste modo, pelo processo de conhecimento das coisas, o homem foi definindo sua identidade e se modificando ao mesmo tempo. Se antes essas necessidades eram satisfeitas pela construção da mitologia, hoje os seres humanos buscam compreensões mais lógicas e racionais. Enquanto os homens contemporâneos se veem cindidos de seus antepassados, os homens primitivos, pautados nos mitos, se viam diretamente vinculados aos seus primórdios.

Consoante à Migliavacca (2002), a mitologia grega é concebida como um orgulho para a sociedade ocidental (sua herdeira). O valor dedicado aos mitos gerou interesses diversificados no campo dos estudos e pesquisas acerca desta área. Eles não são uma narrativa fechada. Por isso, para Migliavacca (1992), eles carecem de interpretação para serem entendidos. Assim, há uma variedade de áreas do conhecimento que os investigam sendo

algumas delas, a História, a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e a Psicanálise. No caso desta última ciência, a relação com a mitologia existiu desde os primeiros momentos de sua formação. A autora exprime que a vida emocional dos seres humanos desde muito tempo é um objeto de investigação; muito antes do desenvolvimento da psicanálise, já existiam materiais artísticos e literários que buscavam entender o universo emocional que nos habita.

A manifestação e realização das fantasias mais secretas pelos enredos míticos são intermediadas por dilemas vividos. Conforme mencionado por Migliavacca (2002), os heróis míticos sempre são retratados em situações conflitantes que precisam ser sanadas para que se decida qual ação será tomada. Assim, passamos a conhecer aspectos psicológicos dos personagens e nos identificamos com os mesmos em meio aos seus dilemas existenciais. O personagem mítico não é o único a ser revelado nas histórias, na verdade, quando isso acontece, o ser humano também o é, independentemente do tempo histórico em que este se insere. O mito se configura, desta forma, como um material universal, pois fala sobre conflitos humanos vividos pelos homens de todas as épocas e, também, ao longo das fases da vida individual.

De acordo com Eliade (1963/1968) o mito tem como função dar sentido e significado à vida humana, além de explicar a existência e as condutas dos indivíduos. A compreensão da sua estrutura e função nos auxilia a entender a história do pensamento dos homens que viveram no passado e na atualidade. Isso por que os mitos relatam eventos primordiais que provocaram a formação do pensamento humano contemporâneo. O homem de hoje é resultado e produto de acontecimentos míticos. Conforme as reflexões de Pastore (2012), talvez nossas produções e crenças atuais sejam versões atualizadas da mitologia grega.

No sentido de haver uma correlação proximal entre o pensamento do sujeito mítico e do homem atual percebemos que o tempo primordial necessita ser vislumbrado com atenção, em especial ao que se refere às obras mitológicas. Eliade (1963/1972) considera que os mitos são resultantes dos sofrimentos vividos na história humana. Para este autor, estudá-los permite conhecer as formas de pensamento e de vida dos povos mais primitivos entre seus pares e com a natureza, sendo assim, o mito retrataria uma etapa primordial, revelaria os mistérios da origem do mundo. O mesmo apresenta-se como a base da vida dos seres, e até hoje buscam-se na mitologia garantias para a definição da identidade humana. A retomada ao mito permite

sair do tempo atual e retomar um momento ancestral da história da espécie que não exige explicações lógicas e racionais.

Para as sociedades arcaicas, de acordo com Eliade (1963/1972), ter conhecimento sobre as origens de cada coisa era significado como a posse e o domínio sobre elas. A obtenção do conhecimento para se apreender o futuro está retratada no pensamento da cosmogonia, por meio da qual conhecer as origens, *ab origine*, permite prever o futuro. Neste futuro está inscrita a ideia de um mundo em constante reconstrução.

Eliade (1963/1972) explana que o valor atribuído ao conhecimento das origens não se situa apenas no pensamento das sociedades mais antigas. Até os dias de hoje esta valorização se manifesta de diferentes maneiras, sendo inclusive encontrada na psicanálise. Para esta ciência o estudo do início (do mundo primordial) ocorre no universo humano a partir da infância e de uma estrutura inconsciente que pode ser comparada a uma construção mítica privada. Ademais, é possível se pensar que o inconsciente abrange ainda valores cósmicos em seus conteúdos. Ou seja, há no inconsciente um material carregado de uma história da humanidade, de sua filogênese. O homem entra em contato com este seu passado longínquo por meio dos sonhos, das fantasias ou de produções artísticas.

Azoubel (1993), baseando-se em Freud, afirma que o inconsciente não é apenas um depósito de conteúdos reprimidos. Além destes, há também registros da mente primitiva e das formas de pensamento existentes ao longo da evolução humana. Tudo isso não apenas existe, mas atua de forma dinâmica na vida mental humana. A respeito do início da vida, Eliade (1963/1972) comenta que

de tôdas as ciencias da vida, sòmente a psicanálise chega à idéia de que o "comêço" de todo ser humano é beatífico e constitui um espécie de Paraíso, enquanto as demais ciencias da vida insistem sobretudo na precariedade e imperfeição do comêço. (p. 73).

Eliade (1963/1972) ao falar sobre este início da existência como um estado de extremo bem-estar, ressalta na psicanálise a fantasia de bem estar pleno no início da vida, sendo também encontrada esta visão em culturas arcaicas, dentre as quais o autor aponta a Grécia; em ambas as áreas, encontramos a valorização dos momentos iniciais da vida. Outro aspecto frisado pelo autor, retoma a possibilidade de reviver e reordenar – repetir recordações e elaborar - algumas situações traumáticas iniciais pela rememoração, de acordo com a

psicanálise. Nesta vertente, seria possível verificar outra ponte com a mitologia, pois esta sustenta a crença de que o passado pode ser reatualizado se revivido, neste caso a revivência seria coletiva, haja vista que os mitos eram expostos para a sociedade em espetáculos públicos.

O suposto estado de beatitude nos momentos iniciais da vida, conforme mencionado no parágrafo acima, pode ser compreendido pela teoria freudiana a respeito da estrutura psíquica primitiva. Sabemos, de acordo com Freud (1905/1996k), que a criança, ao nascer, é governada pelo processo mental regido pelo estado de narcisismo primário no qual predomina o princípio do prazer. Isso significa dizer que tudo aquilo que acontece com a criança, e lhe gera prazer, é vivido como se fosse ela mesma quem provocasse, pois se encontra em um estado de onipotência e de não diferenciação entre aquilo que pertence à criança e aquilo que é do mundo externo. Ocorre que toda a energia libidinal volta-se para o próprio bebê, por isso Freud (1923/1996e) entende que, neste momento inicial de sua vida, o aparelho psíquico infantil é orientado pelo princípio de prazer, o qual tem como função promover a satisfação imediata das necessidades da criança para que ela possa se fortalecer psiquicamente e progredir para o desenvolvimento de novas estruturas do aparelho psíquico. Por isso a ideia de bem-estar relacionada às origens. Tal pensamento deve-se ao fato de se acreditar serem estes momentos os mais prazerosos da vida humana.

No caso da ciência psicanalítica de Freud, o retorno seria ao mundo primordial individual. Dizemos, então, que a percepção do psicanalista sobre a possibilidade de retorno ao passado para a reestruturação e renovação do presente já existia em tempos anteriores à criação de sua teoria. Porém, seja no pensamento mítico, seja para a psicanálise, o retorno não significa a revivência idêntica ao primeiro momento, na verdade essas áreas consideram que os retornos "colocam em evidência o seguinte fato: 'o retorno à origem' prepara um novo nascimento, mas este não repete o primeiro" (Eliade, 1963/1972, p. 76). Em relação à revivência de momentos anteriores, Pastore (2012) aponta que o inconsciente humano é habitado por conteúdos paradoxais e conflituosos que necessitam se repetir para serem revelados. A repetição seria uma tentativa de encontrar o ponto originário, a satisfação primária absoluta e ao mesmo tempo ameaçadora.

Uma vez que a revivência exige uma capacidade mental de se lembrar dos eventos, Eliade (1963/1972) faz a distinção entre *mneme* (memória) e *anamnesis* (recordação), a

primeira é superior à segunda, que por sua vez está interligada ao esquecimento. O autor faz referência à mitologia e à deusa onisciente Mnemósine, representação mítica da memória, irmã de Cronos e Oceano. Sua capacidade de saber sobre tudo abrange o conhecimento das origens do mundo, da genealogia das coisas, sendo tal conhecimento acessível aos poetas quando os mesmos são comunicados pelas Musas (filhas de Mnemósine). Rememorar estes eventos não implica em situá-los em um contexto temporal definido, significa, sobretudo, descobrir os primórdios.

1.5. Mito e psicanálise

Migliavacca (1992) expõe que o motivo pelo uso das narrativas míticas em intersecção com discussões psicanalíticas pode ser justificado pelo fato de que a mitologia tem legitimidade histórica, é influente na construção do pensamento ocidental e é rica em conteúdos relacionados às inquietações da alma humana, de forma que os mitos apresentam as tragédias da vida humana e os sentimentos mais miseráveis vividos pelos homens de todos os tempos históricos, os quais são objetos de estudo da psicanálise.

Na verdade, Azoubel (1993) afirma que os atos humanos sempre estão vinculados (mesmo que não se perceba diretamente) aos mitos, sempre em busca do tempo original. De maneira semelhante, a psicanálise valoriza o início da vida, as primeiras relações do sujeito com o mundo, o tempo original que será revivido ao longo da vida psíquica. Porém, além de retomar o momento original, a psicanálise busca integrá-lo ao momento presente. Foi assim que Freud conseguiu atingir alguns aspectos da subjetividade humana, até então desconhecidos para a ciência de sua época. Por meio do estudo do inconsciente, a psicanálise pode investigar o passado dos sujeitos e da humanidade no momento presente.

Logo que Freud (1893/1996i) começou a investigar sobre as neuroses, se deparou com a constatação de que os conflitos psíquicos tinham relação com momentos iniciais da vida de suas pacientes. A mitologia ilustrou aspectos da vida humana e foi pelo interesse em comum sobre as origens, a natureza humana e a relação entre passado-presente que ela e a psicanálise se mostraram parceiras.

Para Migliavacca (2002), Freud foi um pesquisador livre que buscou estruturar seus pensamentos baseando-se em suas experiências e observações clínicas relacionadas a outras

fontes de conhecimento, tal como a arte, a literatura e a mitologia. Em sua relação com esta última área não teve a intenção de realizar análises psicanalíticas com as obras, mas comprovou suas hipóteses por meio destas narrativas tão ricas de simbologias que retrataram os sentimentos humanos.

Azoubel (1993) informa em seu livro *Mito e psicanálise: estudos psicanalíticos sobre formas primitivas do pensamento*, que uma grande contribuição de Freud foi a demonstração da possibilidade de se usar o mito em uma diversidade de estudos sobre o homem, desde o mais primitivo ao mais civilizado. A relação entre essas duas figuras humanas revela-se constantemente quando o homem atual mostra-se dotado de alguns pensamentos primitivos, sendo os mesmos usados como recurso psíquico para a manutenção do equilíbrio, adaptação no mundo e defesa pessoal. Desta forma, a psicanálise identificou a presença de mitos nos homens - em suas estruturas psíquicas inconscientes - e fez deles objetos de estudo a serem investigados e resgatados. Constituiu-se assim a ponte entre a mitologia e a psicanálise.

Freud (1929/1996f) afirmara outrora que o psiquismo é composto por memórias oriundas da filogênese e da ontogênese e que as pulsões são equiparáveis às entidades míticas. A relevância dotada ao mito é tamanha que Freud (1900/1996b) recomenda aos psicanalistas, em seu livro sobre a *Interpretação do Sonhos*, um curso de mitologia, pois os sonhos, assim como os mitos, representam desejos e conteúdos inconscientes que nos afetam sem que saibamos, neste caso, o destino dos homens seriam as suas pulsões. A valorização é tão significativa que este teórico faz analogia aos mitos para sustentar seus conceitos.

Baseando-se em diversos autores, Migliavacca (2002) comenta que os mitos seriam equiparados aos sonhos; os primeiros se construiriam no campo grupal e os outros no individual. Atualmente, estas duas esferas estão preservadas no homem em um nível inconsciente. Uma das contribuições de Freud (1900/1996b), ao estudar sobre os sonhos, foi caracterizar o ser humano como um ser governado por forças inconscientes que realizam influência sobre seus comportamentos, pensamentos e a sua forma de se relacionar. Com os estudos psicanalíticos, o homem foi exposto como responsável por seu psiquismo, mesmo desconhecendo todos os seus conteúdos internos. Diante de sua situação de responsabilidade, o homem pode fortalecer seus recursos egoicos - pelo conhecimento pessoal e pelo aumento de sua consciência - para melhor lidar com este seu mundo interno, extraordinariamente poderoso.

Migliavacca (1992) aponta que os sonhos e a imaginação são pensamentos humanos muito próximos do pensamento mítico; todos estão atrelados ao simbólico e são formados a partir de processos mentais. Eles têm relação com as fantasias inconscientes reveladas de forma distorcida, manifestam desejos incestuosos, parricidas, de punição, reparação e outros que podem facilmente ser detectados pelo inconsciente quando o homem se depara com as histórias. Desta maneira, a ciência construída por Freud buscou revelar os momentos iniciais da vida humana.

Sobre o retorno ao passado, o mesmo pode ocorrer de diferentes maneiras. Uma delas é pelo modo regressivo em que se lembra de forma minuciosa os eventos pessoais e históricos do passado, conforme cita Migliavacca (2002). O objetivo é promover a liberdade dos indivíduos das experiências psíquicas passadas, não se tratando de uma busca por anular os fenômenos, mas, pelo contrário, de retomar detalhes, inclusive os que pareçam sem nexos ou insignificantes. Assim, seria possível ter controle sobre as emoções e impedir suas intervenções imperceptíveis no presente. Esta *anamnesis*, portanto, libertaria o homem da ação provocada pelo tempo, trata-se de uma prática arcaica que considera de grande importância o conhecimento sobre as origens (mitos pessoais e sociais). O retorno ao passado não trata-se de um retorno linear e tampouco de algo revelador que apresente todos os eventos passados, tais como ocorreram. O que acontece é a lembrança de momentos anteriores, a partir de condições atuais, que modificam a memória do passado.

O mito de Édipo, embora seja o mais comentado dentre os autores que dissertam sobre mitologia e psicanálise, não foi o único utilizado por Freud. Temos o mito de Narciso que auxiliou a construção da teoria do narcisismo; a teoria do complexo de Castração vinculada ao mito de Cronos e de Medusa, e estes são apenas alguns poucos exemplos. Devemos ter clareza de que o uso dos conteúdos mitológicos favorece a compreensão dos aspectos humanos, olhar para os mitos, com base em Migliavacca (1992), permite descobrir novas perspectivas.

No Complexo de Édipo, um dos mais notáveis conceitos utilizados por Freud (1905/1996k), teoriza-se sobre os conflitos vividos entre a criança e seus pais nos momentos iniciais da vida, tornando-se este conceito um dos fundamentos da psicanálise. Freud se baseou no mito de Édipo, na versão elaborada por Sófocles, para transpor alguns acontecimentos da vida infantil até chegar aos fundamentos da teoria psicanalítica.

O pai da psicanálise, ao longo do desenvolvimento de sua teoria, percebeu que a criança apresentava em sua vida inicial relações semelhantes aos conflitos narrados no mito de Édipo e, assim, recorreu ao complexo de Édipo para explicar as vivências e emoções da infância na relação com seus pais e com o mundo. Temos então que assim como o Édipo da mitologia se sentiu culpado por ter matado seu pai e ter se relacionado com sua mãe, punindo a si mesmo quando arranca seus olhos, podemos observar que no início da vida agimos conforme nossos desejos, mas posteriormente, com o desenvolvimento, sentimos o peso dos nossos atos

Pois bem, como todos sabem, as crianças de tenra idade são amorais e não possuem inibições internas contra [suas pulsões] que buscam o prazer. O papel que mais tarde é assumido pelo superego é desempenhado, no início, por um poder externo, pela autoridade dos pais. A influência dos pais governa a criança, concedendo-lhe provas de amor e ameaçando com castigos, os quais, para a criança, são sinais de perda do amor e se farão temer por essa mesma causa. Essa [angústia] realística é o precursor da angústia moral. (Freud, 1932-1933/1996a, pp. 71-72)

Vemos então que a criança precisa renunciar os investimentos realizados em direção aos pais, isso é possível pela identificação com os mesmos, ao mesmo tempo em que se funda uma estrutura moral neste sujeito que acaba de sair do complexo de Édipo. Os pais, uma vez acolhidos no interior do sujeito, podem ser abandonados, pois agora não são mais externos, fazem parte da criança. Assim, o ego se caracteriza por ser formado de objetos anteriormente investidos que foram abandonados. O ego carrega a história dos investimentos objetivos do indivíduo.

Conforme indica Pastore (2012), foi na mitologia grega que Freud encontrou estruturas fundamentais para seus constructos teóricos. O autor, assim como Migliavacca (2002), ressalta a importância do mito de Édipo para expor o quão responsáveis somos por nossos atos, seja qual for a natureza destes, se inconscientes ou não, a verdade é que, neste campo, a psicanálise e a mitologia trágica se tangenciam. O que a autora quis dizer, ao abordar sobre a responsabilidade, é que a mesma está voltada para o ato de reconhecermos e assumirmos nossos desejos (mesmo que não saibamos de nossas razões inconscientes para tais), e, após admitirmos nossos desejos, atuamos de maneira que possamos lidar com eles, conforme nossos próprios limites nos permitem fazer e para que não sejam ultrapassados.

De acordo com Azoubel (1993) quando Freud retratou o complexo de Édipo com base no mito de Édipo, realizou um avanço em seus estudos, mostrou que a mente moderna é ainda

habitada pelos pensamentos primitivos e, o mais importante, o homem recebe influências destes pensamentos míticos ainda tão vivos e pulsantes. Sobre a influência recebida por momentos históricos anteriores assinalamos que

A origem do superego... é o resultado de fatores altamente importantes, um de natureza biológica e outro de natureza histórica, a saber: a duração prolongada, no homem, do desamparo e dependência de sua infância.... De acordo com uma hipótese psicanalítica, o fenômeno por último mencionado... constitui herança do desenvolvimento cultural tornado necessário para a era glacial. Vemos, então, que a diferenciação do superego a partir do ego não é questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem.. (Freud, 1923/1996e, pp. 49-50)

1.6. Conflitos e ambiguidades: marcas do psiquismo em todos os tempos da humanidade

Lévi-Straus (1958/1976), em seu livro *Antropologia Estrutural*, expõe a ideia de que é por meio dos mitos que as sociedades expressam sua relação com o mundo e suas ideias. Segundo o autor, a construção dos enredos míticos é atemporal e não segue um padrão lógico em sua narrativa, de forma que deixam um campo aberto para interpretações e concepções. Para o autor estas repetições sobre os conflitos humanos são necessárias e revelam a estrutura fundamental dos mitos. Seu objetivo é solucionar os conflitos. Além disso, já na mitologia é possível encontrar um interesse semelhante ao manifesto pela psicanálise, ou seja, em ambos se encontra uma busca pela verdade escondida internamente e sustentada em uma dualidade, seja no indivíduo ou no mito.

Os mitos, de acordo com Migliavacca (2004), contribuíram para as explicações de Freud, tornando-as mais claras. Isso deveu-se ao olhar diferenciado atribuído pelo fundador da psicanálise quando se deparou com as narrativas produzidas pelos gregos; percebeu nelas a expressão do psiquismo, assim como já observava na clínica e em sua autoanálise. Em ambos, tanto na psicanálise, quanto na mitologia, o homem é caracterizado como um ser contraditório. Ao mesmo tempo em que deseja intimamente algo, se restringe à realização de tal desejo, sendo este o dilema inerente à vida humana e necessário para o desenvolvimento do indivíduo, no sentido de que o mesmo desenvolva recursos psíquicos para saber lidar com suas pulsões de modo a realizá-las sem colocar em risco sua vida em sociedade.

Sobre as contradições do aparelho psíquico, conforme a estrutura articulada por Freud (1932-1933/1996a), há simultaneamente nos indivíduos forças contrárias; de um lado estão os

conteúdos inconscientes (pulsões) tentando encontrar uma via de expressão; de outro as forças que os reprimem. A isto podemos encontrar trechos explicativos, no capítulo sobre *A dissecação da personalidade psíquica*, quando, por exemplo, o autor cita que “os seres humanos adoecem de um conflito entre as exigências da vida instintual e a resistência que se ergue dentro deles contra esta” (Freud, 1932-1933/1996a, p. 67). E ainda acrescenta:

Sinto-me inclinado a fazer algo que penso irá dar-me prazer, mas abandono-o pelo motivo de que minha consciência não o admite. Ou deixei-me persuadir por uma expectativa muito grande de prazer de fazer algo a que a voz da consciência fez objeções e, após o ato, minha consciência me pune com censuras dolorosas, e me faz sentir remorso pelo ato. (Freud, 1932-1933/1996a, p. 69)

Desta forma, vemos que o homem, para a psicanálise, está fadado ao conflito psíquico. Esta configuração se dá especialmente a partir do momento em que a humanidade passa a se organizar em uma vida grupal em detrimento da supremacia de suas pulsões mais arcaicas, quando imperam as forças do que Freud (1932-1933/1996a) denominou de superego, o qual aplica ao Eu os critérios morais de maneira rigorosa, de modo que o conflito humano seria, portanto, uma tensão entre o superego e as forças pulsionais; nesta relação o ego (sob os imperativos do superego) fica encarregado de realizar a repressão, no sentido de manter o material reprimido distante da consciência.

Ainda, em outra obra chamada *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996k), escreve sobre a ontogênese. Em seus estudos sobre o desenvolvimento infantil evidenciou-se na criança uma forte sexualidade, inicialmente polimórfica perversa, que obtém satisfação de diferentes fontes orgânicas e *a posteriori* contribuirá para a configuração do aparelho psíquico maduro, o qual estará demarcado pela contradição interna expressa por meio dos sentimentos de ambivalência após a passagem pela fase do Complexo de Édipo e a estruturação do superego.

A vida humana tem início com as experiências da vida infantil governadas por pulsões primitivas que vão se modificando, conforme a relação com o mundo acontece e, ao mesmo tempo, a realidade se impõe e limita a satisfação das pulsões, pois há também a interferência do superego, herdeiro do complexo de Édipo que se coloca acima do ego, de acordo com Freud (1932-1933/1996a).

Para Freud (1913/1996j) os mitos eram tão valorizados que ele mesmo constrói o mito científico da horda primeva em sua obra *Totem e tabu*. Por meio dele, o fundador da psicanálise configurou a formação das sociedades regidas por preceitos morais e religiosos e, especialmente, a fundação das leis psíquicas originárias com o objetivo de controle das pulsões mais arcaicas, ou seja, assim como nos mitos, a psicanálise freudiana exhibe em sua teoria uma realidade psíquica permeada pela dualidade, o que nos permite afirmar que os desejos e suas proibições estão presentes ao mesmo tempo nos indivíduos.

Lesky (1957/1976), em sua produção *A tragédia grega*, expôs que a ação representada pela tragédia é do campo psíquico, aquela que impulsiona os personagens a agirem por forças internas. Os heróis são grandiosos, não por serem bem sucedidos em seus feitos como nos mitos épicos, mas porque a grandeza do personagem trágico está na forma de lidar com sua humanidade, com a responsabilidade por suas ações e por enfrentar seu destino com bravura, mesmo sabendo, por vezes, que seu fim inevitável será a morte. Além disso, o homem trágico já não conta totalmente com a ação dos deuses em sua trajetória de vida, suas forças mobilizadoras estão no próprio homem. O centro do enredo não gira mais em torno da proteção divina, está centrado no exame consciente do herói sobre suas condições e as possibilidades de ação, além de refletir sobre as consequências provocadas pelas mesmas.

Assim, quando está pronto para tomar uma decisão assume as responsabilidades por suas escolhas. O autor aponta que “o homem, em seu trágico destino, não pode fazer outra coisa senão gritar, não se lamentar nem se queixar, mas gritar a plenos pulmões aquilo que nunca foi dito, aquilo que antes talvez nem se soubesse” (Lesky, 1957/1976, p. 27). Isso representa o conflito trágico em sua impossibilidade de solução.

Nos enredos mitológicos revela-se que “nas palavras trocadas pelos homens existem zonas de opacidade e de incomunicabilidade.” (Vernant, 1981/2005b, p. 20). Caso o herói se apegue a apenas um significado de suas palavras é certo que o mesmo caia na cegueira; por isso, a ambiguidade das palavras, dos valores, do ser humano deve ser considerada e reconhecida para que se tenha consciência - esta consciência não pode ser tomada pura e simplesmente como uma equivalência absoluta com aquela retratada pela psicanálise quando se refere a tornar consciente aquilo que está no campo do inconsciente, embora em certa medida seja possível se fazer um paralelo – seu sentido é sobre o homem se reconhecer em determinadas vivências e, a partir delas, saber um pouco sobre si mesmo e seus limites. Isso

não é tarefa fácil, mas é algo que faz parte da experiência humana, não sendo exclusiva ao *setting* terapêutico, mas presente na continuidade da vida, conforme nos deparamos com os eventos.

Uma característica elencada por Migliavacca (2002), referente aos personagens trágicos, retrata sobre o desenvolvimento destes, os quais não aparecem na trama trágica como seres de características definidas e estáticas, por isto, modificam-se ao longo dos enredos. Aliás, os próprios deuses passam por transformações. É desta forma que os heróis são obrigados a decidir, após uma reflexão interior, sobre a maneira pela qual uma situação deve ser solucionada. Notamos uma ênfase ao ato heroico em detrimento das decisões dos deuses, pois o humano é retratado como um ser livre e responsável por sua vida, mesmo sem escapar das determinações divinas e do destino. É neste cenário, por essa mudança de foco paulatina e espiral, que o homem se encontra, se descobre como ator de sua história, dotado de uma consciência. Desta forma,

o mito grego consegue fazer desabrochar a individualidade humana, apreendendo e revelando em sua concretude o espírito fugidio, a alma do homem na sua singularidade. Essa amplidão do mito é parte da herança grega e o mesmo campo no qual a mente do psicanalista mergulha em suas indagações a respeito de si mesmo e do outro. (Migliavacca, 2002, p. 257).

O psicanalista pode se apoiar na mitologia para compreender como o ser humano é e se vê. Desta maneira, a autora acima citada revela que os mitos não se perderam ao longo do tempo, muito pelo contrário, eles estão inscritos no inconsciente do ser humano e são usados para a evasão das angústias. Ou seja, seria um movimento muito semelhante ao realizado pelos enredos trágicos do Período Clássico na Grécia Antiga, fazendo com que os indivíduos tomem consciência de si mesmos e possam se desenvolver a partir de então. Neste sentido,

a psicanálise se apresenta como um método que visa justamente propiciar ao indivíduo elementos que lhe permitam conquistar cada vez maior conhecimento de sua realidade mental e do papel que os mitos jogam em seu funcionamento psíquico, construindo e ampliando recursos internos para que uma evolução seja possível. (Migliavacca, 2002, p. 258).

Lembramos, neste momento, que a busca pelo conhecimento pessoal tem suas marcas ao longo do desenvolvimento do pensamento mítico e do filosófico, como podemos encontrar na máxima delfica “Conhece a ti mesmo”. Nela já estão apontadas ideias semelhantes à proposta da psicanálise, porém um tanto quanto distintas; na máxima delfica fala-se sobre o conhecimento dos próprios sentimentos, sobre se conhecer e saber dos próprios limites no contexto da configuração do que se concebia como visão de mundo. Digamos que a

psicanálise “pegou uma carona” nesta tópica e expandiu o conceito de autoconhecimento com base em seus pressupostos teóricos.

Migliavacca (2002) afirma que a psicanálise é um método de pesquisa usado para a investigação dos processos internos e desconhecidos do indivíduo. A investigação conta com a ajuda da intuição acompanhada dos conceitos psicanalíticos, sem a pretensão de buscar a solução dos fenômenos, mas, sobretudo, a compreensão e a tomada de consciência daquilo que até então não era conhecido pelo ser humano, mas atuava em sua vida. A partir do conhecimento, por meio da análise, é possível desenvolver recursos egoicos que fortaleçam o aparelho psíquico e o torne mais dominante diante das imposições das emoções.

O fato é que o homem sempre teve essa necessidade de maior conhecimento sobre si mesmo e seu mundo interno e externo, interesse este que se expressou de diferentes maneiras ao longo dos períodos históricos, sendo que em um destes momentos as construções mitológicas se mostraram como uma ferramenta para a busca da compreensão. A intersecção entre os períodos da humanidade pode ser explanada da seguinte maneira:

No plano psíquico, passado e presente se fundem e por mais que se retorne, chega-se sempre ao escuro e o futuro nada mais é do que uma eventualidade. Anima-nos, porém, perceber que temos companhias que alumiam os caminhos e nos aquecem hoje desde longínquos tempos. A máxima apolínea na porta do templo de Delfos – “conhece-te a ti mesmo” - é apenas a porta de entrada de um mundo novo: não é o fim do caminho, é um início. (Migliavacca, 2002, p. 261).

O homem, ao se reconhecer naquilo que é, descobre também que ele não é. Como num movimento de *insight*, aquilo que era desconhecido antes torna-se consciente e o desconhecimento sobre si mesmo também se apresenta, o indivíduo percebe que quase de nada sabe sobre seu mundo interior e exterior, ambos compostos por forças até então imperceptíveis e incontroláveis que o influenciam significativamente.

Migliavacca (1992) informa que o desenvolvimento mental apenas acontece quando se é capaz de olhar para si mesmo, se reconhecer e ser capaz de lidar com as próprias emoções e os conflitos, de modo que estes se tornem mais suportáveis e menos limitadores. Esta é uma proposta da terapia psicanalítica, ou seja, lidar com as forças contrárias do mundo interno a fim de que as mesmas possam ser conhecidas e dominadas. A autora retrata este conhecimento em um sentido genérico; sabemos que é impossível ter acesso a tudo sobre si mesmo, o autoconhecimento demanda muitos esforços, todavia, de qualquer forma, quando

algum conteúdo passa a ser consciente (mesmo que mínimo) já é possível de se ampliar, de alguma maneira, o universo do sujeito.

Sobre o destino humano abordado na tragédia, segundo Migliavacca (2002), o mesmo não é algo somente restrito ao que é imposto pelos deuses aos personagens. Há um sentido mais vasto para a fortuna dos mesmos que não se restringe à ação divina, mas abarca também o universo interno dos atores, e deste último aspecto não se pode escapar. Ou seja, o homem está vinculado especialmente ao modo pelo qual utiliza aquilo que recebe da natureza, ou seja, à forma de lidar com suas pulsões e com o desamparo. Seu destino pode ficar restrito, se o uso for destrutivo, ou ser expandido, caso o homem faça um uso proveitoso do que chega a ele com base naquilo que carrega dentro de si. O homem possui seus mitos pessoais em seu espírito e por meio deles se orienta, vive e age. Por eles, o sujeito pode se desenvolver de um lado, mas também corre o risco de se ver aprisionado, caso não se permita superar suas ideias míticas.

Migliavacca (2002) afirma que o *ethos* da humanidade caminha rumo à busca pela liberdade de tudo aquilo que nos prende, contudo, ao mesmo tempo em que isso possa gerar satisfação é também aterrorizante. A partir do instante em que a liberdade se concretiza nos vemos no estado mais absoluto da solidão humana, situação na qual assumimos a responsabilidade de nossa existência e as consequências de nossas escolhas individuais. Esse movimento humano retrata a situação apresentada nos mitos trágicos em que os heróis, além de responsáveis pela própria vida, devem arcar com os resultados de suas escolhas.

A aquisição da liberdade é possível por diversas vias, sendo uma delas a psicanálise. Migliavacca (2002) diz que o homem pode ser livre de seus conteúdos internos quando o mesmo conhece aquilo que está fora de sua consciência - como seus mitos internos que produzem influência em suas ações e pensamentos de forma imperceptível. A libertação humana, por intermédio da psicanálise, ocorreria pelo autoconhecimento e ao se libertar do domínio de suas paixões e seus mitos infantis. Essa liberdade não significa o abandono, mas sim, a integração destes conteúdos internos ao mundo racional e científico. Além disso, sabemos que não se pode ter uma liberdade e uma consciência absolutas dos conteúdos internos (pois o inconsciente possui elementos que jamais teremos acesso), mas pela elaboração, como uma das propostas da psicoterapia psicanalítica, que proporcionaria a

experiência de se libertar de certos conteúdos e, de algum modo, ser livre em algum ponto ou aspecto interno.

Assim, os enredos míticos podem ser usados de uma forma diferente para promover o desenvolvimento psíquico. O caminho para se chegar a este nível de desenvolvimento é árduo, como aquele vivido pelo homem trágico que oscila, sofre e vive conflitos constantemente ao passo que se movimenta no sentido de uma revolução. Pastore (2012) qualifica o trabalho psicanalítico como sendo uma forma de travessia de um caminho que busca o conhecimento.

Com estas explanações supracitadas, podemos verificar o quão próximas estão as áreas da mitologia grega e da psicanálise. Ambas coadunam dos mesmos interesses e falam da mesma temática, embora cada uma faça isso a seu modo. O homem, como figura central e objeto a ser desvendado, é investigado e retratado em sua essência. Sobre a relação entre a tragédia e a psicanálise, não vemos melhor maneira para caracterizá-la que não seja utilizando as belas e poéticas palavras a seguir:

Costuma-se dizer – e com razão – que Freud é o pai da psicanálise. Um pai não gera a vida sozinho, é sempre acompanhado de uma mãe.... Freud engendrou a psicanálise em um corpo materno original, a tragédia grega. Ele intuitivamente buscou em seu cerne, e naquela que é perfeita, um fruto único que lhe serviu para dar à humanidade e à cultura contemporânea uma nova visão do homem e do psiquismo, o próprio homem psíquico no homem trágico. Nesse sentido, a mãe da psicanálise é a tragédia grega. (Migliavacca, 2002, p. 68).

Notamos o quão enriquecedora a tragédia se faz para a psicanálise, não apenas em seus momentos iniciais. Acredito que ainda exista muito a se desvendar nas entrelinhas de tais obras que possa contribuir com o desenvolvimento psicanalítico. Isso nos remete ao pensamento de Bion (1962/1966), quando o mesmo afirma que o contato do psicanalista com os mitos é fértil, pois é possível exercitar o pensamento científico e as associações livres rumo a possibilidades de amplitude dos conhecimentos da mentalidade dos seres humanos. Isso converge com o pensamento desta pesquisa, pois foi a partir do mito de Medéia e de reflexões acerca dos conteúdos implícitos nesta tragédia que nos fez refletir sobre alguns conceitos psicanalíticos.

Sem ter conhecimento prévio desta ideia bioniana, foi exatamente neste percurso que, ao nos depararmos com o enredo de Medéia na versão de Eurípides, realizamos algumas associações livres geradoras de novos questionamentos relacionados aos seres humanos e as

atitudes cometidas por tais, especialmente no que tange à temática do filicídio - evento que nos despertou inicialmente repúdio e horror ao ato cometido por Medéia, mas foram estes mesmos sentimentos que provocaram indagações acerca da decisão da heroína - e, também, sobre o motivo pelo qual alguns sentimentos foram despertados, como se existisse uma relação transferencial, de modo que tais sentimentos devessem ser também analisados, pois teriam algo a comunicar.

Conheçamos, então, Eurípides, o criador da versão trágica do mito de Medéia, bem como esta mesma narrativa mítica que será o fio condutor para o desdobramento desta pesquisa.

CAPÍTULO 2

EURÍPIDES E O MITO DE MEDÉIA

Muitas coisas dá Zeus no Olimpo,
 muitas súbito obram os deus:
 e o previsto não se perfaz,
 mas o imprevisto avia deus.
 (Eurípides, *Medéia*, p. 163).

2.1. O tragediógrafo Eurípides

Para o engendramento desta seção, cabe elucidar as características de um poeta trágico chamado Eurípides. Este dramaturgo, nasceu por volta de 485 a.C., na região da Grécia, chamada Salamina. Em conformidade com Oliveira (2006), Eurípides pertencia à aristocracia de sua época e tinha a sua disposição uma biblioteca, algo incomum para seu período. Quando ainda jovem, iniciou a apresentação de suas peças num momento em que as disputas entre os tragediógrafos eram acirradas, dado o grandioso número de bons participantes que já tinham um público cativo e contavam com vasta experiência no ramo. Mesmo assim, Romilly (1980/1984b) declara que Eurípides recebeu grande destaque por suas produções teatrais, caracterizadas por serem intensamente inovadoras para sua época, sendo, não raramente, chocantes aos olhos dos espectadores.

Oliveira (2006) informa que Eurípides faleceu possivelmente no ano de 406 a.C., momento este em que a cidade de Atenas manifestou grande afeto e respeito ao dramaturgo, como forma de reconhecimento ao seu trabalho e arrependimento por não terem-no valorizado enquanto estava vivo. O autor assinala que, ao todo, Eurípides produziu 90 peças, mas se conhece o título de apenas 81 delas. Contudo, esta quantia total não é exata, há em outras referências bibliográficas dados diferentes, como se pode encontrar, por exemplo, em Kury (1992), onde consta o número de 74 peças engendradas pelo dramaturgo grego, “sendo 67 tragédias e 7 dramas satíricos. Algumas fontes, entretanto, atribuem-lhe 92 peças.” (Kury. 1992, p. 153). Ademais, encontramos na literatura que, atualmente, de acordo com Oliveira (2006) e Kury (1992), apenas 19 peças sobreviveram e acessíveis para leitura nos dias de hoje, sendo esta quantia duvidosa, pois a peça de nome “Reso”, anteriormente atribuída a

Eurípides, atualmente, tem sua autoria questionada; se isso for certo, então teríamos o número de 18 peças.

Conforme mencionado anteriormente, os personagens trágicos são seres solitários, atuam conforme seus pensamentos acerca do mundo à sua volta e estão sempre fadados ao aniquilamento; em Eurípides são abordados os conflitos humanos internos e toda a sua miséria. Os aspectos psicológicos são ressaltados e tomam grande parte do enredo dos dramas. Romilly (1980/1984b) confirma esta ideia ao descrever as obras de Eurípides como sendo referenciadas aos aspectos mentais dos personagens. Estes são retratados de maneira individualizada, com a manifestação de suas paixões, de modo que o espectador é capaz de ter contato com a interioridade dos atores trágicos repleta de conflitos emocionais. Assim, em Eurípides há uma exaltação das contradições emocionais e passionais, responsáveis pelas ações dos indivíduos da trama que repercutem em surpreendentes reviravoltas na vida dos mesmos e também nos reais e intensos sofrimentos vividos por tais.

Oliveira (2006) caracteriza Eurípides como um escritor retratou o ser humano de maneira bastante realista, evocando nos personagens pulsões e afetos com uma postura inquieta de alguém que questiona muitos fenômenos, sem desconsiderar a presença dos deuses. O tragediógrafo do qual nos referimos não tem a intenção de amenizar ou alterar a verdade humana, ele não hesita ao expor as características mais horrendas e repugnantes da personalidade, mesmo sabendo que isso desperta grande incômodo naqueles que tem acesso às suas obras. “Os espectadores de suas peças ficam divididos entre a qual personagem devem dar razão e a qual devem considerar injusto, por qual devem se compadecer, e ficam, por fim, a se perguntarem sobre as forças ocultas da alma.” (Oliveira, 2006, p. 175).

Em sua época Eurípides era essencialmente um dramaturgo “moderno”. Sua pintura das paixões, sua insistência na fraqueza humana e seu realismo são sinais certos disso. Ao mesmo tempo, era sensível a todas as correntes de pensamento do seu tempo, ligado aos sofistas, emprestou aos seus personagens sua arte de discutir acerca de tudo, e deixou que aflorassem em seu teatro todos os problemas, todas as ideias novas, e também todas as dúvidas que os sofistas puseram em voga. (Romilly, 1980/1984b, p. 114).

Eurípides, de acordo com Brandão (1985b), apresenta a tragédia como uma práxis em que os homens e os deuses estão separados. Para o dramaturgo, ela se constitui daquilo que está no coração humano. Há, em suas obras, a exposição da vida cotidiana sendo interceptada pelas paixões, isso pode ser constatado quando Medéia alerta que “a fúria é mais forte que a razão e, para os homens, traz os males máximos.” (Eurípides, Medéia, p. 163).

De acordo com Brandão (1985), mesmo sendo considerado um poeta moderno do século V a.C., Eurípides pode ser visto como um escritor além do seu tempo. Embora as temáticas abordadas em suas produções sejam características tradicionais do período trágico, as mesmas estão repletas de sofismos e de busca pela compreensão e revelação dos sofrimentos e afetos humanos, sendo todo o contexto dos enredos envolto pela temática da paixão amorosa transbordante e pela predominância da razão, ao invés de se atribuir os eventos às vontades divinas. Assim, este autor trágico, se comparado aos seus contemporâneos (Ésquilo e Sófocles), pode ser classificado como um autor de dramas mais realistas. De acordo com Romilly (1980/1984b), o autor traz para a tragédia uma temática inovadora e original, num enredo em que a personagem principal perpassa em sua trajetória pelo sofrimento e pela paixão.

2.2. O mito de Medéia e outros mitos correlatos

Originalmente, de acordo com Oliveira (2006), o texto de Medéia foi desenvolvido por Eurípides em 431 a. C. Todavia, uma vez que estes trabalhos eram registrados em papiro – um material bastante frágil – pouco se sabe acerca dos conteúdos originais. O que se possui de mais próximo da primeira versão ficou guardado na biblioteca de Alexandria, em 200 a.C., a partir de então, o que temos hoje é fruto de outras edições realizadas na Idade Média com o intuito de recuperar as obras originais.

Optamos por utilizar a tradução de Oliveira (2006) do mito de Medéia nesta pesquisa, pois nos parece buscar-se uma linguagem mais próxima das tragédias gregas originais. O autor parece prezar as ambiguidades em sua trama, mesmo que isso possa tornar a compreensão do enredo mais laboriosa. O próprio tradutor confirma esta nossa percepção ao declarar que

Não é uma tradução dócil: dialoga com Eurípides. Conservando como referência fundamental o sentido dos versos da Medéia (eu diria que, nesse aspecto, a tradução é rigorosa e exata – para evitar o adjetivo “fiel” – e não extravia o leitor).... O resultado é uma poesia angulosa e, talvez, difícil (Oliveira, 2006, p. 24).

O contato com o mito de Medéia na versão euripídiana expressa aquilo que fora elucidado por Migliavacca (2002), quando a autora trata sobre o fato de haver uma experiência emocional e ser possível o contato com o mundo interno e contraditório, que ao mesmo tempo ama e odeia, variando em suas intensidades, podendo transitar de um extremo

ao outro. Isso pode ser transposto pelos sentimentos estimulados no leitor quando o horror é despertado pelos atos da personagem momentos antes de assassinar seus filhos, quando oscila entre o amor e o ódio, mas, ao fim, deixa que o ódio sobressaia e conduza suas ações. Assim, a autora explica que

a realidade psíquica é evidenciada pelas transformações que se fazem da realidade interna e da realidade externa, e que se expressam nas relações humanas. Podem ser transformações em algo construtivo e que promove desenvolvimento e expansão de recursos, ou podem ser transformações que levam à estagnação, ao aprisionamento e à mutilação do que é vivo. (Migliavacca, 2002, pp. 30-31).

Este enredo, de acordo com Brandão (1985b), vincula-se a dois outros conhecidos como “Velocino de Ouro” e “Os Argonautas”. O primeiro refere-se ao mito em que Frixo (filho do rei Átamas e Néfele), quando corria o risco de ser morto pela segunda mulher de seu pai, recebeu de Zeus um Velo de ouro que o retirou de onde estava e o transportou a Cólquida. Lá, Frixo concedeu ao rei Eetes o Velo, o qual foi consagrado ao deus Ares e depositado no bosque dos deuses sob os cuidados de um dragão.

Ainda tendo como referência Brandão (1985b), é este enredo mitológico citado acima, que irá originar o poema dos Argonautas. Neste, relata-se a história de Jasão, filho do rei Esão, da Tessália. O trono foi roubado por Pélias (irmão do rei) e Jasão foi entregue aos cuidados do Centauro Quirão. Quando se tornou mais velho, Jasão retornou à Tessália e exigiu que seu tio lhe entregasse o trono, como lhe era de direito. Pélias respondeu que devolveria o poder, caso o sobrinho apanhasse o velo de Ouro, tarefa esta considerada impossível, dadas as condições pelas quais o velo se encontrava guardado. Jasão, sem saber deste obstáculo, arquitetou uma nau (Argo), que levou este e seus guerreiros até Cólquida.

Ao desembarcarem, o personagem foi diretamente ao encontro de Eetes e expressou suas intenções e motivos. O rei concordou com Jasão, contanto que o mesmo realizasse algumas tarefas consideradas impossíveis aos humanos. Porém, Jasão havia conquistado a filha do rei, de nome Medéia, dotada de poderes de feitiçaria, sendo os mesmos utilizados pela princesa, em prol dos objetivos de Jasão e como uma demonstração do amor de Medéia pelo herói.

Mesmo obtendo o Velo de Ouro, Eetes não aceitou entregá-lo a Jasão, então, com o auxílio de Medéia, eles fugiram com o Velo. Durante o trajeto, a filha do rei descobriu que

seu irmão os perseguia e esquartejou o mesmo e distribuiu seus pedaços pelo mar com o objetivo de despistar os soldados de seu pai.

Ao se encontrar com Pélias, Jasão foi impedido de assumir o reinado, conforme haviam combinado e, novamente, Medéia entra em cena, desta vez vingando-se daquele por intermédio de suas filhas que foram convencidas a matar seu pai, Pélias. Após este episódio, o casal e seus filhos são expulsos de Iolco e se dirigiram a Corinto, onde permaneceram refugiados.

O mito de Medéia, para Brandão (1985), retrata um amor que foi transformado em ódio. Revela a soberania do amor sobre a razão. Ofendida pelo marido – como será visto a seguir -, a personagem, ainda apaixonada por Jasão, que não retribuía mais os seus sentimentos, revela-se, de acordo com Lesky (1957/1976), como uma mulher que se transforma ao longo da peça, não sendo raro, no decorrer da história, esquecermo-nos de sua faceta de feiticeira e vê-la apenas em sua humanidade.

O drama de Medéia, criado por Eurípides, quando fora exibido nas disputas teatrais durante as competições, recebeu a terceira colocação. Conforme caracteriza Oliveira (2006), a narrativa tem como cenário a cidade de Corinto e o enredo é composto pelos seguintes personagens: um coro, formado apenas por mulheres locais; a nutriz de Medéia, quem recita o prólogo; o Mensageiro; Medéia, feiticeira e neta do deus Sol; os filhos de Medéia; um Pedagogo, responsável pelos cuidados das crianças; Jasão ex-marido de Medéia; e Creonte, rei de Corinto e pai daquela com quem Jasão se une.

O mito já expõe, logo na primeira fala da Nutriz, uma prévia sobre do que se tratará a temática da peça. Anuncia-se que Jasão traiu os filhos e a esposa para ficar com a filha do rei. Com isso, Medéia se entrega ao sofrimento e ao choro ocasionados pelo abandono e pelo desastre que lhe ocorrera, chegando ao ponto de sentir ódio por seus filhos. A Nutriz expressa seu temor em relação ao que sua senhora é capaz de fazer, pois “ela é terrível: quem seu inimigo se tornar não trará vitória fácil.” (Eurípides, *Medéia*, p. 35).

Em um diálogo entre a Nutriz e o Pedagogo, Eurípides ajuda o leitor a entender que Medéia será banida da cidade pelo rei de Corinto, juntamente com seus filhos. Ambos discutem sobre qual seria a reação de Jasão ao saber desta imposição de Creonte e chegam à

consideração de que “todo mortal ama a si mesmo mais que ao próximo: [uns com justiça, outros pelo ganho] não mais os ama o pai, por novas núpcias” (Eurípides, *Medéia*, p. 39).

Logo entra no enredo a personagem principal, lamentando sua sorte e desejando morrer, tomada por cólera, sofrimento e raiva. A Nutriz alerta às crianças para que não deixem que a mãe as veja, temendo que algo ruim possa ocorrer. Em dado momento, Medéia maldiz seus filhos e a Nutriz, em defesa dos mesmos, questiona o motivo de tal ódio em relação às crianças, já que as dores da feiticeira têm a ver com o ato de Jasão ao desposá-la. O Coro de mulheres entra no cenário aconselhando Medéia para que a mesma não se deixe consumir pelas dores, pois a traição do ex-marido é algo comum. Porém, a Nutriz afirma que não cessará em breve a fúria da personagem. Neste momento, Medéia manifesta claramente seu desejo de ver Jasão e sua noiva destruídos.

Embora o coro tentasse consolar e aconselhar Medéia, a mesma diz que não vê mais sentido em viver e que prefere a morte, pois aquele a quem amava se tornara o pior dos mortais. Manifesta também seu descontentamento sobre a condição das mulheres no casamento, relação na qual o homem se torna dono do corpo feminino e nunca se pode realizar o divórcio ou a rejeição ao mesmo. À figura feminina é imposto agradecer ao marido e aceitar suas leis. Reclama, além disso, sua condição de bárbara, fora de sua terra natal, sem amigos ou familiares, portanto, tudo o que almeja é se vingar de seu esposo.

Creonte vai ao encontro da ex-esposa de Jasão para anunciar que deseja a saída de Medéia e seus dois filhos de Corinto o mais rápido possível. A razão desta decisão relaciona-se ao fato de que a personagem é conhecida por seus poderes e maldades cometidas e, portanto, o rei deseja proteger a si e sua filha com a qual Jasão se uniu. Medéia realiza tentativas de convencer Creonte a deixá-la ficar na cidade argumentando que apenas Jasão desperta nela o ódio e nada de ruim sente pelo rei e sua filha, por isso o mesmo não tem motivos para temer sua presença ali.

Creonte, não se convence e afirma ainda estar receoso sobre possíveis maldades que Medéia possa cometer tomada pela ira. Sem formas de ficar ali, a personagem suplica por só mais um dia na cidade para poder se organizar e procurar um lugar de refúgio. O rei concede a esta solicitação sob a condição de que ela não esteja mais ali no próximo nascer do sol, caso a mesma não estivesse longe dali conforme imposto, ela e seus filhos morreriam.

A personagem anuncia ao coro seu objetivo secreto de vingar-se durante este único dia que possui para estar na cidade. Planeja assassinar seus inimigos: Jasão, o rei e sua filha. Diz ter conhecimento sobre inúmeras maneiras de atingir seu intuito. Poderia atear-lhes fogo ou atingi-los no fígado com um punhal. Porém, admite que caso fosse descoberta na casa do rei cometendo estes atos, seria morta por outrem. Assim, decide atingi-los pelo envenenamento. Caso este plano falhasse, os mataria com suas próprias mãos de forma brutal, mesmo colocando sua própria vida em risco, o importante era provar sua bravura e sua honra. Na sequência do enredo, o coro afirma sobre a condição de Medéia, uma estrangeira nas terras de Corinto que, tomada por uma paixão enlouquecida, deixou sua pátria e agora não tem para onde ir, pois já não pode se refugiar em terras paternas.

Jasão vai ao encontro de Medéia para dizer que não deseja-lhe o mal e que não ambicionava sua partida, mesmo que ela profira palavras rudes ao referir-se ao mesmo. Diante do ex-marido, a mulher responde com palavras rudes e odiosas o quanto está ferida com o abandono. Revida as palavras de Jasão dizendo sobre o quão despuadorado ele estava sendo ao cometer o ato de traição, pois foi ela quem o salvou durante os perigos ameaçadores defrontados durante a busca pelo velo de ouro e em outros momentos de sua trajetória, além disso, Medéia matou pessoas e traiu sua pátria e o próprio irmão em nome do amor. A personagem, afirma ainda que após conseguir alcançar seus objetivos, Jasão a abandonou sem considerar seus esforços. Assim, se refere a sua situação atual mais uma vez ao apresentar ao personagem sua atual condição de não ter para onde ir com seus filhos, já que em sua terra pátria não será vista como amiga, haja vista que assassinou o próprio irmão em nome de seus sentimentos por Jasão.

Jasão informa à Medéia sobre sua consideração e apreço pelos feitos da mulher para com ele reconhecendo sua importância, especialmente nos momentos em que ela se encontrava tomada pelas forças de Eros. Porém, Jasão não concorda ao ser julgado pela ex-esposa como ingrato. Explica que retribuiu, sim, aos seus favores proporcionando-lhe a oportunidade de viver em terras gregas, conhecer as leis e a justiça. Sobre se casar com outra mulher, justifica seu ato afirmando ter sido em prol de beneficiar a ela e seus filhos, pois casando-se com a filha do rei e tendo a possibilidade de se tornar soberano, proporcionaria a eles boas condições de vida e estabeleceria um grau de parentesco com aqueles que viveriam no reino. O casamento não fora motivado pela mulher em si, mas por aquilo que o matrimônio proporcionaria, explica.

Após esta autodefesa, o coro comenta sobre sua boa justificativa, porém continua considerando condenável o fato de trair a cônjuge. E é realmente assim que se desenvolve o enredo. Medéia não aceita esses argumentos de Jasão e contesta ao pontuar sobre não se sentir animada em pensar que teria uma vida próspera, mas ao mesmo tempo triste e agora sua situação era de uma pessoa desolada e sem terra. Jasão retruca essas palavras, afirmando serem estas as consequências da praga que Medéia rogou ao rei. Solicita à personagem que deixe de ser levada pela raiva e lhe garante dar assistência financeira a ela e aos filhos onde quer que estes estivessem abrigados. Como a ex-esposa recusa receber qualquer ajuda de Jasão, ele a deixa proferindo as seguintes palavras: “Soberba, expulsas amigos: sofrerás, portanto, mais”. (Eurípides, *Medéia*, p. 89).

Iniciou-se após esta cena, um diálogo entre Medéia e Egeu. Neste momento, Egeu informa sobre sua condição infértil e, por isso, não possui ainda herdeiros. Ao mesmo tempo, a personagem manifesta ao amigo a necessidade de sair daquelas terras e explica ser devido ao ato vil de Jasão, quem a menosprezou sem razão. Egeu fica comovido com os acontecimentos e especialmente por Jasão não tomar nenhuma atitude em relação ao rei obrigá-la a sair de Corinto. Neste momento, Medéia suplica a Egeu para que este tenha piedade dela e a acolha em suas terras; em troca dar-lhe-ia a possibilidade de ter filhos com o uso de alguns recursos de feitiçaria que ela possuía. Com essas palavras Egeu oferece hospedagem à personagem e ainda jura nunca expulsá-la de seu território e protegê-la. Assim, Medéia faz seu acordo com Egeu e diz ao mesmo que em breve habitará as novas terras, pois ainda tinha atividades a serem realizadas em Corinto. Com essa garantia de ser acolhida em outras terras, Medéia pode então arquitetar seus planos de vingança e triunfo contra aqueles que a desonraram. Assim, a protagonista deste mito relata ao coro sua ideia:

Mandarei servo meu até Jasão
 e rogarei que venha defrontar-me;
 Ao chegar, doces ditos dir-lhe-ei:
 + que para mim também parece bom +
 ter ele núpcias régias.... (p. 103)
 rogarei que meus filhos permaneçam
 – não que os queira deixar em terra adversa
 onde inimigos podem agredi-los:
 é que a filha do rei, com dolo, mato!
 Vou mandá-los com dádivas nas mãos....
 Se ela aceitar....
 morrerá atrozmente – e quem tocá-la:
 com tais venenos untarei o dom!
 ... depois: massacrarei os filhos

meus – não há quem os possa preservar.
(Eurípides, *Medéia*, p. 103 e 105).

Pensando em vingar-se, a personagem se dirige ao coro, em um tom de desabafo, e questiona o que mais lhe restaria na vida, uma vez que está sem pátria, não pode retornar ao seu lar original e sua dor não tem fim. Assim, justificando seus atos pelo tamanho sofrimento vivido, afirma que não há outra solução. Quando o coro indaga sobre a morte de sua prole, Medéia explica ser esta a melhor forma de atacar o ex-marido, e solicita, então, para que ele seja chamado ao seu encontro.

Quando Jasão se faz presente, conforme sua ex-cônjuge o chamara, a mesma pede-lhe perdão pelas palavras proferidas outrora, apresenta suas reflexões alegando que agira mal, de forma estúpida e insensata pela maneira de tratamento realizada com o soberano e com seu ex-cônjuge, que tanto queria o seu bem e de seus filhos. Alega ter pensado melhor e que, na verdade, deveria tê-lo apoiado ao planejar dar a ela e seus filhos a possibilidade de serem parentes da elite de Corinto. Jasão elogia sua nova forma de ver a situação e não a condena pelos atos anteriores, para ele “normal é irar-se o sexo fêmeo quando faz contrabando conjugal o esposo” (Eurípides, *Medéia*, p. 115). Ao longo destas falas Medéia chora e explica suas lágrimas pelo fato de temer sobre o destino das crianças, por isso o mandou chamá-lo, a fim de realizar uma tentativa para manter seus filhos na cidade.

Como Jasão se mostra inseguro sobre tal possibilidade a personagem relata seu plano para persuadir ao menos a princesa e esta, então, convenceria seu pai. As crianças levariam à jovem alguns adornos de presente as quais solicitariam permanecerem em Corinto. Assim aconteceu, e o ato se confirmou pelas novas trazidas pelo Pedagogo, quando o mesmo vai anunciar que a filha do rei aceitara os presentes e a estadia das crianças em Corinto. Medéia lastima ter que partir e deixar os filhos que alimentou e cuidou em vão, pois agora não mais os veria e ficaria sozinha ao sair daquela cidade. Subitamente, tomada pelo sentimento de não ser capaz de deixá-los naquelas terras, decide abandonar seus planos e levar seus filhos com ela ao invés de que os mesmos permanecessem com o pai e isso duplicasse suas dores.

Medéia manda os filhos entrarem em casa e decide mata-los com suas próprias mãos, já que eles poderiam ser vítimas de mãos inimigas, haja vista que a morte dos mesmos seria inevitável quando descobrissem que a filha do rei havia morrido por seus feitiços no momento em que esta vestisse os adornos levados pelas crianças. Neste momento a personagem acaricia

os filhos parecendo entrar em um estado de sofrimento pelo que viria a cometer, então a mesma pronuncia: “Eu sei quais males hei de perpetrar, mas a fúria é mais forte que a razão e, para os homens, traz os males máximos” (Eurípides, *Medéia*, p. 131).

Logo na sequência da narrativa surge o mensageiro impondo que Medéia fuja dali, pois há pouco morrera a filha do rei e seu pai. Tudo aconteceu, explicou o mensageiro, logo após as crianças saírem da casa do rei, quando a princesa vestiu o traje e a coroa recebidos. No momento em que o fez, a filha do rei correu pelos cômodos do recinto, caiu ao chão gemendo com os olhos cerrados. Para agravar a situação, a coroa começou a flamejar e todo o corpo da jovem era incendiado. Ao se levantar e tentar tirar a coroa toda sua força era vã, pois o adereço permanecia fixo em sua cabeça. Sucumbe ao chão novamente e o rei corre para socorrê-la, mas a tentativa foi em vão, pois este, quando a tomou nos braços e deu-lhe um beijo, ao tentar levantar-se ficou preso à filha e não adiantava tentar se soltar; se o fazia, sua carne - que estava colada à pele da filha - se desprendia dos ossos.

Diante destas notícias Medéia decide matar logo seus filhos temendo que estes fossem mortos por sujeitos revoltados com a morte da princesa. Então, a mesma anuncia: “Sua morte é necessária e, sendo assim, nós mataremos, nós que os engendramos.” (Eurípides, *Medéia*, p. 145). Desta forma, Medéia parece estabelecer uma conversa com seus membros ditando a seu braço para que tenha coragem de tomar um punhal, com o qual executará o filicídio. Então, ouvem-se os gritos das crianças dentro da casa, tentando fugir da mãe. Neste instante Jasão aparece à procura de seus filhos, a fim de protegê-los.

O coro notifica Jasão sobre a morte das crianças e a partida da mãe, o personagem em desgraça da morte de seus filhos. Surge então nos ares Medéia, provida de um carro obtido pelo seu avô, o deus Sol. A mesma diz a Jasão que entrar na casa seria em vão, pois não os encontraria lá. O ex-marido profere palavras retratando Medéia como sendo uma mulher abominável, uma mãe que matou seus filhos e aniquilou ao mesmo tempo Jasão. O personagem diz ainda que o ato cometido por Medéia jamais seria realizado por uma mulher grega. Pela atrocidade cometida, Jasão deseja a morte de sua ex-companheira.

Medéia diz que apenas cumpriu o seu dever ao atingir Jasão, refere-se também aos deuses quando anuncia:

Muito eu me estenderia contra tais

discursos, se Zeus pai já não soubesse
o que de mim tiveste e o que fizeste.
Pós desonrar teu leito, tu não ias
levar vida jucunda a escarnecer-me,
nem a princesa, nem quem preparou
núpcias, Creonte, impune desterrar-me.
(Eurípides, *Medéia*, p. 157).

Jasão alega lamentar a morte de seus filhos e diz à Medéia que esta também sofre pela morte daqueles. A personagem concorda com tal comentário, mas ressalta que sofre menos se o outro sofre e adiciona que, em verdade, a morte dos filhos foi provocada pelos vícios do pai com a traição e o outro casamento. Neste jogo de acusações a personagem atesta que são os deuses sabedores de quem fora eliciador da morte das crianças. Jasão também se refere às figuras divinas e rebate afirmando que elas conhecem o espírito de Medéia.

O pai, sofrendo o luto dos filhos solicita velar seus corpos. Medéia nega o pedido alegando que ela mesma realizará tal processo no templo da deusa Hera e depois partirá para viver com Egeu. A personagem acrescenta ainda: “Tu morrerás, abjeto, abjetamente (fragmento de Argo vai ferir-te a frente) pós veres o acre fim de nossas núpcias.” (Eurípides, *Medéia*, p. 159). Assim a personagem orienta Jasão a ir velar sua esposa, pois as crianças ficariam com ela e não poderiam ser vistas pelo pai. Este, em luto, pede a Zeus, para que seja visto em seu sofrimento por ter os filhos mortos pela mulher filicida e não poder ao menos tocá-los uma última vez. Finda a narrativa, o coro o encerra com os seguintes dizeres: “Muitas coisas dá Zeus no Olimpo, muitas súbito obram os deus: e o previsto não se perfaz, mas o imprevisto avia deus. Assim, terminou esta ação.” (Eurípides, *Medéia*, p. 163).

2.3. Algumas considerações sobre o mito de Medéia

De acordo com Aristóteles (*Arte Poética*, s. d.), o herói trágico não é caracterizado como unicamente bom ou mau. Isso pode ser relacionado ao mito aqui exposto no qual, de acordo com Oliveira (2006), a figura de Medéia pode, a princípio, ser vista como uma mulher que agiu pelo furor de um ciúmes incontrolável, mas o que na verdade mobilizou-a a ponto de cometer seus atos e chegar ao filicídio, na verdade, foi uma reação emocional mais complexa. A heroína vingou-se por um termo conhecido pelos gregos como *timé*, tal expressão refere-se ao sentimento de honra e valorização, sendo que tais tratamentos são vistos como um direito da pessoa.

Isso significa, na perspectiva de Oliveira (2006), que a personagem trágica, sendo neta do deus Sol e filha de um rei, merecidamente, deveria ser tratada com grande respeito. Entretanto, ao trair seus familiares e realizar seus crimes, Medéia perde definitivamente sua *timé*. Uma vez que suas atitudes foram motivadas por um sentimento de amor a Jasão, ele deveria ser grato à Medéia e retribuir seus esforços com dedicação e honra. Porém, isso não acontece conforme as expectativas da personagem. Desta maneira, ao perder sua *timé* e considerar-se vítima do seu destino, vê-se em uma situação em que, naturalmente, a única coisa que lhe resta a fazer é atacar Jasão. “Entre os gregos, o nobre que é ferido em sua honra tem não só o direito, mas o dever de vingar-se.” (Oliveira, 2006, p. 15).

Mesmo reconhecendo que Medéia foi desonrada, consideramos que seja impossível não se deparar com seus atos e senti-los como cruéis. Contudo, se em certo momento ela nos gera tal sentimento negativo, em outro, ela nos desperta sentimentos de piedade, quando pensamos no quanto ela se dedicou para provar seu amor a Jasão. Esta ambiguidade de afetos nos leva para além de uma característica da tragédia grega, a uma característica do ser humano.

No momento em que Medéia entra em contato com seus sentimentos de mãe, coloca-se em uma situação dual entre tais emoções e seus planos monstruosos de acabar com a vida de seus filhos, ocorrendo assim uma batalha interna revelada em seu monólogo íntimo verificado no momento em que ela se prepara para o ato filicida. Em tal situação, a personagem expressa sentimentos bons para com os filhos e hesita (mesmo que por pouco tempo) em continuar seu plano. Deste modo, usando as palavras de Brandão, é possível inferir que “Medéia não é apenas a esposa sanguinária e vingativa, mas uma figura que personifica as forças cegas e irracionais da natureza” (1985b, p. 70), sendo que a natureza retratada pelo autor pode ser compreendida como a natureza humana, dotada de paixões e ambiguidades.

O desfecho desta narrativa mítica, ou seja, a morte dos filhos causada pelas mãos da própria genitora, não se restringe ao cenário mítico que acabamos de citar. Como fora explicitado no capítulo primeiro, os mitos retratam o ser humano em sua essência e este é um dos motivos pelo qual as narrativas não se tornam ultrapassadas conforme o avanço do tempo. Sendo assim, podemos dizer que a temática do filicídio, retratada em Medéia, refere-se a um tema atual. Não raramente, nos deparamos com informações sobre casos semelhantes. Desta

maneira, o capítulo seguinte tratará de abordar alguns destes casos, falaremos sobre as “Medéias” dos tempos atuais, ou seja, dos casos atuais de filicídio praticados por genitoras.

CAPÍTULO 3

AS MEDÉIAS DA ATUALIDADE

Quem diz que não pensa, nem comete o filicídio de alguma forma, ou é mentiroso, ou não teve espaço interno para poder senti-lo. O filicídio patológico, ou não, todos nós, pais e filhos, o sentimos ou suportamos, (inconscientemente fomos “vítimas” ou fizemos “vitimados”). Porém, volta a dizer, é algo fisiológico, como o xixi. E como tal tem que ser comentado e tratado. (Dametto, 1994, p. 19)

A comoção com o enredo do mito de Medéia, quando esta mata seus filhos, é uma reação bastante comum observada naqueles que entram em contato com esta tragédia. Os sentimentos despertados por esta narrativa são exacerbados, quando a realidade apresenta casos verídicos de mães que, por diversificadas razões, assassinaram seus filhos ou o tentaram fazer. Mesmo reconhecendo e sentindo o pesar deste assunto, defendemos que esta temática se trata de algo que não pode ser ignorado. Pelo contrário, necessita ser exposta e pesquisada, pois pensamos que casos de filicídio não acontecem em proporções tão raras, como alguns podem pensar baseados equivocadamente em registros policiais. Estes, possivelmente, contabilizam índices de filicídio menores do que a realidade contabilizaria de fato, já que, na maioria das vezes, os fatos são omitidos - talvez por uma tentativa de manter o modelo ideal de mãe amorosa em vigor, ou para se evitar o contato com este tabu ou para proteger a instituição familiar. De acordo com Rascovsky (1973)

dados tomados de estatísticas oficiais, não refletem senão parcialmente a intensidade muito maior com que ocorrem os assassinatos de crianças, pois referem-se aos crimes descobertos e claramente evidentes, sem incluírem as mortes ocasionadas pelos pais e mantidas ocultas.... a maior parte dessas ocorrências não é denunciada, nem são atendidas as vítimas, e seus casos são dissimulados quanto às causas (p. 22-23)

Outro apontamento interessante de Rascovsky (1973) tange a questão da negação do filicídio é demonstrada quando ele exhibe que em algumas literaturas o termo filicídio não é utilizado. Estas obras pareceram optar pelo uso da palavra infanticídio – a qual refere-se à morte de crianças, mas não trata sobre o causador do óbito. “Esta fuga da palavra que assinala clara e especificamente o assassinato dos filhos, conota a intensidade da defesa universal

diante da revelação linguística de um fato, o que decreta o desterro da palavra filicídio, como se fosse tabu” (Rascovsky, 1973, p. 31).

Rascovsky (1973) ressalta ainda que se quisermos compreender os motivos e o significado do filicídio é necessário, antes de tudo, aceitar que este fenômeno faz parte da essência da espécie humana. Tal realidade se expressa sem ressalvas de maneira clara e natural nos mitos, seja como uma apresentação das origens culturais, seja como uma forma de relação entre o homem e as divindades. Assim,

a matança dos filhos perpetua um fenômeno primitivo que parece haver constituído uma compulsão individual imperiosa, depois convertida em norma exigida pela sociedade, com determinados regulamentos, desde os albores do desenvolvimento cultural.... a civilização atenuou suas formas, mas elas ainda persistem (Rascovsky, 1973, p. 44-45).

Segundo Bourget, Grace e Whitehurst (2007), Castaño-Henao (2005) e Vieira (2013), práticas de infanticídio causadas por genitoras – mesmo que não sejam recorrentes - possuem registros históricos em diferentes datas e, constantemente, são tratadas com bastante comoção, talvez por colocarem em cheque o imaginário sobre a maternidade e abalarem a moral social a qual concebe o amor materno como algo inato.

Podemos perceber, ao longo dos estudos, o quanto os períodos de gravidez, puerpério e a maternidade como um todo, tratam-se de estados bastante delicados na vida emocional das mulheres e, em algumas delas, a sensibilidade (típica destas fases) ganha uma intensidade tão elevada que é capaz de desencadear quadros psíquicos comprometedores da vida das mães e de seus filhos. Por isso, acredito que pesquisar mais a fundo sobre estes casos - em que as mães parecem não mais conseguir lidar com suas emoções de forma a conter suas pulsões agressivas relacionadas a seus filho - pode ser uma forma de alerta e cuidado para a sutileza dos fatores que desencadeiam o filicídio, de modo a viabilizar a atenção para alguns sinais que podem passar diante dos nossos olhos desatentos, sem serem percebidos.

Sobre isto, Meyer e Spinelli (2003) defendem a ideia de que o estudo de tais situações favorece tanto a prevenção destes casos, quanto o trabalho com mães que possam estar vivendo ocasiões de risco, ou até mesmo as que já tenham provocado a morte de seus filhos. Bourget, Grace e Whitehurst (2007) constroem, por meio de seus estudos, uma relação entre os assassinatos e desordens psiquiátricas pré-existentes; desta forma, incentivam, de modo preventivo, o conhecimento das causas envolvidas para haver um melhor entendimento da

dinâmica dos sujeitos filicidas. Isso possibilita o levantamento de fatores de risco em outros países e promover o desenvolvimento de estratégias de intervenção a serem realizadas pelos profissionais envolvidos nos cuidados pré-natais e pós-natais, pois os mesmos estariam mais próximos das gestantes e puérperas e poderiam, além de realizar algumas indagações diagnósticas, observar a relação da gestante com seu bebê e identificar possíveis necessidades de acompanhamento e intervenções preventivas neste sentido.

Conforme informações apresentadas por Rascovsky (1973), no ano de 1966, na Dinamarca, 50% dos registros de morte envolviam crianças, sendo a maioria delas assassinadas por suas mães. Nos Estados Unidos, registrou-se um número de 497 crianças mortas por seus pais. Já em 1997, com base nos dados estatísticos de Farooque e Ernst (2003) os casos de filicídio, no mesmo país, foram destacados como sendo o quarto motivo pelo falecimento de crianças entre a idade de 1 ano e 4 anos. Para a faixa etária entre 5 e 14 anos essa razão foi elencada como a segunda das razões para tal. Em 1999, foram registrados mil casos de óbito infantil por maus tratos provocados pelos pais.

De acordo com Montaldo (2014c), até a data de realização de sua pesquisa, levantou-se um número de mais de 200 mulheres filicidas por ano só no território dos Estados Unidos. Estatisticamente, este dado contabilizaria uma média de três a cinco crianças mortas ao dia. Para o autor, de forma geral, a principal causa das mortes de crianças com menos de quatro anos estaria relacionada a pais homicidas. Há também no mesmo material uma pesquisa médico-antropológica, na qual se constata que é bastante raro acreditarem que uma mãe desejou e a morte de seus filhos. Ocorre com frequência uma negação coletiva dos fatos desta espécie de crime. Por isso, existe a necessidade de nos desprendermos da ideia de amor materno universal, para que seja possível um olhar mais atento para tais casos. Para Bourget, Grace e Whitehurst (2007), em 2004, o Canadá registrou a morte de 27 crianças, provocada pelos pais. Em 22% dos casos houve o suicídio do próprio genitor homicida.

De acordo com a bibliografia mundial (Bourget, Grace & Whitehurst, 2007; Guileyardo, Prahlow & Barnard, 1999; Oberman, 2003; Rascovsky, 1973; Resnick, 1969; Spinelli, 2001), as formas de filicídio são: o neonaticídio, quando a morte do bebê acontece nas primeiras 24 horas de vida; e o infanticídio, a morte de uma criança a partir do primeiro ano de vida. Já de acordo com Moins (2012), há também o libericídio, referente à morte de uma criança em até três dias de vida. Michelle Oberman (2003) acrescenta a existência do

infanticídio assistido/coagido (quando a morte da criança é auxiliada por outro indivíduo com a participação da mãe) e, além disso, há os casos de mulheres psicóticas que não são acompanhadas, nem auxiliadas para com os cuidados das crianças.

Na língua portuguesa, a palavra filicídio tem sua origem do latim, sendo a junção de *filius*, que significa filho, com o sufixo *-cídio*, que é oriundo do termo *caedere* e remete ao ato de matar, assassinar. Ou seja, trata-se do homicídio de um filho por seu próprio genitor (Léxico, s. d.). Semelhante a esta definição, para Moins (2012), o filicídio é retratado como um termo genérico relacionado à morte de uma ou mais crianças, provocada por um de seus genitores. Carloni e Nobili (1975) definiram o filicídio como o homicídio de uma mãe sobre seu filho e o infanticídio como o homicídio da criança perpetrado por qualquer outro adulto, podendo ser o pai ou pessoas fora do seio familiar. Ropert (1988) não faz referência ao infanticídio, mas distingue o libericídio (a morte da criança no seio familiar), do filicídio (morte de uma criança com mais de 24 horas de vida).

Sendo assim, o termo filicídio referido por Carloni e Nobili (1975) se enquadra melhor nesta pesquisa, pois a mesma visa entender este fenômeno dos homicídios de crianças causados pelas genitoras, sendo que será abordada, de forma geral, a faixa etária dos filhos que compreenda desde o início da vida até situações que envolvam crianças maiores. Por isso, quando nos referirmos à morte de crianças provocada por suas mães, usaremos o termo filicídio. Em todos eles alterações no funcionamento psicológico estão envolvidas, tais como depressão psicótica, esquizofrenia, transtornos delirantes, sendo muitos deles oriundos de mudanças psíquicas e biológicas relacionadas às fases gestacionais e puerperais, as quais, combinadas a fatores sociais e culturais podem apresentar grande risco para a mãe e seu bebê, sendo assim, a morte dos filhos implica uma multiplicidade de aspectos.

Oberman (2003) sustenta o pensamento de que o filicídio seja um fato recorrente em diversos momentos da história, embora a maioria deles não possa ser confirmada pela falta de registros das épocas mais remotas. Castaño-Henao (2005) expõe que nas sociedades mais antigas o filicídio já se realizava como parte de rituais dedicados aos deuses, para promover a fertilidade ou para a limpeza das más ações. Na linha histórica construída por Oberman (2003), temos as sociedades greco-romanas, nas quais o filicídio era reconhecido como um direito do patriarca e poderia ser realizado conforme os interesses da família. Ainda, conforme Dametto (1994), a morte dos filhos fazia parte da expressão da cultura grega, onde os pais

escolhiam geralmente a morte das filhas, pois os meninos eram mais valorizados já que poderiam ser futuros guerreiros.

Tal cenário se perpetuou na Idade Média, quando a vida das crianças era retirada por razões sociais e, especialmente, religiosas. Nesta fase, a Europa era determinada pelo pensamento da Igreja Católica, a qual condenava o envolvimento sexual antes do matrimônio de maneira que os casos de filicídio eram também recorrentes à vida das mulheres solteiras, pois não queriam ser vistas como pecadoras e temiam que seus filhos fossem tratados como ilegítimos; a solução era o assassinato de seus bebês. Há ainda, nos tempos atuais, os filicídeos relacionados a crianças do sexo feminino por questões culturais, sociais e econômicas dos povos pré-islâmicos, islâmicos e chineses. Para Moins (2012), há regiões na África e na Índia que tratam como natural a morte de recém-nascidos, por isso o autor explica que o estado de choque causado pelo infanticídio, na verdade, é uma questão, também, cultural.

Para Castaño-Henao (2005), com o desenvolvimento das sociedades, a vida humana se tornou mais protegida e, para garantir a vida dos recém-nascidos, foram formuladas leis de acordo com as normas de cada país, a fim de punir os casos de morte de crianças por seus genitores. Por exemplo, no Reino Unido a morte dos menores de um ano leva em consideração as alterações hormonais vividas pela mulher durante a gestação e a lactação. Em contrapartida, nos Estados Unidos, o olhar é mais severo, não se observa os fatores biológicos e as condenações podem gerar, inclusive, a pena de morte. Países como Estados Unidos e Canadá promoveram meios judiciais para proteger crianças que estariam possivelmente em situação de risco, ou envolvidos em casos suspeitos. Em tais circunstâncias, algumas intervenções médicas podem ocorrer e, quando muito graves, pode, inclusive, haver um afastamento da criança do meio familiar até que se investigue se as suspeitas são ou não reais.

Oberman (2003) explica que a correlação entre o filicídio e doença mental foi um pensamento desenvolvido entre os séculos XIX e XX. Nesta época os psiquiatras franceses Jean-Etienne Esquirol e Victor Louis Marcé estabeleceram uma relação causal entre os períodos de gestação/parto e uma possível doença mental materna. Em relação às mães homicidas, afirma-se que

A maioria dos estudos empíricos analisa histórias de mulheres, o que contribui para a percepção de que as mulheres são as únicas ou principais perpetradoras; há dados, no entanto, que sugerem que o filicídio é cometido em proporções semelhantes por pais e mães (Vieira, 2013, p. 06).

Entretanto, há divergências entre as publicações encontradas nesta pesquisa. Moins (2012), por exemplo, defende que os pais geralmente cometem a morte dos filhos mais velhos, enquanto as mães dos mais novos. A idade, em geral, dos pais oscila entre 30 e 40 anos. Mães que já tiveram outros filhos têm maior tendência a cometer o filicídio e costumam manifestar carências afetivas e vulnerabilidade socioeconômica. Além disso, elas se portam como mães que não conseguem estabelecer vínculo com seus filhos e realizar a maternagem. Marleau e Laporte (1999) fizeram um estudo entre a vítima e as motivações maternas para o filicídio e, como resultado, obtiveram a informação de que as filhas, geralmente, são assassinadas por razões altruístas, quando estão em uma situação de risco (de acordo com a visão da mãe), já os meninos geralmente morrem em situações cujo objetivo é a retaliação ou a vingança.

Em um levantamento na internet de notícias atuais sobre casos de filicídio em diferentes idiomas (inglês, espanhol, francês e italiano), foram encontrados registros em jornais virtuais por todas as partes do mundo e em diferentes épocas históricas. Algumas delas foram selecionadas de acordo com sua singularidade e serão relatadas nesta sessão de forma sumária, com o objetivo de mostrar ao leitor, simultaneamente, a atualidade do tema abordado a partir do mito de Medéia, a diversidade de causas para sua ocorrência e, além disso, alguns pontos de compreensão dos casos à luz de diferentes áreas do conhecimento. Assim, será possível trazer à tona um assunto carente de investigações científicas. No capítulo posterior estes casos serão discutidos a partir da psicanálise em diálogo com o mito exposto no capítulo três.

Dentre os onze crimes destacados por Montaldo (2014a), alguns de maior repercussão ganham notas especiais nesta pesquisa, por retratarem assassinatos cometidos exclusivamente pelas genitoras, sem a participação de qualquer outro indivíduo no ato de colocar um fim à vida de seus filhos. Um deles é o caso de Debra Jean Milke, no Arizona. Montaldo (2014a) noticia que, em 1989, a mulher admitiu aos policiais ter sido a causadora da morte de seu filho, pois, em sua opinião, esta seria a melhor alternativa para que a criança não se tornasse como seu pai. Outro fato descrito por Montaldo (2014b), traz a história de Frances Elaine Newton que, em 1987, assassinou o marido e os filhos com o uso de uma pistola com o intuito de ficar com a quantia de 50 mil dólares proveniente de um seguro.

Na Carolina do Sul, de acordo com o site Terra (2010a), em uma matéria intitulada *Mães assassinas*, a genitora Shaquan Duley, de 29 anos, assassinou seus dois filhos, um com idade de 2 anos e outro com 18 meses. Foi descoberto pela polícia que a mesma, na verdade, matou os filhos sufocados e em seguida os prendeu no cinto de segurança do carro lançando o veículo num rio para forjar um acidente. De acordo com a reportagem, o motivo para tal feito seria a falta de condições para cuidar dos filhos, pois estava desempregada. A situação parece ter sido agravada por uma discussão da mesma com sua mãe. Ainda na mesma matéria relata-se outro fato, no qual uma genitora de 28 anos, residente em Indiana (Estados Unidos), trancou seus filhos de 7 anos, 3 anos, duas gêmeas de 5 e um bebê de 11 meses, em um pequeno armário durante dez horas, como forma de castigo, sendo que ainda sobreviveram duas delas, a de 11 meses e 7 anos.

Em Manchester, no ano de 2009, Helen Caudwell (42 anos), matou seu bebê de 3 anos, por medo de perder sua custódia. De acordo com o site Terra (2010b), a assassina alegou ter sufocado acidentalmente sua filha enquanto dormia com ela, mas a verdade é que o filicídio teria ocorrido de maneira brutal, pelo sufocamento da criança com um bicho de pelúcia pressionado em seu rosto. Havia também a intenção de cometer suicídio, mas Caudwell parece não ter tido coragem. Tal suposição se sustenta por ter sido encontrado um bilhete com a seguinte declaração: "não agüento a idéia de que ele pode ficar com Beth e tornar sua vida miserável, como tornou a minha" (Terra, 2010b).

No Texas, um dos casos mais chocantes apresentados pelo blog Serial Killers, Homicidas, Psicopatas (2010), em uma matéria de título *A mãe que matou os 5 filhos*, consta que, Andrea Yates foi julgada como uma filicida e condenada em 2002 à prisão perpétua. Em 2006, a pena foi alterada para um tratamento psiquiátrico por ser considerada em condições de insanidade. Embora Yates, aparentemente, demonstrasse ter os primeiros momentos de sua vida de uma maneira saudável – conforme indicaram seus familiares e médicos que a acompanharam -, em 1999, cometeu duas tentativas de suicídio, sendo internada em um hospital psiquiátrico e diagnosticada com depressão pós-parto. A mesma recebeu alta no ano seguinte, com a recomendação médica de que não tivesse mais filhos. Isso não foi seguido e logo a mesma engravidou mais uma vez. Yates retornou aos tratamentos e acompanhamentos psiquiátricos por entrar em um estado catatônico, numa ocasião em que dormiu no banho e, no mesmo período, declarou que planejava matar seus filhos afogados. Ainda em tratamento, mas em sua residência, foi deixada sozinha em casa com as crianças, mesmo com os alertas

médicos de que isso não deveria ocorrer. Esta situação gerou a oportunidade que tornou o destino das crianças definitivo. Naquela ocasião, em apenas uma hora, afogou os filhos na banheira e os dispôs lado a lado sobre a cama, cobertos com um lençol, apenas o mais velho ficou morto na banheira. Foi a própria Yates quem chamou a equipe de socorro e o marido, que havia saído naquela manhã. Recebeu os policiais em sua porta e descreveu tudo conforme havia ocorrido. Após cinco anos de julgamento, Yates foi considerada culpada e encaminhada ao hospital mental do Texas, por seu estado ser considerado tratar-se de um quadro psicótico.

Na França, Borges (2010) expõe alguns dos casos marcantes no país. Conforme a BBC Brasil (2010), as últimas décadas foram marcadas pela ocorrência de diversas situações de filicídio. Uma delas retrata a história de Dominique Cottrez, mãe de oito crianças todas mortas durante os anos de 1989 e 2006 - por sufocamento causado pela genitora. Os corpos foram colocados em sacos plásticos e escondidos no quintal. Isso tudo apenas foi descoberto quando a residência fora vendida e os novos moradores mexeram no terreno do quintal para construir uma piscina. Em nota, declara-se que “ela explicou que não queria mais filhos e que não queria ir ao médico para tomar anticoncepcionais.... estava perfeitamente consciente do fato de estar grávida” (Borges, 2010, par. 1). Em outra ocorrência, no noroeste da França, uma mãe foi condenada por ter assassinado seis filhos e ocultado os corpos no sótão de sua casa. Há também, o homicídio noticiado por Borges (2010) sobre Veronique Courjault, a qual escondeu os corpos dos dois filhos mortos por suas próprias mãos no freezer de sua casa, sendo presa em 2006, conforme consta nos dados coletados em BBC Brasil (2010).

No material intitulado *Réflexions autour d'un tabou: l'infanticide* [reflexões sobre um tabu: o infanticídio], (Auteur Collectif, 2009) disponível na internet, podemos encontrar o relato de uma mãe que não tem o desejo de ser mãe. Vivendo em uma época onde não existem alternativas de contracepção, ela se vê em situações nas quais não deseja ter filhos, mas se vê submissa ao marido, ao qual deve satisfazer sexualmente. Para não ter mais filhos (pois já era mãe de três crianças), consegue esconder as gestações e provocar a morte dos bebês. Foram, ao todo, nove abortos e dois filicídios. Ao longo de sua história, essa mulher passou pelo atendimento psiquiátrico e foi medicada na primeira consulta, mas não aceitou o tratamento medicamentoso. O relato se finda com uma declaração:

Esta é uma situação desumana , mas no momento em que você a comete, é sua única opção. Finalmente, você está livre. Quando você lê uma história como esta que aconteceu com alguém , bem, você não acha normal! E quando se trata de você, quando isso acontece, é um

fim. Finalmente, o problema está resolvido. E isso, eu acho que é horrível. Sim, acho que é horrível ter que fazer isso. E eu sei que não sou a única a viver isso. Isso também é terrível. E bem, isso continua a existir. (Auteur Collectif, 2009, p. 06; tradução nossa)

Na Alemanha, de acordo com a BBC Brasil (2010), um acontecimento muito singular, datado em 2006, foi o de uma genitora que assassinou seus oito filhos e escondeu os corpos em vasos de flores e em um tanque de peixes. Divulgado pelo site Terra (2010f), em Edimburgo, na Escócia, a mãe de três crianças simulou uma explosão para justificar a morte de seus filhos, sendo dois gêmeos de 8 anos e uma menina de 5 anos. A polícia, após realizar perícia no local, constatou a inexistência de qualquer problema na casa e, com isso, logo se descobriu que a verdadeira autora do crime foi a mãe, de 46 anos.

Ainda conforme o site Terra (2010c), na Holanda, entre os anos de 2002 a 2010, uma mulher de 25 anos matou seus quatro bebês e escondeu os corpos em malas no sótão de sua casa, ela confessou ter cometido os assassinatos logo após o nascimento dos infantes. Até a data da notícia, as causas não foram encontradas. Outro caso divulgado é o de Lianne Smith, britânica de 43 anos, julgada por ter matado seus dois filhos (11 meses e 5 anos), a mesma confessou tudo à polícia após os corpos serem encontrados em um hotel na Espanha, onde ela também estava. Conforme informado pelo site Terra (2010d), durante as declarações a genitora estava bastante lúcida e consciente do que havia cometido. Os motivos do crime não foram mencionados, mas sabe-se que Smith tentou o suicídio após o filicídio.

Outra britânica, chamada Yvonne Freaney (48 anos), matou seu filho autista, alegando que, assim, ele não sofreria com chacotas de outras pessoas. O fato foi descoberto pelos policiais com base em denúncias e quando chegaram ao local do crime a mãe segurava a mão do filho, já falecido. Além disso, outro fator relevante no caso seria o divórcio recente. A genitora teria passado por acompanhamento psiquiátrico ao longo do julgamento, conforme consta em Terra (2010e).

Em um site italiano, a notícia de título *Ho ucciso mio figlio perche era il diavolo* [matei meu filho por que ele era o diabo] (Giornalettismo, 2012), citou uma ocorrência em Lindau, na Itália, sobre Chistian (8 anos) assassinado, tendo sua face e corpo desfigurados por facadas aferidas por sua mãe, quando a mesma pensou que ele estivesse sob o domínio de forças demoníacas e chegou a acreditar que o menino fosse a personificação de Satanás, ouviu vozes lhe ordenando a morte da criança e as obedeceu. A mãe, de 34 anos, já passava por atendimentos psiquiátricos por sofrer de síndrome do pânico. De acordo com o psiquiatra que

acompanhava a genitora, esta sofria de esquizofrenia. O ato ocorreu em seu estado de euforia e quando a crise cessou, a mulher se deu conta do que havia feito.

Em Portugal, na região de Alenquer, conforme a matéria de título *Mãe diz que matou filhos para fazer marido sofrer*, encontrada na internet em DN Portugal (2013), no ano de 2013, a mãe de duas crianças de 1 ano e 2 anos acabou com a vida das mesmas para se vingar do marido de quem pretendia separar-se e não queria ver as crianças ficarem com o pai. Justificou que a separação ocorrera, pois ele não se importava com ela e só dava atenção para as crianças. A morte ocorreu pelo incêndio provocado pela genitora, a qual deixou os filhos trancados num cômodo e ateou fogo no recinto.

No mesmo país, uma mãe de 31 anos enviou uma carta para a redação de um jornal português, confessando o assassinato de seu próprio filho com a seguinte declaração: “Quando soube que estava grávida, não contei a ninguém. As minhas perguntas eram: o que é que eu vou fazer? Que hei-de fazer com o meu filho? Absurda, egoísta, calculista e fria como uma pedra” (Aborto em Portugal, 2001, par. 1). Após esta nota a mãe, arrependida, manifestou seu sofrimento que pode ser visto em toda a declaração, especialmente quando desabafa: “Santo Deus! Como fui estúpida! Agora penso no meu bebé a cada instante, penso que sou egoísta, fria, criminosa.... Espero, meu filho, que algum dia me possas perdoar” (Aborto em Portugal, 2001, par. 5).

O site da OAB São Paulo (2014) expôs um evento ocorrido em 1931, na cidade de São Paulo, conhecido como *O crime da rua Salete*. A mãe matou seu filho por haver uma suspeita de que o mesmo teria cometido um furto de um chapéu; assim, quando a informação chegou até ela, comprou um revólver e matou o jovem de 15 anos, afirmando ao delegado preferir “um filho morto a um filho ladrão” (OAB São Paulo, 2014, par. 3). A mesma foi julgada e considerada culpada. Contudo, houve tentativas de defesa pelo promotor Covello Jr., o qual, numa tentativa de comover o júri, referiu-se a ré com as seguintes palavras:

Aquela infeliz criatura - perorou - já está condenada para o resto da vida! Sua alma jaz na mesma lousa que cobre o corpo do filho adolescente. De Antônia de Araújo resta apenas um espectro perdido nas sombras de uma tragédia imensa. (OAB São Paulo, 2014, par. 9).

Em dezembro de 2012, no Brasil, registrou-se, conforme referenciado por Varela e Otão (2012), o assassinato de duas crianças (1 ano e 3 anos) pela mãe, Keli Alexandre Pinto Oliveira, de 30 anos, na região de Preces. Na ocasião, o marido havia saído, deixando a

mulher com os filhos em casa. Após o assassinato, Keli ligou para a sogra e comunicou a ocorrência; em seguida fez o mesmo com seu marido. A mesma era reconhecida pelos moradores do bairro como uma pessoa de conduta estranha, mas até o momento da reportagem também suspeitava-se que algum conflito conjugal pudesse ter influenciado o filicídio, devido ao bilhete encontrado no local do crime com a seguinte menção: "Agora já podes ficar com os teus filhos" (Varela & Otão, S., 2012, par. 2).

Em agosto de 2014, em Minas Gerais, Marília Gomes confessou assassinar seu filho de dois anos tendo escondido o corpo da criança no sofá da casa vizinha, pertencente ao tio do menino, o qual, na ocasião, estava viajando. A mulher ligou à polícia dizendo que o filho havia sumido enquanto limpava sua casa. O fato foi descoberto pelo tio, quando este retornou a sua casa e, além de sentir mau cheiro (devido ao corpo já estar em decomposição), notou manchas de sangue na casa e chegou até a criança morta, conforme exposto pelo site R7 Notícias (2014). Ainda sobre este caso, mais detalhes foram encontrados na página jornalística da internet, Estado de Minas (2014), de acordo com as informações, no julgamento, a mãe chorou pela sentença, porém suas lágrimas não eram pela perda do filho; em nenhum momento demonstrou algum afeto ou sofrimento. Ao ser julgada, e após confessar seus atos, a mãe afirmou ter tido uma crise de nervosismo num momento em que seu filho deu um tapa nela. A mãe o arremessou contra a cama, de modo que o mesmo bateu a cabeça e desmaiou, falecendo imediatamente. A fim de ocultar sua ação, ela levou o corpo para a casa ao lado e o escondeu no sofá.

Em novembro de 2014, na cidade de Florianópolis (Santa Catarina), conforme publicado na internet por G1 Globo (2014), em uma matéria de título *Mulher mata filho de 6 anos e deixa bilhete em São José*, uma mãe de 25 anos matou-se após tirar a vida de seu próprio filho. Sem maiores detalhes até o momento da notícia, sabemos que as causas estariam relacionadas à ruptura de seu casamento. A mesma deixou bilhetes declarando sobre sua incapacidade de lidar com o sofrimento vivido, pediu desculpas aos familiares e que com essa decisão poderia ser feliz com os filhos. Além disso, deixou também registrado: "Cada um sabe a cruz que consegue carregar. Perdi a luta, faz parte. Não tenho como me erguer." (G1 Globo, 2014, par. 4).

Para Castaño-Henao (2005), assim como existem múltiplas formas de ocorrência do filicídio, existem, igualmente, várias razões para tal, as quais tentam ser investigadas por áreas

diversas, tais como a Psiquiatria, Psicologia, Antropologia, Sociologia e o Direito. É certo que, os valores sociais confrontados com estes casos variam de acordo com o contexto histórico social e com as explicações científicas. Atualmente, a sociedade ocidental espera dos genitores um comportamento de cuidados e afeto para com seus filhos. Quando essa expectativa se defronta com atos de assassinato, ocorre um choque de valores entre o ideal e o real.

Na literatura relativa ao assunto em pauta é marcante a construção de análises que atribuem à doença mental o motivo para estes casos. Entretanto, estas considerações não parecem ser exatas. Um exemplo desta possibilidade pode ser constatado por meio dos estudos realizados por Friedman e Resnick (2007), para estes autores, nos casos de assassinatos de filhos pelas mães, a incidência de transtornos psiquiátricos oscila entre 36 e 72% dos casos, ou seja, dizer que uma mãe matou o filho por motivo de doença mental não é uma justificativa que se aplica em todos os casos. Ainda de acordo com Friedman e Resnick (2009), em uma média de 16 a 29% dos casos de filicídio as mães acabam com a própria vida. Outra informação encontrada em Krischer et al. (2007), revela que há uma forte relação entre tentativas de suicídio das mães antes do assassinato de seus filhos pelas mesmas. Os motivos destas tentativas geralmente estão relacionados a quadros de depressão, além de estados psicóticos. Sobre estas informações, as mesmas podem ser confirmadas por meio dos dados divulgados por McKee e Shea (1998) ao relatarem que, dentre as mães filicidas pesquisadas, 80% delas sofria de alguma disfunção mental, sendo deste grupo 40% referente a distúrbios psicóticos e 25% com depressão grave. Em relação a este conteúdo, dentre os casos aqui exibidos, podemos notar que eles ocorreram por causas psicológicas, tal qual é apresentado pelos autores deste parágrafo.

Acerca desta temática, foram realizados estudos por Bourget e Bradford (1990), Bourget e Gagné (2002), d'Orban (1979), Lewis e Bunce (2003), Resnick (1969), Stanton, Simpson e Wouldes (2002), e sendo, dentre eles, atribuída grande importância a Resnick, por ter sido quem realizou, pela primeira vez, um levantamento das motivações dos atos de filicídio e as classificou de forma organizada. Sobre os assassinatos de crianças provocados por suas genitoras, os autores destacam a prevalência de quadros depressivos agudos e de psicose, neste último caso destaca-se a esquizofrenia como mais frequente. Em comparação com as mães não psicóticas, Lewis e Bunce (2003) descrevem a maior probabilidade de recorrência de suicídio após o filicídio naquelas que são diagnosticadas com psicose. Embora

a psicose seja destacada nos estudos analisados, de acordo com a pesquisa desenvolvida por Bourget e Gagné (2002), entre os anos de 1991 e 1998, os casos de filicídio estudados retratam, em maior frequência, a depressão (67%) como principal causa dos casos de filicídio. Sobre o suicídio apontado neste momento, percebemos pelas nas notícias elencadas nesta pesquisa, que houve a presença deste aspecto, seja o suicídio pensado - porém não executado pela genitora - seja na ação real do assassinato dos filhos.

No contexto atual, os diagnósticos de caracterização da dinâmica psíquica envolvida nos assassinatos de crianças pelas genitoras são dificultadas, especialmente pelas oscilações de humor e instabilidade das gestantes e puérperas, conforme apontam Meyer e Spinelli (2003) e Stanton, Simpson e Wouldes (2000) ao caracterizarem os casos de psicose pós-parto como momentos de alternância entre estados de lucidez e delírio.

Num viés mais amplo, Bouget e Gagné (2002) desenvolveram uma classificação considerando uma diversidade de fatores, dentre os quais abordam-se motivações pessoais, objetivos, doenças psiquiátricas diagnosticadas com base em manuais (como o DSM-IV) e a existência, ou não, do desejo de matar os filhos. Em casos de doença mental, considera-se a psicose assim como outras desordens causadas no período do pós-parto e distúrbios mentais relacionados ao primeiro ano de maternidade. Motivos relacionados ao abuso físico de crianças são referentes ao espancamento e aos movimentos bruscos e excessivos realizados pelas mães. Segundo os autores, estes acontecimentos são provocados sem a intenção consciente de matar - casos nos quais, sabemos que inconscientemente, existe o desejo, que apenas não é sabido pela genitora -, como verificamos na notícia da mãe que trancou os filhos no armário como forma de castigá-los. Em contrapartida, há o filicídio de retaliação, no qual há a intenção de matar eliciada por sentimentos de raiva ou vingança, isto pode ser percebido naquelas situações apresentadas nesta sessão que remetem ao conflito conjugal como aspecto relevante para a execução dos homicídios. No filicídio por piedade, há a intenção de matar quando a criança passa por algum problema de saúde. Nestes casos, os pais não sofrem de doença mental, e isso pode ser verificado na ocasião da mãe que matou seu filho para que o mesmo não se tornasse como seu pai. Há ainda, de acordo com Bouget e Gagné (2002), os casos associados ao suicídio e também assassinatos premeditados ou imprevistos.

Vieira (2013) comenta que, embora casos como estes (de filicídio) sejam compreendidos especialmente pelo viés médico, atribuindo motivos de insanidade mental

pelos atos de filicídio, é preciso sair desta condição reducionista e ampliar as perspectivas de explicação para áreas sociais, econômicas, culturais e das relações de gênero, por tratar-se de algo complexo. Assim, a autora afirma: “Afastando-se da loucura, o infanticídio ganha outros significados associados a elementos como precariedade de recursos financeiros, ausência de redes sociais de apoio às mães, relações familiares abusivas e desvios à normatividade da maternidade.” (Vieira, 2013, p. 02). Spinelli (2004) coaduna com tal concepção ao afirmar sobre a multifatorialidade deste tema. Nas categorizações mais recentes, verificamos que não há exclusão dos aspectos mentais e psicológicos, mas os mesmos são considerados conjuntamente a outras possibilidades interpretativas.

Bourget, Grace e Whitehurst (2007) reconhecem a importância da organização e classificação dos motivos provocadores do assassinato dos filhos, porém alertam sobre a limitação destes estudos para uma análise de causas mais precisa. Por haver uma sobreposição de fatores, torna-se praticamente impossível enquadrar os casos em uma única motivação para a morte de um filho por assassinato. É possível pensar na existência de doenças mentais que estariam associadas a outras causas de origem externa, ou relativas diretamente à criança. Ou seja, os casos de filicídios, neste viés, estariam relacionados a fatores internos e externos.

Resnick (1970) organizou em um estudo os principais motivos para o assassinato de crianças provocado por suas genitoras, sendo eles: a ideia de proteção do filho na dinâmica psíquica materna; estados de alucinação ou delírio em casos de psicose; morte por acidente gerada por maus-tratos físicos recorrentes; maternidade indesejada; vingança contra o cônjuge com o objetivo de provocar sofrimento ao outro. Outras razões são expostas por d’Orban (1979) de modo a ampliar a compreensão (embora alguns sejam semelhantes ao autor anterior e não serão elencados aqui por razões de evitar repetições), sendo apontado: atos impulsivos de mães em situações de ameaça ou maus-tratos; estados de psicose ou depressão; negligência; obtenção de benefícios secundários para a mãe; finalidade de cessar o sofrimento da criança por alguma enfermidade.

Uma ideia que pode ser acrescida neste momento é a de Castaño-Henao (2005). Para este pesquisador, dentre os múltiplos fatores ligados ao filicídio, está a insatisfação sentida pelas mães quando os filhos não são desejados ou geram algum tipo de problema, devido a alguma doença; ou pelo momento familiar impróprio para a criação de um bebê; ou por serem fruto de violência sexual. A falta de vínculos familiares, o uso de álcool ou drogas, a agressão

à criança, também são aspectos relevantes. Assim, fatores de alerta, considerados indicativos de risco para os filhos, seriam as tentativas de suicídio materno, rivalidade entre o casal, objeções ao aborto sem justificativa, relações marcadas por maus-tratos, situações incestuosas, ocultamento da gravidez, preocupações irracionais e pensamentos de filicídio.

Por meio de uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Medicina Legal y Ciencias Forenses de Bogotá, realizada por Castaño (2005), foi verificada uma maior incidência de casos nas mães em situações de depressão e depressão psicótica, nas quais a morte das crianças ocorre por razões altruístas (mesmo que imaginárias) ou alucinações auditivas em que os homicídios são provocados por vozes que ordenam à mãe cometer os atos. Realmente, estes quadros puderam ser verificados em maior quantidade durante a pesquisa de reportagens sobre o tema, como podemos lembrar a mãe que ouviu vozes lhe ordenando matar o filho; outra que preferiu matar o filho a vê-lo sofrer por conta de sua doença; ou até mesmo aquela que quis evitar ver seu filho crescer e tornar-se semelhante ao pai.

De acordo com Bourget, Grace e Whitehurst (2007) e Friedman e Resnick (2009), o perfil das mulheres filicidas geralmente retrata com maior frequência pessoas jovens, solteiras, com poucos cuidados pré-natais, que negam a gravidez. Elas não manifestam desejo de cuidar do bebê e raramente buscam qualquer tipo de ajuda. Outros fatores observados incluem questões psicossociais, tais como o desemprego, problemas financeiros, conflitos familiares, falta de apoio social e inclusive o isolamento, sendo que os vínculos sociais frágeis ou inexistentes agravam os estados de não desejo pela maternidade e negação da mesma. Por outro lado, conforme apontam Lewis e Bunce (2003), nos casos de mães psicóticas, estas tendem a ter maior nível de educação e serem mais velhas, geralmente já passaram pelo casamento e raramente possuem um emprego, além disso, este grupo costuma possuir históricos de tratamento psiquiátrico, tentativas de suicídio e uso abusivo de substâncias.

Prud'Homme (2012) explica que a categorização das motivações e dos quadros psíquicos das mães filicidas representam ao mesmo tempo uma necessidade para viabilizar os estudos, mas ao mesmo tempo restringe o pensamento sobre tais ocasiões, além de não considerar o todo e os processos subjacentes do funcionamento psíquico destas mulheres. Sadoff (1995) pontua que raramente as mães matam seus filhos de forma fria e calculista. Os atos acontecem, especialmente, em momentos em que as mesmas se veem em situações de

medo, pânico, deprimidas, em estados dissociativos ou psicóticos. A isto, pode ser acrescida a ideia de Makee and Shea (1998), os quais afirmam que, além do sofrimento psíquico, as genitoras, no momento do assassinato de seus filhos, estão passando por uma situação de grande estresse e não contam com recursos psíquicos suficientes para reagir de outra forma.

Fernandes (2013) amplia as análises ao afirmar que, de acordo com especialistas sobre estes casos, as mães são caracterizadas por um sofrimento afetivo agudo, pela fragilidade e escassez de recursos psíquicos e as gestações são marcadas pelo não desejo de se ter o bebê, por isso nenhum vínculo afetivo é estabelecido com o feto. Para Prud'Homme (2012), são encontrados alguns traços comuns de personalidade entre as mulheres que cometem o filicídio; a imaturidade é um desses aspectos, tendo sido verificado que a faixa etária de mulheres está em torno dos 30 anos. E não se trata apenas da relação com a idade, mas sim, especialmente, da maturidade emocional. São pessoas que não se preocupam nem sua vida sexual, nem com os cuidados necessários para não engravidar; ainda parecem ser incapazes de assumir sua feminilidade e, conseqüentemente, a maternidade, agem de maneira infantil e inconsequente.

Verea e Garay (2007) destacam a influência da mistificação da maternidade como um amor incondicional, esta concepção recai como um sentimento de incapacidade e impotência nas mães que não conseguem agir tal qual a expectativa social demanda. Há dados, inclusive, conforme apontado por Smithey (2001), que apontam para dificuldades de lidar com a maternidade, os quais podem sugerir uma manifestação da agressividade que estava recalcada no inconsciente, mas que vem à tona diante da presença da criança, a qual pode se revelar ameaçadora e estressante à mãe, especialmente em condições adversas, como, por exemplo, momentos de choro incessante, enfermidades da criança e educação. Rheingold (1967), baseado em Freud, considerou a ideia de pulsões filicidas existentes em todas as mães. Ocorre uma experiência de frustração diante da realização da função materna, provocando culpa e sentimento de fracasso, pela dificuldade de lidar com os cuidados infantis, isto somado a outros fatores (familiares, sociais, econômicos, relacionais), pode acarretar em fins possivelmente fatais, sem exageros na expressão.

Badinter (1985), acerca do amor materno, diz que este sentimento é algo desenvolvido pelo ser humano, pois não é inato. Por volta do século XVIII a morte dos filhos era vista com indiferença pelas mães e quando surgia algum sentimento sobre este fato o caráter emocional

era mais religioso que voltado à perda da criança, A autora acredita na existência do amor materno e ao longo do desenvolvimento humano, porém, desacredita que ele esteja presente em todas as mulheres; por mais que exista um aparato biológico, a autora defende que os conteúdos inconscientes femininos e o contexto social sejam mais poderosos que seus hormônios no que se refere ao amor da genitora por seus descendentes. Assim como qualquer outro sentimento humano, este afeto tem suas nuances e pode ser frágil, imperfeito e instável.

CAPÍTULO 4

ALGUMAS HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA O FILICÍDIO SOB O VIÉS PSICANALÍTICO

Todos têm desejos que prefeririam não revelar a outras pessoas, e desejos que não admitem nem sequer perante si mesmos. (Freud, 1900/1996b, p. 193)

Na continuidade do desenvolvimento da presente pesquisa, é fundamental buscar uma compreensão psicanalítica que explicita elementos psicodinâmicos relacionados à figura materna que comete o filicídio. Em princípio, se faz necessário buscar uma intersecção de algumas temáticas que possam subsidiar a discussão acerca do filicídio, principalmente no que concerne à maternidade, à relação entre mãe e filho, às pulsões envolvidas no modo como a mulher vivenciou suas primeiras experiências de vida com seus pais e como foram elaborados seus conflitos infantis. Para tanto, com embasamento no método psicanalítico e na literatura que trata sobre este tema, pretendemos retomar o mito de Medéia na versão de Eurípidés, os dados das pesquisas sobre filicídio apresentados anteriormente, bem como os casos noticiosos relatados. Tal retomada se dará a partir do esforço de se ter a mente aberta numa leitura do tipo flutuante, a qual vem sendo realizado desde os capítulos antecedentes, conforme os mesmos eram construídos e já tentávamos pensar em hipóteses explicativas que poderiam ser levantadas.

Neste capítulo, as conjecturas explicativas serão articuladas com a teoria e, em alguns momentos, certos termos levantados serão explanados de forma sucinta, apenas para clarificação e fluidez de algumas reflexões elaboradas, de modo que possamos ter alguns elementos que permitam conjecturar acerca do filicídio sem encerrar ou esgotar as discussões a respeito do mesmo, uma vez que trata-se de um assunto vasto e ainda carente de pesquisas e reflexões. Sendo assim, serão apresentadas aqui apenas algumas possibilidades interpretativas, sem o intuito delas tornarem-se ideias conclusivas, trata-se apenas de uma tentativa de esclarecer alguns pontos de vista.

Uma vez que este capítulo traz uma discussão psicanalítica acerca do tema proposto nesta pesquisa, trago aqui uma definição que nos auxiliará na construção das reflexões sobre o filicídio, apresentada por Dametto (1994). Para a autora o filicídio é um

fenômeno mental presente no inconsciente mais profundo do ser humano, a conduta filicida tem, obviamente, que ser detectada para poder ser impedida de manifestar seu potencial destrutivo.... sobre o filicídio, pouquíssimo se falou na teoria psicanalítica. Ou por ser condição clínica mais difícil de ser percebida, devido a pontos cegos existentes nos que deveriam percebê-la, ou por ser tema maldito (p.15)

Ou seja, em uma estrutura familiar em que as pessoas não veem além de si mesmas, o filicídio estaria estabelecido no inconsciente como um desejo de homicídio que necessita ser escondido, porém, tem grandes possibilidades de acontecer. Conforme foi visto nos capítulos anteriores, o filicídio pode ser cometido por diferentes causas manifestas, as quais guardam os conteúdos latentes das mães. Mas raros foram os casos em que se detectou nas mães a possibilidade de que estas viessem a cometer o assassinato de seus filhos. Como já fora comentado em capítulo anterior, é uma condição de difícil percepção, devido a diferentes motivos. O que nos importa para iniciar discussões sobre o tema é reconhecer que o impulso filicida deve ser visto como parte da bagagem psíquica inconsciente de cada ser humano. Além disso, Dametto (1994) ressalta que

filicídio é, conforme observações minhas na prática clínica, o desejo, sentido e pensado, ou atuado (*acting out*), de matar ou mutilar o filho, a partir de uma relação narcísica normal ou patológica, estabelecida entre as pessoas do grupo familiar. Isto é, filicídio é o desejo consciente (pensado) ou inconsciente (atuado) de mutilar ou matar o filho (p. 68)

Como foi possível verificar nos casos apresentados em páginas anteriores, alguns eventos de assassinato dos filhos foram planejados, como se a mãe tivesse consciência de sua ação, em outros, de acordo com os depoimentos, parecia haver uma condição de um desejo no plano inconsciente, por exemplo na situação em que a mãe deixou os filhos de castigo no armário; ou a mãe que agiu brutalmente com seu filho diante de maus comportamentos do mesmo e, por essas medidas, seus filhos vieram a óbito.

Embora, na maioria das vezes, os motivos para o filicídio sejam plurais, para uma melhor organização da discussão, subdividiremos esta sessão em tópicos, conforme as causas mais relevantes verificadas nas notícias expostas. Os fatos mais recorrentes que geraram os eventos de assassinato dos filhos foram: a vingança contra o cônjuge; a dificuldade de se

estabelecer o vínculo mãe-filho; pensamentos de suicídio da genitora após cometer o filicídio; e o assassinato dos filhos causado por mulheres em quadros psicóticos.

Embora as explicações estejam expostas aqui em sessões, vale ressaltar que uma análise interpretativa de uma situação pode ser articulada com fatores de outros quadros. Neste momento o objetivo da divisão foi apenas com a finalidade de organizar os conteúdos a serem discutidos.

4.1. A vingança contra o cônjuge

Vimos, nos casos apresentados, que em certas histórias, mulheres que viviam situações de conflito conjugal acabaram utilizando a vida dos seus filhos como forma agressiva de atingir seus cônjuges. Neste subtópico buscaremos discorrer acerca da psicodinâmica envolvida nestas ocasiões, onde a união amorosa se encontra abalada.

Guimarães (2010) discorre sobre as relações amorosas em intersecção com as primeiras experiências do indivíduo e seus objetos, tanto internos, quanto externos, que estruturam a organização do Ego. Para a autora, quando não há recursos egoicos para se realizar a elaboração de uma separação conjugal, da perda do objeto amado ou de seu amor, ocorre então um desamparo e infelicidade tamanhos que causam a necessidade de vingança. Sendo assim, são utilizados alguns recursos para atingir de forma agressiva o ex-cônjuge, de modo que os filhos são usados como um dos instrumentos de ataque. O sentimento de vingança seria despertado pelo retorno às experiências psíquicas primárias e representações inconscientes, pautadas no sadismo oral, alimentados pelo ódio e um sentimento que a autora nomeia como inveja. Para explicar as ações que objetivam a infelicidade e o fracasso do outro, pois a felicidade alheia lhe causa sofrimento, é como se o outro não tivesse direito de ser feliz longe da ex-companheira.

A respeito da oralidade sádica, Klein (1957/1974) fala sobre o desejo inconsciente de incorporação e posse do seio gerador de prazeres físicos e psicológicos. A fusão - como característica de uma ilusão narcísica - para Guimarães (2010), quando abalada, gera a fúria narcísica, pois apresenta a castração e desfaz a fantasia de onipotência, conseqüentemente, a manutenção do narcisismo se torna ameaçada.

Nas situações em que a separação não é superada, podemos verificar uma estrutura psíquica ainda pautada na onipotência infantil, a perda do objeto amado é percebida como a perda de partes de si mesmo. Conforme comunicam Levy e Gomes (2011), a ruptura conjugal quebra o ideal de se ter a realização das fantasias infantis, logo, acontece um movimento de negação da separação, por não haver recursos psíquicos para lidar com o luto e realizar sua elaboração.

Para discutir esse tópico, portanto, falaremos sobre uma mulher cujo funcionamento psíquico é predominantemente respaldado nos processos primários e no princípio de prazer. Este tipo de estrutura apresenta grandes dificuldades para lidar com sentimentos de frustração, pois suas defesas são muito rudimentares. Assim, diante de uma ruptura da relação afetiva com seu parceiro, será preciso utilizar defesas maníacas, como a negação, para evitar a necessidade de ter que lidar com esse dado da realidade, uma vez que a estrutura do seu Ego sofre a ameaça de ser atacada e, quiçá, destruída. Esta reflexão é tomada com base nos preceitos de Rascovsky (1973), quando o mesmo escreve que “a angústia excessiva que ameaça destruir o Eu é inibida ou contestada mediante a utilização de defesas maníacas extremas, em especial a negação” (p. 76).

Todavia, o autor também informa que a negação em excesso leva a falhas na repressão, isso significa que os conteúdos, outrora reprimidos, nestas situações, estão sujeitos a externalizarem-se. Desta forma, é possível que ocorra o filicídio, como uma expressão deste fenômeno, o que pode ser percebido nos casos de mulheres que viam sua relação conjugal ameaçada e tiveram uma conduta criminosa como uma forma de lidar com suas angústias geradas pela castração. Para elas, a castração é vivida simbolicamente pela ameaça da perda do amor do cônjuge.

Para Dametto (1994) no caso de um casal que se apaixonou perdidamente, acontece que as identificações projetivas de uma pessoa da dupla são lançadas no outro. Quando ocorre a separação, o filho torna-se um representante da realidade. Matar a criança - tanto neste caso, como em outras situações que serão vistas mais adiante - seria uma forma de negação da realidade (não significa necessariamente uma estrutura psicótica, mas um traço psicótico que ganhou maior poder de manifestação diante da situação inesperada e de frustração, causada pela ruptura do laço amoroso).

De acordo com David (1999), as mulheres que cometeram o filicídio devido a frustrações na vida conjugal têm a necessidade de apagar as marcas de uma história de amor vivida. Elas sofrem por se verem deixadas por seus companheiros aos quais dedicaram sua fidelidade e todo seu amor, como vimos com maiores detalhes na história de Medéia, uma vez que a personagem traiu sua pátria e se dedicou integralmente a agir de forma que os anseios de Jasão fossem alcançados, mas, em certo momento, ele a deixa para se unir à filha do rei. Tais decepções amorosas são vividas como um colapso, uma situação traumática impossível de ser superada, o que as deixa atormentadas com a ameaça de serem abandonadas, vistas com indiferença por seus parceiros e de serem substituídas por outra mulher na vida do mesmo. Como em Medéia, a autora relembra que não foi apenas a separação que a levou a cometer o assassinato dos filhos, mas a presença de outra figura feminina na vida daquele que fora seu amante, pois os homens, para estas mulheres, são a razão de sua existência e é estabelecida com eles uma relação na qual espera-se que os seus desejos mais remotos sejam satisfeitos.

Esse tipo de relação acontece, pelo fato de que tais mulheres nunca tiveram um tipo de convivência com seus pais na qual se “sentiram reconhecidas, amadas, respeitadas. A ausência do pai as fez sofrer cruelmente e criou um vazio tamanho que as suas relações sempre foram sexualizadas.... na esperança de reparar magicamente seu narcisismo assassinado por um Édipo infeliz” (David, 1999, p. 36, tradução nossa). As relações destas, ao longo de suas vidas, foram marcadas dramaticamente por mecanismos de clivagem, identificações projetivas e projeções, sempre na esperança de encontrar paz no olhar de um outro, de viver um amor perfeito, contudo, jamais encontrado. Suas necessidades de amor e atenção são como as de um bebê que precisa do adulto para amenizar suas angústias.

David (1999) explica que, para esse grupo de pessoas, a maternidade vem como uma forma de satisfazer seus desejos insaciáveis, como uma oralidade sem limites. Ao contrário do que se poderia pensar sobre estas mães, a morte de seus filhos não acontece por algum tipo de negligência, mas por investimentos tão intensos que as crianças passam a ser vistas como prolongamentos delas mesmas – sobre esta relação de simbiose, será discutido mais detalhadamente em um subtópico posterior. O que nos cabe discutir, no momento, é que um filho gera nestas mulheres a sensação de estarem vivas, pois, a criança passa a ser a representação inconsciente da possibilidade de reparar o narcisismo materno.

David (1999) retrata o amor de Medéia como algo febril e passional. Para as mulheres que se assemelham à personagem mítica, chamadas de “Medéias” pela autora, “pensar no sofrimento da ruptura é aceitar que, o outro possui nele o risco, e talvez o desejo, de sua própria morte.... ele [o parceiro] provavelmente se sinta livre novamente” (David, 1999, p. 43, tradução nossa). O que se pode dizer é que tais mulheres colocam em cena a primazia do desejo de serem objetos exclusivos de seus pares, elas possuem em si mesmas a certeza de terem algum controle sobre eles. Isso foi possível de se ver no mito de Medéia, já que a personagem, desde o início, estabeleceu com Jasão uma relação na qual ela tinha seus poderes e ele dependia dos mesmos.

Estas mulheres, afirma David (1999), apenas se sentem existindo quando possuem a atenção exclusiva de seu parceiro. As pessoas que podem representar alguma ameaça para esta exclusividade são vistas como rivais, e isso é o motivo da angústia de serem abandonadas, de perderem o objeto de amor que é a razão de sua vida, pois lhe alimenta física e psiquicamente. Perder este homem significa perder a razão para viver.

A autora, David (1999) destaca a manifestação da raiva, nestes contextos, como uma forma passional de amor. Conforme as entrevistas realizadas pela pesquisadora, as relações das mulheres eram baseadas na violência. Aqui, mais uma vez, temos na posição masoquista uma repetição de vivências anteriores, de não se sentir reconhecida, de forma que as brigas marcam sua existência, lhe dão a sensação de estarem vivas e alimentam a relação. A sensação de morte advém para elas da indiferença e a raiva aparece como uma luta contra a morte, numa ambivalência típica das relações passionais. O amor e a raiva precisam existir para elas se sentirem em vida. Se acontece a rejeição, o sofrimento destas pessoas se traduz como um desejo de destruição da dor.

É destacado, também por David (1999), sobre o ciúme intenso sentido na relação amorosa, o que faz estas mulheres sofrerem intensamente com a ideia de serem substituídas por outra pessoa na vida de seu amado. Assim, o drama do filicídio ocorreria, nestes casos, por uma reedição do triângulo pré-edípiano, vivido entre suas mães e a fraternidade. Quem morre não é o filho gerado, mas sim, aquela criança da cena primitiva (irmão ou irmã) que esteve outrora numa relação de rivalidade. Para a autora, nestas situações, a triangulação se apresenta com a força da figura materna onipresente na vida destas mulheres que, por outro lado, viveram com a ausência ou indiferença de seus pais.

Outro sentimento arcaico, que talvez seja remontado durante as questões de separação e discussão de guarda dos filhos são as próprias experiências de separação dos pais. Encontramos em David (1999) entrevistas que expressam bem esta ideia:

a aparição dos meus problemas remonta aos meus quatro anos, momento em que meus pais se divorciaram e eu fui morar com meu pai, enquanto minha irmã teve a sorte de ficar com minha mãe. Eu tinha muito ciúme dela. Era ela quem minha mãe amava mais.... eu me sentia rejeitada na minha família, sempre essa sensação de ser diferente, não compreendida.... eu sempre achava que meus irmãos eram mais interessantes que eu (David, 1999, p. 42, tradução nossa).

Nestes casos, como acontece na narrativa de Medéia, ocorre a fúria narcísica, conceito proposto por Kohut (1979) para designar uma forma de resposta de um indivíduo diante de situações em que os objetos de amor passam a não mais agir conforme se esperava, ou se desejava. Trata-se, pois, de algo que afetou o narcisismo do sujeito que ganha a forma de uma necessidade intensa e incontrolável de vingança ao objeto identificado como ofensor e inimigo (aquele quem provocou a angústia do desamparo e feriu as fantasias de onipotência). Busca-se, então, causar-lhe dor e sofrimento para que o mesmo possa se ver na situação daquele que teve seu narcisismo ferido, quando a realidade lhe foi apresentada com falhas e o desejo narcísico de fusão, oriundo dos processos psíquicos primários, que não pode ser realizado.

Vale ressaltar que, para Kohut (1979), o narcisismo faz parte do desenvolvimento normal do ser humano e passa por transformações, à medida que acontece a relação com o meio externo, podendo, assim, ganhar traços saudáveis ou patológicos. Em algumas pessoas pode ocorrer um sentimento de vazio e insatisfação com os relacionamentos, estes casos são chamados pelo autor de transtorno narcisista de personalidade e costumam ser marcados por angústias primitivas, como o medo de fragmentação e perda de identidade.

Naqueles indivíduos com maior vulnerabilidade em sua estrutura psíquica, quando se veem diante de adversidades, é possível que respondam com agressão e raiva aos eventos causadores de sua ferida narcísica. Esta reação, chamada de fúria narcísica, costuma se manifestar quando os sujeitos atuam de forma destrutiva em direção ao objeto que não correspondeu aos seus ideais e às suas necessidades fantasiadas, frustrando-o, portanto. Porém, o autor alerta que as estruturas com perturbações narcísicas (o *self* narcisista) resultam de experiências e relações débeis em momentos passados. São crianças presas em um corpo

adulto, as quais buscam respostas do ambiente e, quando não as encontram, tendem a ter o *self* fragmentado, e qual é alimentado pelas fantasias de onipotência ou de fusão.

Neste sentido, Levy e Gomes (2011) retratam sobre as primeiras formas de amor:

Lembremos que o amor primário é selvagem, quer devorar, possuir, controlar o objeto, negar qualquer diferença. Ao mesmo tempo, a plenitude do narcisismo primário exerce um fascínio, uma atração irresistível. Ilusão de plenitude a ser reassegurada em um movimento compulsivo. (p. 52)

Tais quadros se aproximam das caracterizações feitas por Freud (1917/1996d), sobre a melancolia, que é uma reação diante da perda do que fora idealizado, sendo que tal perda, por não passar pelo processo de luto, acaba sendo revivida de maneiras demarcadas por intensas cargas destrutivas e pela aquisição de satisfação sádica, através do sofrimento alheio.

Para Freud (1917/1996d), diante das situações de perda, pode haver duas reações: o luto ou a melancolia. No caso de Medéia, e das outras mulheres que se enquadram em situações discutidas neste subtópico, o que acontece diante da perda é o estado de melancolia. Esta perda não se restringe à morte física do objeto amado, mas em qualquer tipo de situação em que este objeto deixa de estar ao lado do sujeito. O melancólico é uma pessoa muito autocrítica, se menospreza diante de todos e em diferentes situações se acusa como culpado. Contudo, as críticas realizadas não seriam acerca de si mesmo, mas sim, sobre o objeto amado, porém deslocadas ao Ego do sujeito. É como se uma parte do Ego se voltasse contra a outra. Neste sentido, é conveniente apresentar um belo trecho dos postulados de Freud acerca deste assunto:

Se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio amor o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento (Freud, 1917/1996d, p. 284).

Assim sendo, ainda de acordo com as palavras de Freud (1924/1996g), no estado de melancolia há a incapacidade de elaboração do o luto, ou seja, não ocorre a retirada da libido do objeto perdido o que impede novos investimentos libidinais. Os sujeitos acometidos por este processo não conseguem realizar elaborações psíquicas, não se desvinculam dos ex-parceiros e, por esta razão, dirigem ao objeto seu ódio, passando a obter uma satisfação sádica ao ver o outro sofrer, o que pode ser ilustrado pela fala de Medéia, quando a mesma afirma a Jasão que sofre com a perda dos filhos, mas sofre menos quando o vê sofrer.

Posto isto, consideramos que no filicídio, quando cometido por motivos vinculados à relação conjugal em crise ou processo de separação, os filhos são utilizados como instrumentos para atacar o ex-companheiro, pois o que mais importa em tais cenários é a realização do sadismo. A dor da perda do objeto se torna amortecida quando se vê o outro sofrer, é como se retirasse do ex-cônjuge aquilo que ainda lhe gerava alegrias e que pertencia ao mesmo. Os filhos são eliminados da vida do outro de forma tão brutal, quanto como o objeto de amor da mulher foi retirado dela.

4.2. Problemáticas referentes ao vínculo mãe-filho

No capítulo três vimos que algumas mães não apresentavam conflitos familiares tão graves, mas provocaram a morte de seus filhos por razões mais diretamente ligadas à relação entre elas e as crianças, ou seja, por questões referentes à própria maternidade. Neste sentido, Rascovsky (1973), a respeito da maternidade, esclarece que existe na mulher um fator inato para seu exercício relacionado ao aspecto biológico, pois, diferente do homem, o sexo feminino é dotado de maior quantidade de progesterona, um hormônio produzido em maior escala a partir do período gestacional. Embora, exista esta característica natural, o mesmo reconhece que há, fatores psíquicos, sociais e experiências durante o desenvolvimento da mulher, que influenciam na sua relação com seus filhos, sendo que o elo entre a genitora e sua criança pode ser motivado e configurado pelas “imagens internas que a menina elabora da mãe, do pai e seus substitutos.... que a levam a repetir nos filhos as normas impostas por seus pais.” (p. 24), Para este autor, a conduta filicida “sempre tem sua origem na atitude dos pais [da genitora]” (p. 81).

Winnicott (1956/1993) fala com bastante propriedade sobre a maternidade, com base em seus estudos e observações, o mesmo destaca a “preocupação materna primária” (p. 491) como um estado psíquico especial, descrito como uma fase de grande relevância, na qual a mãe retira sua energia libidinal do meio social e canaliza toda sua atenção exclusivamente às necessidades do bebê, isso proporciona ao mesmo um estado de confiança no mundo externo. Contudo, este momento não acontece em todas as mães, não é uma situação inerente a todas aquelas que terão/tem um bebê. Toda a condição de se viver este momento de dedicação total à criança é influenciado por fatores do ambiente em que a genitora se insere e, também, ao fato de ela ter sido um bebê e trazer consigo memórias desta fase, as quais podem ser benéficas ou prejudiciais na sua relação com seus herdeiros.

Para Mannoni (1965), o nascimento de um filho representa para a mãe a recompensa ou a repetição dos desejos remotos que foram deixados no passado. O infante, no imaginário de sua genitora, virá com a missão de reparar suas deficiências e carências psíquicas. A autora ainda explica que “o que na mãe não pôde ser resolvido ao nível da prova de castração, vai ser vivido, como eco, pelo filho que, nos seus sintomas, muitas vezes, não fará mais do que obrigar a angústia materna a ‘falar’.” (p. 83). Neste trecho, podemos pensar sobre o fato de que a criança passa a representar, em tais casos, as experiências mais remotas da genitora, aquelas que não foram elaboradas ao longo das experiências de sua vida, as quais acabam ganhando maior força pela presença de um indivíduo – no caso, os filhos – que traz à tona estes elementos encontrados em um nível inconsciente. Por um mecanismo de idealização, a mãe espera na criança o preenchimento de suas faltas.

Quando estes quadros se apresentam, podemos pensar em uma relação simbiótica entre a mãe e a criança, sem a diferenciação entre o eu e o outro, a mãe passa para seu filho suas angústias mais arcaicas e o ato de assassinar um filho se revela como um sintoma de seus próprios fantasmas infantis. A mulher, na tentativa de enfrentá-los, ataca o filho, por ser visto como uma personificação de suas temidas fantasias. Sobre estes fantasmas, Mannoni (1965, p. 90) chama de “relação fantasmagórica” o tipo de experiência materna que ocorre desde a gestação, quando evoca-se, pela alucinação, elementos perdidos da própria infância. Após o nascimento do bebê acontece uma situação na qual são levantadas as recordações dolorosas do passado. A realidade atual passa a ser vivida como um eco das castrações e frustrações precedentes.

Assim, na visão da mãe, não é a vida de outrem que chega ao fim no ato assassino, mas sim, encerra-se a vivência de suas angústias primitivas. A isso, podemos relacionar que a criança representaria (por uma relação transferencial) aquilo que não foi simbolizado e não ganhou sentido no aparelho psíquico materno, ou seja, o infante representaria uma ferida narcísica materna, em um nível inconsciente.

encontra-se [como] um eco, a resposta da mãe à sua própria angústia.... a criança é tributária da saúde dos pais.... ela participa, sem eles o saberem, nas dificuldades que eles próprios não conseguem superar.... [a criança vivencia] a insegurança da mãe (Mannoni, pp. 88-89, 1965).

Paiva e Gomes (2008), assim como Lebovici (2004), destacam o fator da transmissão da própria história prévia nas novas relações, isso quer dizer que as relações entre as mães e seus filhos podem revelar como foram as primeiras experiências destas mulheres com suas

próprias genitoras, de maneira que as mesmas repetiriam com os filhos sua própria história, conforme sua capacidade de lidar e elaborar os conteúdos vividos.

Rosa, Reis e Tanaka (2007) podem ter suas considerações adicionadas aqui, pois tratam desta temática ao apontarem sobre a possibilidade de repetição da história familiar e de um movimento de transferência (que pode ser entendido como projeção) de suas necessidades para o filho, suprimindo pelo mesmo, necessidades que são, na verdade, dela mesma. Pode, assim, ocorrer uma relação de extrema dependência e geradora de grande temor da perda do outro.

Ainda cerca das experiências iniciais, pensamos em como a relação da genitora pode ter sido demarcada pela ausência da figura materna em sua própria vida. Talvez, uma mãe que não conseguiu ser continente e uma infância demarcada pelo desamparo e por agressões físicas ou verbais, a qual deixou impresso no inconsciente da filha (que futuramente cometerá o assassinato de seus filhos), os desejos filicidas com grande carga pulsional. Pode ser que estes sejam fatores de grande influência na (re)vivência da maternidade. Se esta mulher foi anteriormente passiva frente às formas de violência em que se encontrou em tenra idade – e conseguiu sobreviver aos desejos filicidas de sua genitora -, infelizmente, não saiu ilesa, carregará consigo essa marca e, na vida adulta, se identificará com a figura agressora de sua mãe e tornar-se-á a parte ativa (quem agride) sua criança, numa espécie de repetição mais intensa – intensa, pois culmina no filicídio - das situações traumáticas e não elaboradas de outrora. Em uma análise hipotética, aquilo que se deseja eliminar é, na verdade, o fantasma materno da genitora que comete o filicídio.

Quando se fala das experiências primárias encontramos espaço para fazer menção ao conceito de família fantasmática elucidada por Fornari (1991), que seria, em essência, as angústias da família primitiva mantidas nas fantasias inconscientes, trazidas pela família atual do sujeito, tais lembranças seriam vividas numa espécie de elaboração defensiva. Milton (1994) faz um paralelo entre abusos sofridos na infância e a perversão feminina, nestas situações a menina é estimulada pelo ambiente externo a alimentar seu ódio e destrutividade, sendo estes sentimentos erotizados, quando acontece a identificação com o agressor. Assim, a mulher que se vê impossibilitada de se expressar de outras formas, age com agressividade contra ela ou suas extensões, numa maneira de manter-se no controle.

David (1999) refere-se aos momentos da infância em correlação ao bebê que essas mulheres geraram, como se estes “fossem a criança que elas gostariam de ter sido” (p. 41, tradução nossa). Cria-se, assim, uma relação de identificação e projeção. Tais crianças deverão cuidar delas como elas gostariam que suas mães tivessem feito. Há uma busca infundável por uma satisfação oral, expressa pela identificação projetiva com seus filhos, até se chegar ao ponto de provocar a morte dos mesmos, acreditando-se que tais crianças viriam a sofrer das mesmas faltas que elas. Neste caso, a morte seria uma forma de protegê-los do que estaria por vir, tratar-se-ia de um tipo de filicídio altruísta na visão da mãe que o realiza. Acerca deste fato, a autora traz o depoimento de Pauline: ““eu estava completamente afogada na minha família.... minha mãe me afogou completamente em seu amor’. Ela matou seus filhos por sufocamento” (David, 1999, p. 41, tradução nossa).

Assim, Marleau (2002) defende que em atos de filicídio envolvendo tais dinâmicas são mais de altruísmo que agressivos. André (1999, citado por Prud’Homme, 2012) pontua que estas mães colocam seus filhos no mesmo lugar que o delas na hora da morte (elas vivem através de seus filhos). Algumas dizem que em sua infância de sentiram sufocadas pelos tratamentos recebidos de suas mães; outras afirmam terem se sentido afogadas em seu contexto familiar, e é por afogamento que matam seus filhos.

Percebemos que estas genitoras ficam presas em suas decepções de infância, mantiveram viva a criança interna do passado em seu corpo de adulto. Notavelmente, as primeiras experiências de vida (a relação familiar e com a mãe) realizam uma influência bastante considerável na relação entre a mãe e seu filho, bem como nestes processos de identificação. As questões de isolamento e transgeracionalidade são também levantadas por Prud’Homme (2012) como fatores influenciadores e indicadores de motivações para o filicídio. A imaturidade e a passividade (relativa às mulheres que muitas vezes estão submissas aos seus parceiros) permitem desconstruir quadros mais específicos e limitados de classificação do filicídio.

Marleau (2002) diz que grande parte das mães lida com seus filhos como se estes fossem uma extensão delas mesmas e acabam tendo ações altruístas com o intuito de proteger suas crianças, pensando serem incapazes de viver sem sua genitora. O autor explica que tais ocorrências envolvem, na maioria das vezes, crianças mais novas. De acordo com

Prud'Homme (2012), a identificação projetiva é um mecanismo psíquico encontrado na dinâmica dos casos de filicídio.

Para André (1999, citado por Prud'Homme, 2012), a relação de identificação entre a mãe e seus filhos, provoca a morte dos mesmos quando a genitora se nega a aceitar que aqueles possam viver sem ela. Por um mecanismo de identificação projetiva, sente-se uma angústia e um desamparo tão grandes que nada mais se torna razão suficiente para continuar a viver. Este bebê é visto como aquele que a mãe gostaria de ser. Assim, para este autor, a preocupação materna primária ocorreria de maneira reversa. A avidez oral - que se tenta preencher frequentemente com o parceiro amoroso - é substituída pelas numerosas identificações projetivas com seu filho, na certeza de que tais crianças vivem as mesmas faltas que ela. A identificação projetiva impede o processo de maternidade por essas mulheres que não conseguem se diferenciar de seus filhos, de acordo com Prud'Homme (2012).

Sabemos, de acordo com Cramer e Espasa (1993), que deparar-se com a nova criança pode desencadear na mãe o contato com seus conflitos pessoais resultantes de situações não elaboradas em sua própria infância, relacionadas, especialmente, aos conflitos da fase do Complexo de Édipo. Este pensamento é compartilhado por Dolto (1981/1996), segundo esta autora, o sentimento da maternidade já começa a se desenvolver a partir de suas relações iniciais, quando ainda menina. Neste âmbito, estão inclusas as referências femininas, o complexo de Castração e as emoções envolvidas nesta etapa do desenvolvimento. Podemos adicionar a estas concepções, a ideia de maternidade apresentada por Freud (1931/1996h), segundo o qual esta é uma fase em que ocorre o resgate da feminilidade, uma vez que o filho é considerado, pelo psicanalista, como o representante do falo paterno, outrora desejado pela menina ao ver-se na situação de castrada. As experiências infantis não elaboradas pela mãe podem ser destacadas nos casos de depressão e psicose pós-parto, sendo que estas situações são bastante ligadas à sua relação com a própria genitora. Deste modo o bebê passa a significar uma "efígie viva de objetos internos antes recalçados ou clivados" (Cramer & Espasa, 1993, p. 30), daí a possibilidade de externar fantasias e sentimentos agressivos que estavam latentes, como o desejo de suicídio ou da morte do bebê. Sobre isto,

A dinâmica inconsciente do infanticídio resulta da projeção, no bebê, de uma parte do ego que está arruinada por um objeto interno muito ameaçador. A morte da criança significa eliminar o terror, a dor, o sofrimento e, ao mesmo tempo, o objetos terríficos (Alt & Benetti, 2008, p. 391).

As autoras estabelecem ainda uma correlação entre os maus-tratos na infância e situações de abandono e pobreza, à dificuldade de lidar com a maternidade por certas mulheres, sendo que tal dificuldade se acentua conforme a gravidade de cada estado psicológico. Deste modo, a experiência com a mãe e outras pessoas que proporcionaram os primeiros cuidados da nova mãe, precisam ter sido internalizadas de uma maneira positiva para que seja possível encarar a maternidade de uma maneira saudável, caso contrário, ansiedades e agressividades podem ser projetadas no filho e representadas pela incapacidade e intolerância no modo de lidar com a criança.

Um dos transtornos emocionais relacionados à gravidez, apresentados por Catão (2002), é a melancolia da maternidade - mais conhecida como *baby blues* -, caracterizada por uma fragilidade emocional da mulher durante os primeiros dias após o parto, quando ela se sente insegura para cuidar de seu bebê e, ao mesmo tempo, precisa conseguir ver seu filho como um ser separado dela. Caso tais sentimentos não sejam amenizados ou cessados após um período médio de duas semanas, podemos falar sobre um estado de depressão pós-parto, demarcado pelo estado de incapacidade e falta de vontade de cuidar do recém-nascido e enfrentar a nova situação familiar, além disso, neste quadro, a mulher pode se mostrar com alterações de humor e de sono, e sentimentos de culpa.

O sentimento de onipotência materna é abalado durante os cuidados da criança, pois em alguns momentos pode ser que ela não obedeça, ou se apresente rebelde, ou até mesmo não cesse o choro mesmo com tentativas por parte da mãe em interrompê-lo. Esses tipos de dificuldades podem ser vistas nos relatos em que a morte de crianças foi resultante de castigos de suas mães ou reações impulsivas destas quando as crianças agiram de forma a desagradá-las. Lembremo-nos daquela mãe que acabou matando seu bebê asfixiado com um ursinho de pelúcia provavelmente por tentar cessar os choros incessantes da filha. Em outras palavras, dizemos que esta criança não preencheu os ideais que a mulher tinha acerca de sua própria maternidade e que a mãe pode ter pensado nestes momentos: “que diabos, por que essa criança existe?” (Dametto, 1994, p. 73).

A maternidade, ao longo de sua evolução, é acompanhada por sentimentos de ambivalência e crises de identidade, conforme lembra Prud’Homme (2012). A gestação mobiliza conteúdos inconscientes relacionados ao narcisismo, podendo gerar problemas emocionais e modificações da personalidade e do corpo, assim, a gravidez demanda o uso de

grande parte da energia psíquica. A tomada de consciência do estado gestacional acontece sem uma elaboração imediata da imagem de uma criança. Inicialmente, são construídas fantasias do bebê que, progressivamente, formarão uma representação individual da criança, pautada nos desejos maternos, paternos e do casal. As fantasias sobre o filho que está por vir se sustentam em projetos narcísicos parentais delegados ao bebê e são tangenciadas, também, pelo contexto relacional – do passado e do presente - dos genitores. Estas primeiras idealizações em torno da criança são confrontadas com a criança real, no momento de seu nascimento. Deste modo, a mãe precisa fazer um luto duplo da gestação e da criança imaginária, para poder, desta forma, realizar investimentos emocionais direcionados ao bebê real.

4.3. Pensamentos de suicídio da genitora após cometer o filicídio

Como vimos em algumas situações previamente apresentadas, certos casos de filicídio revelaram mães que tinham a intenção de cometer o suicídio após a morte de seus filhos, ou até mesmo já haviam realizado tentativas de acabarem com a própria vida antes de darem fim à existência de seus filhos, como no caso de Yates.

Dametto (1994) ressalta que “o suicídio requer, além de herança genética, um tempo ainda que mínimo.... em que a pessoa vislumbra a si mesma e ao outro como pessoas independentes” (p. 61). Aqui pensamos que, ao se sentir sozinha, a mulher se encontra separada da criança que antes estabelecia com ela uma relação de unidade. Além disso, a autora relata sobre a herança genética como um fator inscrito na história do indivíduo, podendo ser interpretado como fazendo parte da pré-história do sujeito e das relações estabelecidas pelos pais, as quais possivelmente foram repetidas com esta mãe filicida-suicida, a qual nos referimos neste tópico.

Parecendo haver uma relação simbiótica entre mãe-filho, podemos pensar que no momento da separação de ambos pelo nascimento. A mulher, incapaz de lidar com isso (pois deseja inconscientemente uma relação fusional), se vê frustrada em seus desejos. Mannoni (1965) escreve que “este filho, tão ardentemente desejado, quando nasce.... cria para a mãe sua primeira decepção: ci-lo aí esse ser de carne – mas já separado dela; ora, a um nível inconsciente, era com uma espécie de fusão que a mãe sonhava” (p. 91). A criança representará uma decepção oriunda da história de vida de sua genitora. De toda forma, esta

necessidade de manutenção de uma relação simbiótica nos apresenta que este filho existe como uma busca pelo preenchimento das carências psíquicas da mãe, não existindo enquanto pessoa para a mesma, “a criança não terá existência própria.... ela é, de certo modo, ‘raptada’ no desejo da mãe” (Mannoni, 1965, p. 92). A morte da criança simboliza a morte da mãe, que em seguida concretiza sua própria morte cometendo o suicídio.

David (1999), ao abordar sobre essa relação simbiótica, traz uma fala interessante de uma das mães entrevistadas, quando a mesma relata acerca de sua maternidade e diz estar tranquila por se sentir essencial para alguém, naquele momento em que teria uma criança. É como se a criança viesse para salvaguardar a vida de sua genitora, porém em algum momento o bebê decepcionará a mãe e não cumprirá sua missão. A mulher não terá mais razões para se manter viva e decidirá levar a criança consigo, “a morte e o suicídio se apresentam como a única alternativa possível para fazer cessar os sofrimentos que eles emprestam aos seus filhos e a elas mesmas pela mesma ocasião” (David, 1999, p. 46, tradução nossa).

Quando ocorre o filicídio seguido pelo suicídio, consideramos que a mãe perde esse suporte psíquico (mesmo que parco) representado pela criança. Assim, em seu mais extremo vazio, ela é incapaz de suportar o peso de suas próprias fantasias e fantasmas, pois agora ela se vê diante da necessidade de ter que lidar com suas vivências infantis sem poder se apoiar em sua criança, ela não consegue se ver sozinha, sem ajuda de um outro. Por isso, ela atua dando fim a própria vida. O filho, na situação de representante daquilo que provoca sofrimento, morreria por uma tentativa materna de evitar tais conteúdos do passado que ainda se fazem tão presentes e atuantes em sua vida. A mulher “precisa então se matar para vencer o desprazer” (David, 1999, p, 48, tradução nossa).

Ademais, mesmo com a morte infantil, os conteúdos inconscientes da mãe continuam a existir e se manifestar e, para aumentar seu drama, agora abandonada, seu ego frágil precisa lidar com o conhecimento de si mesma pela dor sentida. O suicídio vem como uma solução para eliminar de forma definitiva o sofrimento, desta forma, enquanto viva “a criança.... protege por vezes o adulto contra a loucura ou o desespero” (Mannoni, 1965, p. 109). Mannoni (1965) destaca que quando o filho serve para proteger seus pais de seus sintomas, a retirada da criança do cenário familiar culmina na denúncia daquilo que não vai bem e obriga os mesmos a encararem suas angústias, isso para alguns é tão insuportável que se recorre ao suicídio como forma explosiva de reagir a este evento. A opção pela morte é usada como um

recurso para o alívio das dores psíquicas e para se afastar das misérias da vida, como vemos em Hamlet, de Shakespeare (1602/1968, pp. 113-114):

Será mais nobre suportar na mente
 As flechadas da trágica fortuna
 Ou tomar armas contra um mar de escolhos
 E, enfrentando-os, vencer? Morrer – dormir:
 Nada mais; e dizer que pelo sono
 Findam as dores, como os mil abalos
 Inerentes à carne – é a conclusão
 Que devemos buscar. Morrer – dormir....
 Quem suportara os golpes do destino,
 Os erros do opressor, o escárnio alheio,
 A ingratidão no amor, a lei tardia....
 Quando podia procurar repouso
 Na ponta de um punhal?

De acordo com Freud (1917/1996d), no texto *Luto e Melancolia*, o suicídio seria uma manifestação da pulsão agressiva voltada para o próprio sujeito, num intermédio entre o desejo de agredir o outro e o sentimento de culpa. Sobre o desejo de matar um objeto com o qual acontece a identificação (com os filhos), tal desejo se volta para a própria mãe, sua agressividade volta-se para seu íntimo, contra o objeto de amor que foi introjetado e investido libidinalmente.

Somam-se a este pensamento os conceitos de Freud (1924/1996g) no texto sobre *O Problema Econômico do Masoquismo*, onde postula sobre a pulsão de morte como sendo uma descarga absoluta das pulsões que visa o retorno ao inorgânico, ou seja, vai ao sentido contrário da manutenção da vida. A morte de um filho pode ser vista como uma semimorte de sua genitora, se pensarmos em uma mulher com estrutura psíquica desprovida de recursos sadios, e, portanto, fazendo o uso de recursos mais primitivos, é possível relacionar isso a uma relação de fusão com este bebê, visto como uma extensão dela mesma e não como um outro diferente e separado dela. Eliminar um filho seria visto como eliminar uma tensão, sentir alívio e, até mesmo prazer, mas por se tratar de uma parte de seu próprio Ego, ocorreria ao mesmo tempo a morte de si mesma.

Também pensamos que talvez o suicídio ocorra devido ao sentimento de culpa advindo em situações em que o filicídio tenha ocorrido em momentos de surto materno, ocasiões em que os traços psicóticos ganham maior força. Entretanto, quando houvesse a retomada de consciência do que a mulher teria cometido, a dor seria tão insuportável que não haveria mais a possibilidade de conviver com isso. Embora no caso de Yates não tenha existido a pretensão ao suicídio após o assassinato dos filhos, vimos que a mesma retomou

certo estado psíquico de culpa, pois entrou em contato com a polícia e com sua mãe para assumir a execução de seu crime. É como se uma parte do Ego atacasse outra parte do mesmo, ou, como pontuado em *O Ego e o Id* (1923/1996e), o Superego entraria em um estado de tensão com o Ego representando o sentimento de culpa consciente, um masoquismo moral. Se pensarmos numa situação de melancolia, o Ego assume para si mesmo os castigos e a fúria superegoica, com isso, sofre ataques destrutivos, o que antes fora investido no mundo externo e nos filhos, volta-se para o próprio sujeito.

Há, também, a chance de se tratar de uma quadro em que a mulher é incapaz de lidar com os julgamentos morais e sociais após ter sido descoberta como a autora do assassinato. Neste quadro, não nos reportamos necessariamente ao sentimento de culpa, nos referimos a uma estrutura psicótica que seria incapaz de lidar com as repressões impostas pela civilização e pela cultura. A intolerância aos dados da realidade tornaria a decisão pelo suicídio mais viável que os julgamentos morais.

4.4. Mulheres com quadros psicóticos

Antes de fazer uma exposição sobre o filicídio cometido por mulheres que apresentam quadros de psicose, apresentamos de forma breve os elementos tipológicos estruturantes e as principais características que definem o indivíduo psicótico. As estruturas de psicose propriamente dita "implicam um processo deteriorativo das funções do ego, a tal ponto que haja, em graus variáveis, algum sério prejuízo do contato com a realidade. É o caso, por exemplo, das diferentes formas de esquizofrenias crônicas" (Zimmerman, 1999, p. 227).

Desta forma, um sujeito psicótico tem seu funcionamento psíquico respaldado no princípio de prazer em detrimento do princípio de realidade. Vivendo em um mundo voltado para si mesmo, tais pessoas têm as funções egoicas prejudicadas, bem como a interrelação com o mundo externo.

Freud (1924/1996c) em seu escrito *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, descreve que, neste tipo de dinâmica, o ego está distante da realidade e há predominância do Id, o Superego não apresenta organização ou existe de forma muito tosca. Assim, Hegenberg (2001) caracteriza as pessoas psicóticas como centradas em si mesmas, que evitam o contato com o mundo externo, pelo fato de que este pode gerar desorganização em seu mundo interno, por isso, apresentam grandes dificuldades de lidar com a vida social e com outras pessoas,

havendo dificuldade de reconhecer a individualidade dos outros, suas relações são demarcadas pela fusão.

Albuquerque (1995) explica que o pensamento do psicótico funciona de maneira delirante, mesmo assim, ele consegue se portar como uma pessoa aparentemente normal. Todavia, por não ter recursos que permitam a simbolização, o que é pensado ou ouvido é entendido em sua forma literal e, por não conseguir realizar abstrações, vive suas angústias. Ademais, os afetos não são experimentados, devido à ausência de simbolização.

Neste sentido, a maternidade pode ser vista para esse grupo de pessoas como uma ocasião de desestrutura psíquica – pensamos que mesmo em mães com estrutura neurótica, os traços psicóticos podem encontrar uma via facilitada de manifestação. De acordo com Welldon (1988), engravidar, gerar uma vida dentro do próprio corpo pode provocar, em algumas mulheres, o desejo de domínio total do outro, no sentido de estabelecer com este uma relação fusional e perversa, de modo que o objeto não é reconhecido em sua humanidade, ou seja, torna-se objeto parcial. Em situações de perversão, as mulheres estabelecem relações agressivas consigo mesmas ou com aqueles objetos vistos como extensões delas ou como criações suas (como seus filhos, por exemplo).

É possível pensar nestas mães como mulheres que ainda vivem nas fases pré-genitais, como bem acontece na psicodinâmica dos sujeitos perversos. Neste sentido, podemos acrescentar o pensamento de Stoller (1991), ao defender que tais mulheres se favorecem da maternidade e tomam seus filhos como objetos fetichistas para exercerem controle sobre eles e dominarem, à sua maneira, o ambiente que as cerca. Conforme pontuam Masterson e Rinsley (1975), a criança se torna refém de sua mãe, numa relação simbiótica com a mesma, as consequências para o infante são a incapacidade de progredir às outras fases do desenvolvimento psicosssexual e libidinal.

A capacidade de uma mulher ficar grávida e de conter seu bebê dentro do seu próprio corpo lhe oferece algumas características emocionais, nas suas relações objetais, semelhantes àquelas que se encontram nas formas exageradas e tremendamente distorcidas de relacionamentos perversos. Esses incluem o desejo e a intenção de engolir o outro, de desumanizar o objeto, de se introduzir, invadir e ter o controle total do outro e também de se fundir com ele. (Welldon, 2008, p. 117)

Podemos exprimir que, num momento bastante primitivo da vida, diante da ausência materna, o bebê, ao se encontrar em uma situação de desamparo, faz uso de mecanismos

automáticos, por meio da motricidade, para regular as situações desprazerosas, a fim de manter as exigências do princípio de prazer satisfeitas e regular o funcionamento do psiquismo. Nesta ocasião o ambiente externo funciona como um provocador de reações motoras defensivas diante do desprazer, de forma que aquilo que vem de fora passa a ser visto como ameaçador. Ainda no texto *Pulsões e seus destinos*, trata-se sobre as excitações pulsionais internas, ou seja, são excitações oriundas do interior dos indivíduos que causam desconforto quando em quantidade elevada e que necessitam ser eliminadas. Porém, os recursos motores já não são eficazes neste caso, uma vez que não há como se esquivar daquilo que vem do próprio sujeito, portanto, as excitações pulsionais deste gênero – tais como a fome, a sede, as necessidades sexuais e o sono – são constantes e jamais são eliminadas por completo.

Nestes casos, o outro se torna uma figura importante e fundamental para ajudar a amenizar tais situações de desprazer. O paralelo que se pode fazer neste momento, à luz destes conceitos teóricos, é que a mãe filicida parece fazer uma mescla de ações diante das tensões provocadas pelas pulsões, ela parece não distinguir o externo do interno, de modo que o outro é usado como ponte para a sua descarga pulsional, porém essa descarga é feita pela via motora.

Assim, na sua relação com seus filhos, vistos como estímulos externos ameaçadores, a genitora faz uso da via motora para eliminar a tensão e investe sua pulsão de morte na figura real do filho, quando o mesmo é assassinado. Notamos assim, uma pobreza de recursos psíquicos nestas mulheres, as quais se mostram incapazes de utilizar diferentes alternativas para amenizar o desprazer, gerado pelo excesso de carga pulsional e tensões relativas à maternidade. A necessidade de eliminar qualquer excitação segue as regras do princípio de prazer, da mesma maneira rudimentar que o bebê faz uso da motricidade para eliminar ou reduzir os desprazeres pelo domínio do outro e na luta contra este mesmo bebê instrumentalizado, representante de um mundo externo desorganizador e, ao mesmo tempo, uma válvula de escape/descarga.

De acordo com Dametto (1994), um sujeito com estrutura psicótica - por não possuir recursos psíquicos que permitam a resolução dos conflitos por meio da fantasia – não realiza formações simbólicas e, por isso, encontra as soluções por meio da ação física concreta. Além disso, a estrutura psicótica possui um ego rudimentar que faz uso de identificações projetivas

que podem formar as alucinações, os delírios e os ataques agressivos, tendo também, como característica falhas na repressão. Também para o psicótico “não existe o outro, não existe mundo externo. Existe apenas ele e seus desejos e frustrações” (p. 46).

Outro aspecto a ser refletido, é sobre a condição em que a mulher pode se ver diante da ameaça de perda do amor do objeto, entrando numa situação de intenso *stress* que favoreça a manifestação das pulsões agressivas. A isto relacionamos a nota escrita por Rascovsky (1973), segundo o mesmo, em condições como tais, é possível que o equilíbrio psíquico do adulto perca a capacidade de conter seus desejos e haja um tipo de regressão a níveis primitivos. Nestes casos, a relação com os objetos torna-se parcial e há maior propensão a se realizar alguma ação voltada para a destruição destes.

Em uma situação de separação que seja encarada pela mulher como algo catastrófico, pode fazê-la adentrar em um estado esquizo-paranoide, então, aqueles objetos com os quais se mantinha uma relação de equilíbrio – neste caso, tais objetos seriam seus filhos – agora será uma relação ameaçada pela condição de regressão psíquica na qual esta mulher se encontra. Esta configuração é possível de se relacionar com Medéia – certamente que isto não coloca a personagem num quadro psicótico, tratando-se apenas de uma analogia -, neste sentido, ao sentir-se traída por Jasão, seus afetos primitivos e suas pulsões aparecem em um cenário no qual suas habilidades mágicas são colocadas a serviço de suas satisfações inscientes e do pensamento de onipotência. Neste funcionamento psíquico regressivo, todos os atos da personagem passam a ocorrer “em função dos sentimentos arcaicos que surgem ante o fracasso do mecanismo repressivo.” (Rascovsky, 1973, p. 64).

Podemos dizer que estas mães sofrem daquilo que Dametto (1994) chama de “narcisismo-patológico” (Dameto, 1994, p. 59), termo que refere-se a mulheres que conseguem estabelecer trocas afetivas com os outros e são capazes de realizar investimento libidinais naquilo que é externo, mas que, em algum momento, agem de forma invasiva em relação a alguém, neste caso seu filho, o qual sofrerá ataques como se fosse parte dos conteúdos maternos inconscientes. Nestes momentos, pensamos em uma estrutura neurótica que em certa ocasião fica enfraquecida e desagrega, de forma que ocorre um fortalecimento dos traços psicóticos e viabiliza as condições para a morte dos filhos. Para Rascovsky (1973),

a criança se converte no triste depositário da agressividade incontrolada do adulto, não só em razão de sua debilidade e de sua dependência ajudadas por sua presença e proximidade física,

mas principalmente pelos múltiplos significados conscientes e inconscientes que ela gera na mente dos seus pais. (p. 25).

Dametto (1994) também se refere à simbiose como “uma vivência meramente emocional, de dois seres em um” (p. 123). Trata-se da relação mãe-bebê caracterizada pelo narcisismo patológico presente em pessoas com fortes traços de psicose em seu funcionamento psíquico que podem ou não ser psicóticas. A mãe age como se ela e seu filho fossem apenas um, não é possível para esta mulher fazer um desligamento de seu filho quando o mesmo nasce e ambos são separados pela ruptura do cordão umbilical, para ela é como se ainda houvesse alguém em seu ventre. Assim, o filho e ela viverão em um estado de dependência mútua. O filho ainda é visto como uma parte do corpo materno, desta forma,

É como se fossem dois corpos com uma só cabeça [a da mãe] numa figuração concretizada. O filho é apenas um prolongamento corporal e “mental” dela... a simbiose impede, ou não propicia a formação de identificações projetivas, já que cada vez que um dos componentes tenta fazer uma identificação projetiva, poderá projetar uma parte de si mesmo no outro... na base da situação simbiótica, está o filicídio: filho que nem nasce como pessoa, que é apenas um apêndice (Dametto, 1994, p. 125-128).

Alcade (2002) refere-se ainda à psicose pós-parto, reconhecida pela apresentação de pensamentos maternos de ferir o bebê (ou a si mesma) e desejos homicidas em relação ao filho, os quais podem culminar no filicídio. Em se tratando de uma estrutura psicótica, a maternidade, o bebê e suas constantes necessidades, seriam vividos como dados da realidade. Uma vez que a mesma é dificilmente aceita por sujeitos que apresentam este tipo de funcionamento psíquico, a criança - que revela e representa a realidade externa existente - seria eliminada como forma de se eliminar este dado que confirma a existência de um mundo que está além daquilo que o psicótico é capaz de lidar. Isso aconteceria, pois “o psicótico dificilmente consegue adaptar-se... pela sua ‘surdez’ e concomitante ‘cegueira’ diante da vida. Ele vê a si próprio e se sente... ignora completamente o resto que são os Outros” (Dametto, 1994, p. 48). Logo.

Neste espaço, falamos sobre o filicídio patológico, caracterizado pelos momentos quando ocorre a identificação projetiva onde não existe simbolização dos conflitos e os mesmos são diluídos pela via motora, ou seja, pelo ato de matar o próprio filho. Desta forma, “cada um, na verdade, é ele mesmo, no Outro... não tem afeto por ninguém além de si mesmo” (Dametto, 1994, p. 57). A criança é vista como um nada e é preenchida com os elementos indesejáveis do Eu materno, uma parte que causa sofrimento por apontar a

realidade dolorosa, parte esta que é eliminada pelo filicídio. Nestes quadros, a mãe vê a si mesma em seus filhos, os quais são tomados como objetos parciais. Trata-se, portanto, de um funcionamento psíquico demarcado pelo narcisismo patológico.

Para Mannoni (1965, p. 90),

é antes do nascimento do filho que existe um clima que favorece a eclosão psicótica. Desde a concepção, o indivíduo representa para a mãe um papel muito preciso no plano fantasmagórico; o seu destino já está traçado: será esse objeto sem desejos próprios, cujo único papel será preencher o vazio materno.

Sendo assim, podemos ver essa descrição vivificada nas mães psicóticas apresentadas no capítulo anterior. Algumas delas, antes mesmo de terem seus filhos, foram diagnosticadas com algum quadro psicológico comprometedor para suas relações e para elas mesmas, desta forma, quando tiveram a primeira oportunidade de cometer o filicídio, o executaram. Seus filhos representaram, para estas figuras, o campo fantasmático mais ameaçador que elas tinham, não restando a elas qualquer alternativa que não fosse acabar com o problema de forma ativa e brutal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar sobre o tema do filicídio e entender a psicodinâmica concernente às mães que matam seus filhos, é uma tarefa bastante complexa. Em primeiro lugar, é preciso aprender a lidar com as próprias emoções, no tocante da brutalidade em que estes fenômenos acontecem. Muitas vezes, o caminho da pesquisa se torna um tanto quanto árduo, pela dificuldade de se desprender da ideia do amor materno como algo inato ao feminino. Não, o amor de uma mãe por um filho não é algo natural, nenhuma mulher nasce com a característica inata de amar seus herdeiros. Mesmo que haja um arcabouço biológico – que pode favorecer o exercício da maternidade –, o contexto social e familiar, numa dinâmica com as características psíquicas de cada mulher formará a tônica para sua relação com seus filhos.

Ao falar sobre o social, podemos encontrar registros de tempos remotos que nos levam ao conhecimento de que o filicídio já era pensado em sociedades antigas. Graças à preservação de algumas narrativas da mitologia grega podemos ter contato com os sujeitos daquela época. Muito além disso, pela representação do mito de Medéia, verificamos a que ponto a fúria feminina é capaz de chegar. Neste caso, vemos que a personagem, por se sentir desonrada e substituída por outra mulher, arquiteta sua vingança contra Jasão de modo a retirar dele a garantia da continuidade de suas gerações, por meio do assassinato dos filhos. A heroína não nega seu sofrimento pela perda de suas crianças, mas naquele momento, para ela, mais valia provocar a dor no outro, naquele que a feriu, a continuar com os filhos e sentir-se abandonada, pois perdera o homem que tanto amou, o qual era a maior razão de sua existência.

Vimos, também, com os casos apresentados da atualidade, que não é apenas por motivos de vingança que as mulheres tomam atitudes como Medéia. Observamos que um dos fatores mais implicados no assassinato dos filhos tem relação com as experiências infantis, especialmente na relação da mulher com sua mãe, em como esta foi cuidada, como sua mãe conseguiu conter suas pulsões agressivas ao lidar com sua filha; esta menina, ao assumir os deveres da maternidade, revive suas experiências remotas, especialmente as emoções provocadas por sua genitora. Então, é aí que o novo bebê corre riscos, quando as pulsões arcaicas agressivas não foram elaboradas pela genitora e pode ser que ela não seja capaz de estabelecer um vínculo afetivo favorável ao desenvolvimento da criança. As emoções antigas são expressas na nova relação, a agressividade infantil desta mãe contamina a relação

com seu bebê, o qual pode vir a ser a vítima de uma história que o antecede e, desta forma, sua vida pode ser interrompida por ataques violentos de sua mãe.

Seria um equívoco pensar que essas mulheres são frias, que não são capazes de sentir coisa alguma em relação aos filhos falecidos. Assim como Medéia sentiu momentos antes de matar seus filhos, a dor de findar a existência dos mesmos, em algum momento, mesmo que numa duração de segundos, estas genitoras também sofrem. Algumas, em uma forma extrema de manifestar o quanto foram afetadas com o óbito infantil, chegam até mesmo a cometer o suicídio, umas devido ao sentimento de culpa insuportável, outras por se verem sem aquela figura que de alguma forma amparavam suas angústias e suportavam seus ataques furiosos, se veem sozinhas no mundo e pela incapacidade de lidar com os dramas de sua existência tão dolorosa, decidem parar de viver, ou ainda, sentem como se uma parte delas estivesse falecido e, por não suportarem esta realidade, atuam da mesma forma.

Há de se dizer também sobre os casos de psicose, nestes, a dificuldade de reconhecer o outro como um ser distinto em sua realidade, separadamente da mãe, por vezes, pode tornar as atribuições da maternidade uma tarefa de difícil execução. A criança, vista como uma ameaça ao Ego fragilizado de sua mãe, acaba sofrendo os ataques desta, a qual não luta com um bebê; a batalha é com seus fantasmas. Na concepção fragmentada da realidade da mulher psicótica, assassinar o bebê seria vencer aquilo que atormenta sua mente. São mulheres mais voltadas para seus próprios desejos inconscientes que para a realidade externa.

Este trabalho tem como contribuição científica a reflexão acerca destes diferentes quadros e da singularidade existente em cada fenômeno de filicídio. Não é possível apontar para um caso e dizer que uma mãe matou seus filhos por uma ou outra razão. É preciso olhar para cada evento como único e em sua totalidade. Mais do que isso, compreender que a única semelhança entre todas estas mulheres é a existência de um sofrimento tão agudo, tão massacrante a elas mesmas, que o fato de cometerem o filicídio seria muito mais a expressão de um sintoma para a forma em que lidam com suas angústias particulares. Elas também são, de algum modo, vítimas de sua própria história, de um contexto em que foram inseridas em certo momento e possuem uma estrutura psíquica fragilizada.

Vemos que os filhos, nestes casos estudados, servem de alvo para se descarregar as pulsões agressivas maternas. As mulheres aqui apresentadas possuem em comum o fato de

terem dado fim à vida de seus filhos, elas se apresentaram frágeis diante de certas adversidades da vida, pois ficaram aprisionadas nas decepções e fracassos da infância. Elas não são pessoas perversas ou más por natureza, muitas vezes matam por amar demais – seus filhos ou os cônjuges -, por se verem numa situação de total desespero e depressão, por sentirem a angústia do abandono, traço marcante em suas vidas. Ou por se verem ameaçadas ao reviverem uma situação de rivalidade que remete à situação pré-edípica e traz como ameaça a perda do sentimento de exclusividade do objeto amado. E essa angústia, fomentada pela ameaça do abandono à qual nenhuma mulher está livre de sentir, pode fazer com que tais mulheres filicidas sejam vistas como seres muito distintos das outras mães – daquelas que não assassinaram seus filhos.

Acerca das pulsões e da agressividade humana, Freud (1929/1996f), em o *Mal-Estar na Civilização*, relembra que

os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes [pulsionais] deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade.... em circunstâncias que lhe são favoráveis [a agressividade].... também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho (p. 117)

Isso significa afirmar que todos estão propensos a ser agressivos, pois temos em nossas origens marcas da hostilidade que a todo tempo coloca a vida civil em ameaça de dissociação. Desta forma, as pulsões agressivas precisam ser contidas por meio de limites estabelecidos a fim de que a vida em sociedade seja preservada e segura. Talvez a mitologia tenha lidado com mais maturidade sobre os sentimentos humanos do que nossa sociedade atual, por isso, os enredos míticos são grandes aliados dos estudos psicanalíticos. Sobre a mitologia e a psicanálise, diz Dametto (1994) que

muitos psicanalistas, ou ignoram os mitos, ou não se interessam pelas verdades humanas que contêm, ou não usam uma interpretação correta na prática clínica. Mais que recomendável, é muito necessário que o profissional tenha um sólido e amplo embasamento cultural, além dos conhecimentos psicanalíticos. Não foi com a Mitologia que Freud ilustrou sua doutrina? (p. 48)

Os mitos representam, dentre outros aspectos, os sintomas, doenças e traumas da humanidade. Os mitos, ao serem recontados ganham uma dimensão psicológica por tocar as tensões e ansiedades de cada indivíduo, quando, através da projeção e identificação, nos relacionamos com os personagens das tramas de modo a compartilhar das mesmas carências,

necessidades e fantasias, e assim, conseguimos encontrar uma via de descarga pulsional. Por isto, Rascovsky (1973) considera que “a Psicanálise sempre se apoiou nos costumes e pensamentos ‘primitivos’, argumentando que esses representariam os arcanos do inconsciente, por seu arcaísmo e ilogicidade que seriam reprodutores do processo primário” (p. 122).

Enquanto nós tentamos evitar tocar nos assuntos que nos causam mal estar, os gregos traziam para suas obras todo esse íntimo humano da crueldade, da fúria, da loucura, sem que os personagens fossem enrijecidos a uma única característica, pois podiam apresentar estes traços e serem também bons, fiéis e dotados de qualquer outro adjetivo positivo. Acrescentamos esta reflexão para reforçar o parágrafo anterior, onde relembramos que estas mulheres aqui retratadas também apresentam qualidades positivas e, enquanto forem vistas somente pelo viés do julgamento moral, não poderão ganhar espaço para se expressarem, para serem compreendidas em sua totalidade e, assim, os profissionais que lidam com gestantes e futuras mães continuarão distantes destas mulheres e, principalmente, das chances de aprofundar as compreensões acerca desta temática. A dificuldade de lidar com o assunto talvez tangencie os pressupostos de Badinter (1985, p. 22) quando a mesma afirma que “no fundo de nós mesmos, repugna-nos pensar que o amor materno não é indefectível. Talvez porque nos recusemos a questionar o amor absoluto de nossa própria mãe”.

Sobre o fato de encararmos as pulsões agressivas e os desejos de destruição como parte da essência do ser humano, sabemos que isto não é uma tarefa fácil. Nesse sentido, Freud (1929/1996f) também afirma que esta é uma tarefa árdua, quando recorda de sua própria experiência com o contato de tal conteúdo. O autor declara:

recordo minha própria atitude defensiva quando a ideia de um instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo levou até que eu me tornasse receptivo a ela. Que outros tenham demonstrado, e ainda demonstrem, a mesma atitude de rejeição, surpreende-me menos, pois 'as criancinhas' não gostam quando se fala na inata inclinação humana para a 'ruindade', a agressividade, a destrutividade, e também para a crueldade (p. 126).

Freud apresentou as disputas entre pais e filhos quando falou da horda primitiva, em *Totem e Tabu*, mas não discutiu sobre o filicídio; deu ênfase ao parricídio. Por outro lado os mitos trataram sobre o filicídio abertamente, conforme se pode ver em Medéia. O fato é que o filicídio esteve presente por toda a história da humanidade, entretanto, se não falarmos sobre o assunto ele permanecerá escondido de nossa realidade concreta e de nosso consciente. Dametto (1994) afirma que

o Filicídio... não tem merecido, por parte dos teóricos, devida atenção, cuidado e ênfase. Tanto o FILICÍDIO como o NARCISISMO que existem em TODAS as pessoas, doentes ou sadias, sofrem uma espécie de negação.... Acontece que o Narcisismo e o Filicídio figuram entre as emoções mais primitivas do homem.... A negação destes sentimentos que viraram tabu a sociedade ocidental advém de serem extremamente dolorosos.... firma-se então, entre todos, um pacto inconsciente de não falar sobre o assunto. O doente, porém, sofrerá pela solidão com que terá que defrontar, quando tais emoções aflorarem a seu consciente (p. 23).

Se não olharmos para estes aspectos da humanidade não veremos estas mães como seres humanos, mas como figuras sem problemas relacionados à vida e à morte. Aliás, Freud (1928/1996b, p. 17) salientou que

se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, antissociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana.

Assim, é possível notar que como ponto em comum entre as hipóteses apresentadas acima, há questões concernentes ao narcisismo ligadas ao filicídio. Dametto (1994) compactua com esta ideia quando afirma que

conseguimos entender melhor a natureza psicológica do homem e vê-lo como um ser que conserva no fundo de sua alma níveis de narcisismo que são potencialmente filicidas. Filicídio e narcisismo (e conseqüentemente muita coisa da psicose), assim aproximados e compreendidos, deixam, então, de ser apenas conceitos abstratos da teoria para tornarem-se dados concretos. (p. 16)

Não pretendemos aqui apresentar que uma mãe não possa sentir raiva ou não desejar a existência de seu filho em certos momentos, isso é natural das relações. O que precisa existir é uma ligação entre mãe e filho, na qual a pulsão agressiva não sobressaia aos desejos de cuidado e manutenção da vida da criança. As mães possuem seus limites, podem se encontrar irritadas ou cansadas em certos momentos, e mesmo assim não se sentirem atacadas pela criança gerada. Como vimos, todas as mães carregam consigo a pulsão filicida, mas cada uma delas lida de uma forma diferente com esta; pode ser que o desejo nunca se torne ação, ou seja, o mesmo é superado por formações simbólicas e não na realidade concreta.

Santos e Motta (2014) refletem em sua pesquisa – que, embora focada na maternidade em adolescentes, pode ser útil para nossa reflexão – sobre a importância de não se negar as dificuldades concernentes à função materna, as quais englobam a história de vida e a situação emocional das mães, pois se estas estiverem precárias, dificilmente a maternagem poderá ser realizada de forma bem-sucedida. Para que esta condição seja evitada é necessário, portanto,

oferecer ajuda às mulheres, de modo a proporcionar condições adequadas para a integração e elaboração de sua história pessoal e a nova história que pode ser escrita com sua criança. Se a mãe vivencia uma condição de insegurança, existe a possibilidade de que sua vida passe a ser regida por sentimentos de medo e angústia. Torna-se difícil o estabelecimento de uma relação de confiança e entrega com o bebê, a relação mãe-filho se torna ameaçada e a insegurança materna é repassada ao novo indivíduo que vem ao mundo, sendo que este pode ser colocado em situações tão ameaçadoras capazes de culminar em sua morte, caso o pedido de ajuda destas mães não seja ouvido a tempo. “É importante que os profissionais da área e os cidadãos no geral não percam a oportunidade de auxiliar as pessoas em seu processo de amadurecimento, na reconstrução de suas histórias e no encontro com sua humanidade.” (Santos & Motta, 2014, p. 524).

Por fim, acreditamos que enxergar os indivíduos, cada qual com sua humanidade, é um exercício nada fácil, pois, como na clínica, muitas vezes necessitamos nos desprender de nossos valores e conceitos para conseguir olhar para a realidade como o outro vê; isso significa se colocar em uma postura empática. É difícil se colocar na posição destas mães que cometeram o filicídio, justamente pelo caráter de horror de seus atos. Uma possibilidade para superar as barreiras que nos impedem de uma aproximação destas mulheres seria, em primeiro lugar, reconhecermos em nós a existência da pulsão de morte e os desejos inconscientes de cometermos atos violentos. Ao aceitarmos nossa realidade psicológica e quando vamos além de um olhar superegoico para estes casos, podemos criar em nós um espaço psíquico que acolha estes indivíduos e, sobretudo, nos permita visualizar os conteúdos encobertos pelo filicídio.

REFERÊNCIAS

- Aborto em Portugal (2001). *Matei meu filho*. Recuperado em 18 janeiro, 2015 de <http://abortoemportugal.blogspot.com.br/2011/08/matei-o-meu-filho.html>
- Albuquerque, K. (1995). *Impasses na comunicação com o psicótico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo
- Alcade, M. S. G. (2002). Patologia psiquiátrica en el puerpério. *Revista de Neuropsiquiatria*, 65(1), 32-46.
- Alt, M. dos S. & Benetti, S. P. C. (2008). Maternidade e depressão: impacto na trajetória de desenvolvimento. *Psicologia em Estudo*, 13(2) 389-394. Recuperado em 18 de abril de 2015, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122107022>
- Aristóteles (s. d.). Arte Poética. In: Aristóteles, Horácio, Longino. *A poética clássica* (pp. 19-54). (J. Bruna, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Auteur Collectif (2009). *Réflexions autour d'un tabou: l'infanticide*. Recupèrè en 16 août, de <http://infokiosques.net/IMG/pdf/infanticide-pageparpage-a4.pdf>
- Azoubel, D. N. (1993). *Mito e psicanálise: estudos psicanalíticos sobre formas primitivas do pensamento* (pp. 15-51). Campinas: Papirus.
- Badinter, E. (1985). Um Amor conquistado: o mito do amor materno.(W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira..
- BBC Brasil. (2010). *Entenda os novos casos de infanticídio na França*. Recuperado em 14 agosto, 2014 de http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/07/100729_entenda_infaticidio_rc.shtml
- Bion, W. R. (1966). Capítulo Quatorze. In: W. R. Bion. *Elementos da psicanálise: inclui o aprender com a experiência* (pp. 177-180). (J. Salomão & P. P. Corrêa, Trads.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1962).
- Borges, M. (2010). Aumentam casos de mães que matam filhos na França. *Criacionismo*. Recuperado em 14 agosto, 2014 de <http://www.criacionismo.com.br/2010/07/aumentam-casos-de-maes-que-matam-filhos.html>

- Bourget D., Grace J., & Whitehurst L. (2007). A review of maternal and paternal filicide. *The journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 35(1), 74-82. Retrieved January 14, 2015, from <http://www.jaapl.org/content/35/1/74.full.pdf+html>
- Bourget, D., & Bradford, J. M. W. (1990). Homicidal parents. *Canadian Journal of Psychiatry*, 35(3), 233–238.
- Bourget, D., & Gagné, P. (2002). Maternal filicide in Québec. *The journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 30(3) 345–351. Retrieved January, 20, 2015 from www.jaapl.org/content/30/3/345.full.pdf
- Bowra, C. M. (1967). Os deuses. In: C. M. Bowra. *A experiência grega* (pp. 70-102). (M. I. Belchior, Trad.). São Paulo: Arcádia.
- Brandão, J. S. (1985a). Tragédia grega. In: J. S. Brandão. *Teatro Grego: tragédia e comédia* (pp. 9-16). (3a. ed.). Petrópolis-SP: Vozes.
- Brandão, J. S. (1985b). Eurípidés. In: J. S. Brandão. *Teatro grego: tragédia e comédia* (pp. 57-70). (3a ed.). Petrópolis-SP: Vozes.
- Brandão, J. S. (1992). Gênese da tragédia. In: J. S. Brandão. *Teatro grego: Origem e Evolução* (pp. 28-50) . São Paulo: Ars Poetica. (Original publicado em 1924).
- Brazelton, T. B. (1988). *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carlioni, G., & Nobili, D. (1975). *La mauvaise mère. Phénoménologie et anthropologie de l'infanticide* (pp. 60-65). (R. Maggiori, Trad.). Payot-Paris: Edition Petite Bibliothèque Payot.
- Cassirer, E. (1993). El objeto de las ciencias culturales. In: E. Cassirer. *Las ciencias de la cultura* (pp. 7-55). (W. Rocés, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 1942).
- Castaño, B. L. (2005) El filicidio en Bogotá: 1998-2003. *Revista del Instituto Nacional de Medicina Legal y Ciencias Forenses*, 18(3): 39-70.

- Castaño-Henao, B. L. (2005). Transtorno mental y filicidio. *Revista Colombiana de Psiquiatria*, suplemento, 34(1), 82-89. Retrieved January 12, 2015, from <http://psiquiatria.org.co/web/wp-content/uploads/2012/04/VOL-34/S/Art.%20Original%20Trastorno%20mental%20y%20filicidio.pdf>
- Catão, I. (2002). A tristeza da mãe e seus riscos para o bebê. In: L. Correia-Filho, M. E. Corrêa & P. S. França (Orgs.), *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê* (pp. 232-248). Brasília: LGE
- Cramer, B. & Espasa, P. (1993). *Técnicas psicoterápicas mãe/bebê, estudos clínicos e técnicos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- d'Orban, P. T. (1979). Women who kill their children. *British Journal of Psychiatry*, 134, 560-571. Retrieved December 18, 2014 from <http://bjprcpsych.org/content/bjprcpsych/134/6/560.full.pdf>
- Dametto, C. (1994). *Filicídio e considerações sobre o narcisismo*. Rio de Janeiro: Folha Carioca.
- David, H. (1999). Les mères qui tuent. In: J. André (Org.) *La féminité autrement* (pp. 33 – 53). Paris: Petite Bibliothèque de Psychanalyse.
- DN Portugal (2013). *Mãe diz que matou filhos para fazer marido sofrer*. Recuperado em 18 janeiro, 2015 de http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3271642
- Dolto, F. (1996). A gênese do sentimento materno: esclarecimento psicanalítico da função simbólica feminina In: F. Dolto. *No jogo do desejo: ensaios clínicos*. (pp. 210-218). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Ática. (Original publicado em 1981).
- Eliade, M. (1968). *Aspectos del mito*. (L. G. Fernández, Trad.). Barcelona: Paidós. (Original publicado em 1963).
- Eliade, M. (1972). O tempo pode ser dominado. In: M. Eliade. *Mito e realidade* (pp. 71 – 85). (P. Civelli, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1963).
- Estado de Minas (2014). *Mãe que matou filho e escondeu corpo em sofá vai responder por homicídio e ocultação de cadáver*. Recuperado em 18 janeiro, 2015 de http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/07/29/interna_gerais,553078/mae-que-

matou-filho-e-escondeu-corpo-em-sofa-vai-responder-por-homicidio-e-ocultacao-decadaver.shtml

Eurípides. (s. d.). *Medéia*. In: F. R. Oliveira (Trad.). (2006). *Medéia: Eurípides*. (pp. 28-163). São Paulo: Odysseus.

Farooque, R., & Ernst, F. A. (2003). Filicide: a review of eight years of clinical experience. *Journal of the National Medical Association*, 95(1), 90-4. Retrieved December 18, 2014 from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2594368/pdf/jnma00305-0129.pdf>

Fernandes, D. (2013). *Caso de mãe que congelou bebês choca França*. BBC Brasil. Recuperado em 14 agosto, 2014 de http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/03/130326_bebes_franca_df.shtml

Fornari, F. 1991. Por uma Psicanálise das Instituições. In: F. Fornari. *A Instituição e as Instituições: estudos psicanalíticos*. (pp. 105-106). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Freud, S. (1996a). A dissecção da personalidade psíquica. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXII, pp. 67-90). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1932-1933).

Freud, S. (1996b). A interpretação dos sonhos. In: J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. IV, pp. 11-648). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

Freud, S. (1996c). A perda da realidade na Neurose e na Psicose. In: J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX, pp. 205-211). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).

Freud, S. (1996d). Luto e melancolia. In: J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIV, pp. 249-263). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917).

Freud, S. (1996e). O ego e o id. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX, pp. 15-82). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).

- Freud, S. (1996f). O mal-estar na civilização. In: J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 81-178). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1929).
- Freud, S. (1996g). O problema econômico do masoquismo. In: J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX, pp. 177-190). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).
- Freud, S. (1996h). Sexualidade feminina. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 237-257). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1931).
- Freud, S. (1996i). Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. II, pp. 43-62). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996j). Totem e Tabu In: J. Strachey (Ed e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIII, pp. 13-167). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996k). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. VII, pp. 129-250). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Friedman, S. H. & Resnick, P. J. (2007). Child murder by mothers: patterns and prevention. *WorldPsychiatry*, 6(3), 137-141. Retrieved December 23, 2014 from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2174580/>
- Friedman, S. H. & Resnick, P. J. (2009). Neonaticide: Phenomenology and considerations for prevention. *International Journal of Law and Psychiatry*, 32(1), 43-47. Retrieved December 22, 2014 from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160252708001428>
- G1 Globo (2014). *Mulher mata filho de 6 anos e deixa bilhete em São José*. Recuperado em 18 janeiro, 2015 de <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2014/11/mulher-mata-filho-de-8-anos-em-casa-e-deixa-bilhete-em-sao-jose.html>.

- Giornalettismo (2012). *Ho ucciso mio figlio perche era il diavolo*. Recuperati in 18 genio, 2015 di <http://www.giornalettismo.com/archives/204391/ho-ucciso-mio-figlio-perche-era-il-diavolo>.
- Guileyardo, J. M., Prahlow, J.A., & Barnard, J. J. (1999). Familial filicide and filicide classification. *American Journal Forensic Medical Pathology*, 20(3), 286-292.
- Guimarães, L. T. (2010). Paixões obscuras: ciúme, inveja e vingança. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto. Recuperado em 25 setembro, 2015 de [www-antigo.mpmg.mp.br/portal/public/interno/arquivo/id/20774](http://www.antigo.mpmg.mp.br/portal/public/interno/arquivo/id/20774)
- Hegenberg, M. (2004). *Psicoterapia Breve*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Homero. (s. d.) Livro XXI. In: Homero. *A Ilíada* (pp. 227-237). (F. C. A. Gomes, Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Jaspers, K. (1965). O homem. In: K. Jaspers. *Introdução ao pensamento filosófico* (pp. 45-54). (L. Hegenberg & O. S. da Mota, Trans.). 4a ed. São Paulo: Cultrix.
- Klein, M. (1974). *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1957).
- Kohut, H. (1979). Thoughts on narcissism and narcissistic rage. In: Kohut, H. *The search for the self: selected writings of Heinz Kohut*, v. 2 (pp. 615-658). New York: International Universities Press.
- Krischer, M. K., Stone, M. H., Sevecke, K., & Steinmeyer, E. M. (2007). Motives for maternal filicide: Results from a study with female forensic patients. *International Journal of Law and Psychiatry*, 30(3), 191-200. Retrieved December 23, 2014 from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160252707000209>
- Kury, M. G. (1992). Eurípides: Hécuba, introdução. In: *Ésquilo, Os persas; Sófocles, Electra; Eurípides, Hécuba* (pp. 151-154). (M. G. Kury, Trad.). Rio Jorge: Zahar.
- Lebovici, S. (2004). Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In: L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Lesky, A. (1976). Do problema do trágico. In: A. Lesky. *A tragédia grega* (pp. 17-45). (J. Guinsburg, G. G. Souza & A. Guzik, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1957).
- Lévi-Strauss, C. (1976). A estrutura dos mitos. In: C. Lévi-Strauss. *Antropologia estrutural II* (pp. 225-253). (M. C. Pandolfo, Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Original publicado em 1958).
- Levy, L., & Gomes, I. C. (2011). Relações amorosas: rupturas e elaborações. *Tempo psicanalítico*, 43(1), 45-57. Recuperado em 30 de setembro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003&lng=pt&tlng=p
- Lewis, C.F., & Bunce, S.C. (2003). Filicidal mothers and the impact of psychosis on maternal filicide. *The journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 31(4), 459-470. Retrieved January 14, 2015, from file:///C:/Users/User/Downloads/0912f50f98d009a006000000.pdf
- Léxico: dicionário de português online (n.d.). *Significado de Filicídio*. Recuperado em 12 fevereiro, 2015, de <http://www.lexico.pt/filicidio/>
- Mannoni, M. *A criança atrasada e a mãe*. (M. R. G. Duarte, Trad.). Lisboa: Livraria Moraes, 1965.
- Marco, M. D. (2012). Tragedia e polis. In: M. D. Marco. *La tragédia greca: Forma, gioco scenico, tecniche drammatiche* (pp. 67-82). (2a ed.). Roma: Carocci. (Original publicado em 2000).
- Marleau J. D. (2002). Aimer ses enfants à mort. Université de Montréal. Forum. 37(6). Recuperè en 16 janvier, 2015 de <http://www.iforum.umontreal.ca/Forum/ArchivesForum/2002-2003/020930/article1467.htm>
- Marleau, J.D., Laporte, L. (1999). Gender of victims and motivation of filicidal parents: is there a relationship? *Canadian Journal of Psychiatry*, 44(9), 924-925.
- Martínez, V. C. V. (2003). *A figura do Herói: entre a falta e o excesso. Por uma ruptura de campo em três tempos: a criança e o videogame, o herói mitológico e o homem psicanalítico*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Masterson, J. F. & Rinsley, D. B. (1975). The borderline syndrome: the role of the other in the genesis and psychic structure of the borderline personality. *International Journal of Psycho-Analysis*, (56), 163-77.
- McKee, G. R., & Shea, S. J. (1998). Maternal filicide: A cross-national comparison. *Journal of Clinical Psychology*, 54(5), 679-687. Retrieved December 23, 2014 from [http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/\(SICI\)1097-4679\(199808\)54:5%3C679::AID-JCLP14%3E3.0.CO;2-A/pdf](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1097-4679(199808)54:5%3C679::AID-JCLP14%3E3.0.CO;2-A/pdf)
- Meyer, C. L., & Spinelli, M. G. (2003). Medical and Legal Dilemmas of Postpartum Psychiatric Disorders. In: Spinelli, M. G. (Org.). *Infanticide: psychosocial and legal perspectives on mothers who kill* (pp. 167-183). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- Migliavacca, E. M. (1992). *Mitologia grega, uma luz sobre a apreensão psicanalítica da realidade mental*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Migliavacca, E. M. (1992). *Mitologia grega, uma luz sobre a apreensão psicanalítica da realidade mental*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Migliavacca, E. M. (2002). Dupla face do mito: modelo e função. *Revista brasileira de psicanálise*, 36(2), 251-262.
- Migliavacca, E. M. (2004). *A dimensão trágica do psiquismo: um ensaio na perspectiva psicanalítica*. Tese para obtenção do Título de Livre-Docente, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Milton, J. (1994). Abuser and abused: perverse solutions following childhood abuse. *Psychoanalytic Psychotherapy*, (8), 243-55.
- Moins, A. (2012). *Etude infanticide: facteurs psychologiques et sociaux*. Recuperè en 16 août, de <http://pt.slideshare.net/alexjn/etude-infanticide-facteurs-psychologiques-et-sociaux>

- Montaldo, C. (2014a). *Debra Milke, Arizona death row*. Retrived January 14, 2015, from http://crime.about.com/od/deathrow/ig/Arizona-Death-Row-Inmates/az_milke_d.htm#step-heading
- Montaldo, C. (2014b). *Women on death row, Frances Elaine Newton*. Retrived January 14, 2015, from http://crime.about.com/od/female_offenders/p/deathrow9.htm.
- Montaldo, C. (2014c). *Women who kill their children, 11 women are on the death row for killing their kids*. Retrived January 14, 2015, from http://crime.about.com/od/female_offenders/a/mother_killers.htm
- OAB São Paulo (2014). *A Mulher que matou o filho*. Recuperado em 18 janeiro, 2015 de <http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/grandes-causas/a-mulher-que-matou-o-filho>
- Oberman, M. (2003). A Brief History of Infanticide and the Law. In: Spinelli, M. G. (Org.). *Infanticide: psychosocial and legal perspectives on mothers who kill* (pp. 3-18). Washington,DC: American Psychiatric Publishing.
- Oliveira, F. R. (2006). Introdução. In F. R. Oliveira (Trad.). *Medéia: Eurípidés* (pp. 13-25). São Paulo: Odisseus.
- Paiva, M. L., & Gomes, I. C. (2008). A transmissão da vida familiar. In I. C. Gomes, (Coord.), *Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Pastore, J. A. D. (2012). Psicanálise e linguagem mítica. *Ciência e cultura*. 64(1), 20-23.
- Prud'Homme, V. (2012). *Infanticide : une actualisation conjugale de problématiques singulières : problématique de mort d'enfants : analyse du parcours de vie des femmes*. Thèse de doctorat, Université Rennes 2, Rennes, France.
- R7 Notícias (2014). *Mãe que matou filho grava último vídeo de criança dizendo "te amo"*. Recuperado em 18 janeiro, 2015 de <http://noticias.r7.com/minas-gerais/mae-que-matou-filho-grava-ultimo-video-de-crianca-dizendo-te-amo-29072014>
- Rascovsky, A. (1973). *O assassinato dos filhos (filicídio)*. (L. M. Jobim, Trad.) Rio de Janeiro: Documentário.

- Resnick, P. J. (1969) Child murder by parents. *American Journal of Psychiatry*, 126(3), 325-334.
- Resnick, P. J. (1970). Murder of the newborn: a psychiatric review of neonaticide. [Eletronic Version] *The American Journal of Psychiatry*, 126(10), p. 58-64.
- Rheingold, J.C. (1967). Maternal Destructiveness. In: J.C. Rheingold, *The mother, anxiety, and death: The catastrophic death complex* (pp. 156-200). Boston: Little Brown and Company.
- Romilly, J. (1984a). O início do século V: nascimento da tragédia e da história. In: J. Romilly. *Fundamentos de literatura grega* (pp. 73-91). (M. G. Kury, Trad). (Original publicado em 1980).
- Romilly, J. (1984b). O teatro na segunda metade do século V: Sófocles, Eurípides, Aristófanes. In: J. Romilly. *Fundamentos de literatura grega* (pp. 107-117). (M. G. Kury, Trad). (Original publicado em 1980).
- Ropert, R. (1988). Peu de recours à l'article 64. *Nervure*. 2(1), 449-465.
- Rosa, A. J., Reis, A. O. A., & Tanaka, A. C. d'A.. (2007). Gestações sucessivas na adolescência. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 17(1), 165-172. Recuperado em 01 de outubro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000100017&lng=pt&tlng=pt. .
- Sadoff, R.L. (1995). Mothers who kill their children. *Psychiatric Annals*, 25(10), 601-605.
- Santos, K. D., & Motta, I. F. da. (2014). O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, 31(4), 517-525. Recuperado em 23 de fevereiro de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000400006&lng=en&tlng=pt. 10.1590/0103-166X2014000400006.
- Serial Killers, Homicidas, Psicopatas (2010). *Andrea Yates - A mãe que matou os 5 filhos*. Recuperado em 14 agosto, 2014 de <http://pasdemasque.blogspot.com.br/2010/02/andrea-yates-mae-que-matou-os-5-filhos.html>

- Shakespeare, W. (1968). *Hamlet*. (A. A. de Q. C. DE Mendonça, trad.). Rio de Janeiro: Livraria Agir. (Original publicado em 1602).
- Smithey, M. (2001) Maternal Infanticide and Modern Motherhood. *Women & Criminal Justice*, 13(1), 65-83.
- Spinelli, M.G. (2001). A systematic investigation of 16 cases of neonaticide. *American Journal Psychiatry*. 158(5), 811-813. Retrieved January 12, 2015, from <http://ajp.psychiatryonline.org/doi/full/10.1176/appi.ajp.158.5.811>
- Stanton, J., Simpson, A., & Wouldes, T. (2000) A qualitative study of filicide by mentally ill mothers. *Child Abuse & Neglect*, 24(11), 1451–1460. Retrieved December 18, 2014 from http://ac.els-cdn.com/S0145213400001988/1-s2.0-S0145213400001988-main.pdf?_tid=9bbf5b86-b450-11e4-b40a-00000aacb35f&acdnat=1423922083_a6919e1c3ab854282e3d9b4b56d44d6c
- Stoller, R. J. (1991). *Myths for the Twentieth Century*. New Haven: Yale University Press.
- Terra (2010a). *Mães Assassinas: relembre dez casos de mulheres que mataram seus filhos*. Recuperado em 14 de agosto, 2014, de <http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/maes-assassinas/02.htm>
- Terra (2010b). *Britânica é acusada de matar filha com bicho de pelúcia*. Recuperado em 22 dezembro, 2014 de <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/britanica-e-acusada-de-matar-filha-com-bicho-epelucia,f6cc27721cfea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>
- Terra (2010c). *Mãe holandesa que matou 4 bebês e escondeu em malas confessa que matou 4 bebês e escondeu em malas*. Recuperado em 22 dezembro, 2014 de <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/mae-holandesa-que-matou-4-bebes-e-escondeu-em-malas-confessa,91984af60c6ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>
- Terra (2010d). *Mãe de crianças mortas em hotel na Espanha confessa crime*. Recuperado em 22 dezembro, 2014 de <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/mae-de-criancas-mortas-em-hotel-na-espanha-confessa-crime,9409462627b2b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>
- Terra (2010e). *Britânica é acusada de matar filho autista de 11 anos*. Recuperado em 22 dezembro, 2014 de <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/britanica-e-acusada-de-matar-filho-autista-de-11-anos,edda2352316fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

- Terra (2010f). *Escócia: mãe é acusada de simular explosão para matar filhos*. Recuperado em 22 dezembro, 2014 de <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/escocia-mae-e-acusada-de-simular-explosao-para-matar-filhos,03ec27721cfea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>
- Varela, C., & Otão, S. (2012). Mãe que matou os filhos era conhecida por ter uma conduta estranha. *Jornal de Notícias*. Recuperado em 14 agosto, 2014 de http://www.jn.pt/PaginaInicial/Seguranca/Interior.aspx?content_id=2958721
- Verea, C. P., & Garay, M. E. S. (2007). Los entretelones de la maternidad: a la luz de las mujeres filicidas. *Estudios Sociológicos*, 25(74), 309-340. Recuperado em 16 dezembro, de 2014 <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59825202>
- Vernant, J.-P. (2005a). O momento histórico da tragédia na Grécia: algumas condições sociais e psicológicas. In: J.-P. Vernant, & Vidal-Naquet, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga* (pp. 01-05). (T. Vieira, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1981).
- Vernant, J.-P. (2005b). Tensões e ambiguidades na tragédia grega. In: J.-P. Vernant; Vidal-Naquet, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga* (pp. 07-24). (T. Vieira, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1981).
- Vico, G. (1987). Capítulo II: Meditación de una ciencia nueva. In: G. Vico *Princípios de una ciencia nueva: em torno de la naturaleza común de las naciones* (p. 17). (Trad. J. Carner) (México: Colección Popular Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 1725).
- Vieira, S. G. (2013). *Mulheres e infanticídio: uma revisão da literatura internacional*. Recuperado em 16 agosto, de 2014 <http://ceam.unb.br/nepem/2.0/wp-content/uploads/2013/11/Sinara-Gumieri-Infantic%C3%ADdio-revis%C3%A3o-de-literatura-internacional.pdf>
- Welldon, E. V. (1988). *Mother, Madonna, Whore: The Idealization and Denigration of Motherhood*. London: Free Association Books.
- Welldon, E. V. (2008). O mito da maternidade glorificada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 113-123. Recuperado em 18 de fevereiro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400014&lng=pt&tlng=pt .

Winnicott, D. W. (1993). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (J. Russo, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1956).

Zimerman, D. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.